

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

LÚCIA DE MENEZES



EDUCAÇÃO E RELIGIÃO NO PENSAMENTO DE RUBEM ALVES: POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO RELIGIOSO NOS PRIMEIROS ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 04/12/2017.

VITÓRIA

2017

LÚCIA DE MENEZES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 04/12/2017.



EDUCAÇÃO E RELIGIÃO NO PENSAMENTO DE RUBEM ALVES: POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO RELIGIOSO NOS PRIMEIROS ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho final de Mestrado profissional para
obtenção de grau de Mestre em Ciências das
Religiões Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-graduação em Ciências das
Religiões
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. José Adriano Filho

VITÓRIA

2017

Menezes, Lúcia de

Educação e religião no pensamento de Rubem Alves / Possíveis contribuições ao Ensino Religioso nos primeiros anos do Ensino Fundamental / Lúcia de Menezes. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

vi, 91 f. ; 31 cm.

Orientador: José Adriano Filho

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

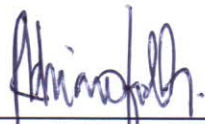
Referências bibliográficas: f. 75-78

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Rubem Alves.
4. Literatura. 5. Educação e ensino religioso. - Tese. I. Lúcia de Menezes. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

LÚCIA DE MENEZES

EDUCAÇÃO E RELIGIÃO NO PENSAMENTO DE RUBEM ALVES: POSSÍVEIS
CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO RELIGIOSO NOS PRIMEIROS ANOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

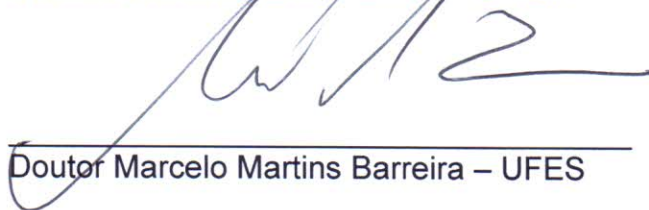
Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor José Adriano Filho – UNIDA (presidente)



Doutora Claudete Beise Ulrich – UNIDA



Doutor Marcelo Martins Barreira – UFES

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem Ele nada teria sentido, porquanto “nele vivemos, e nos movemos, e existimos”.

Aos professores que insistentemente continuam a acreditar na educação.

Aos funcionários da Faculdade Unida pelo carinho e atenção com que tratam os alunos.

Ao meu marido, Renato de Simas, que muito me incentivou, me ajudou e sem medir esforços colaborou para a conclusão deste curso.

E aos amigos pelo incentivo.



RESUMO

Este trabalho dissertativo pretende investigar as possíveis contribuições da crítica/ produção literária do escritor Rubem de Azevedo Alves, para a área acadêmica das Ciências das Religiões, particularmente para o Ensino Religioso. Para isso, primeiramente buscou-se traçar o itinerário percorrido pelo autor, através da sua biografia. Em seguida, tratou-se de identificar as bases sobre as quais Rubem Alves fundamentou o seu pensamento teológico, filosófico e educacional. Posteriormente, investigou-se os conceitos chaves que farão parte do seu labor reflexivo, tanto na área da religião quanto na área da educação e por fim buscou-se articular a sua concepção de religião e educação ao Ensino Religioso.

Palavras-chave: Rubem Alves. Religião. Literatura. Educação. Ensino Religioso.



ABSTRACT

This essay intends to investigate the possible contributions of the critic / literary production of the writer Rubem de Azevedo Alves, for the academic area of the Sciences of Religions, particularly for Religious Education. To do this, we first sought to trace the itinerary covered by the author, through his biography. Then, it was tried to identify the bases on which Rubem Alves based his theological, philosophical and educational thought. Subsequently, the key concepts that will be part of his reflective work, both in the area of religion and in the area of education, were investigated and, finally, he sought to articulate his conception of religion and education to Religious Education.

Keywords: Rubem Alves. Religion. Literature. Education. Religious education.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 A TRAJETÓRIA DE RUBEM AZEVEDO ALVES.....	11
1.1 A vida em família de Rubem de Azevedo Alves.....	11
1.2 A vida religiosa e acadêmica de Rubem de Azevedo Alves	16
1.3 A vida no exílio e a volta para casa de Rubem de Azevedo Alves	25
2 AS BASES DO PENSAMENTO DE RUBEM ALVES	29
2.1 As bases teológicas.....	29
2.2 As bases filosóficas	34
2.3 As bases educacionais	44
3 NOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO.....	51
3.1 A centralidade do corpo.....	51
3.2 O encontro com a literatura	53
3.3 A educação dos sentidos.....	59
4 A APLICABILIDADE DA TEOLOGIA DE RUBEM ALVES NO ENSINO RELIGIOSO	70
4.1 O objeto e o objetivo do Ensino Religioso	71
4.2 A religião como linguagem poética.....	75
4.3 A teopoética de Rubem Alves como aporte para o Ensino Religioso.....	76
CONCLUSÃO.....	82
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

Esta dissertação busca averiguar se há alguma contribuição da crítica e da produção literária do autor Rubem Alves, para o estudo das Ciências das Religiões, especialmente para a metodologia do Ensino Religioso. Partindo dessa premissa, será analisado o seu discurso com o objetivo de verificar que aspectos poderiam subsidiar a área científica.

Este trabalho encontra justificativa uma vez que a Lei nº 9.475 de julho de 1997¹, que modificou o artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.493 de 20 de dezembro de 1996², deu ao Ensino Religioso um caráter epistemológico e pedagógico no currículo do Ensino Fundamental, colocando como parte integrante da formação básica do cidadão e como disciplina dos horários normais do Ensino Fundamental.

O Ensino Religioso fundamentado nas Ciências das Religiões, reconhece a religião como dado antropológico e social, sujeito à tratamento apropriado, mas que o conhecimento da religião faz parte da educação geral e deve estar sob a responsabilidade dos sistemas de ensino e submetido às mesmas exigências das demais áreas do conhecimento.³

Desvincular o Ensino Religioso da confessionalidade é pressuposto fundamental para que à luz das Ciências da Religiões se possa reconhecer sua identidade epistemológica, garantindo-lhe ainda, o direito de estar na escola.

Rubem Alves foi um exemplo de compreensão e respeito para com as diversas tradições religiosas e conseguiu dialogar com as diferentes formas de fé, superando a mentalidade que resiste em reconhecer a experiência do outro. A liberdade religiosa é direito inalienável do/a estudante, o que requer exclusão de toda ação pedagógica, quaisquer formas de proselitismo e exclusivismo religioso, o qual possa denotar superioridade de uma tradição religiosa sobre outra. É tarefa do professor favorecer a percepção da grandeza de um mundo plural e diverso e as religiões, cada uma com sua percepção de vida são verdadeiramente preciosas. É indiscutível a importância do reconhecimento da diversidade religiosa como riqueza e valor da humanidade e garantir o respeito às diferentes tradições significa potencializar o diálogo.

As Ciências das Religiões não garantem neutralidade no ensino, pois educar significa difundir valores, mas, tem clara intenção educativa e insiste na relevância do conhecimento da

¹ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 28 jul. 2017.

² PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 28 jul. 2017

³ PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 65.

religião para vida ética e social dos educandos. Educar na cidadania, projeto amplo da educação, deve integrar o Ensino Religioso, mas, deve estar pautado em pressupostos educacionais e não religiosos. O que também não significa desvalorizar a religiosidade, pois, a humanização e a formação do cidadão, se dão também por meio do conhecimento e dos valores salvaguardados pelas tradições religiosas.

Reconhecido, portanto, como uma área específica do conhecimento, necessita, pois, de metodologias que oportunizem a concretização de seus objetivos. Rubem Alves, teólogo, educador e poeta surge como uma possível proposta para uma prática pedagógica capaz de superar proselitismos e confessionalidades, sem deixar de lado a religião, enfatizando o seu lado poético, simbólico e narrativo. Não encontramos uma proposta explícita em suas obras, mas de certo há em sua trajetória experiências, tanto como educador, teólogo e poeta que servirão de inspiração para construção de uma proposta metodológica para o Ensino Religioso.

A relevância deste trabalho encontra-se também no fato de sugerir mais um caminho, talvez não tão original, mas, possível de aproximar crítica literária e Ciências das Religiões, respeitando a base epistemológica da Ciência no Ensino Religioso, como uma subárea, e em conformidade com a legislação. O propósito deste estudo é sugerir uma alternativa de trabalho sem, contudo, determinar normas ou emitir julgamentos.

A hipótese da pesquisa é que a literatura, o uso da metáfora e da poesia enobrecem o quadro epistemológico das Ciências das Religiões, mas principalmente indica uma metodologia para o Ensino Religioso, que tem na simbologia e na linguagem características primordiais para compreensão de seu objeto.

Que metodologia se adequaria ao trabalho pedagógico do Ensino Religioso nos primeiros anos do Ensino Religioso? Como trabalhar o fenômeno religioso com essa faixa etária? Em que aspectos, a educação e a religião pautada no pensamento do autor Rubem Alves, poderiam contribuir para uma metodologia, que leve em consideração o lúdico e a amorosidade, componente essencial no comportamento infantil? Quais as contribuições que as reflexões alvesianas poderiam dar ao Ensino Religioso?

A introdução da literatura de Rubem Alves, pretende responder a estes questionamentos. A objetividade científica requerida pelo Ensino Religioso, enquanto componente curricular ficará preservada ao manter-se na raia da crítica literária e daquilo que a escola pretender alcançar pedagogicamente. Como a literatura já é um conteúdo escolar, e a escola trabalha ou deveria trabalhar numa perspectiva interdisciplinar, conseqüentemente a hipótese na qual se baseia mostra-se válida uma vez que se trata de um fazer pedagógico em conjunto com as diretrizes, em que se baseiam as metodologias.

A presente dissertação restringiu-se à biografia e bibliografia de Rubem Alves, à autores correlatos e autores que pensam ou pensaram a educação especificamente na área do Ensino Religioso. O trabalho está dividido em quatro capítulos, que vão abordar a importância e o itinerário do autor, as bases nas quais o autor construiu o seu pensamento, a sua filosofia educacional, e a aplicabilidade da sua teologia nas Ciências das Religiões, especialmente no Ensino Religioso.

No primeiro capítulo serão tratadas a trajetória de Rubem Alves no cenário brasileiro e as transformações pelas quais passou, pois, conhecer a vida do autor propicia o conhecimento de seu pensamento. Segundo o autor a vida precede o pensar e tudo o mais que se produz e a produção intelectual se constrói a medida que se experimenta alegrias e tristezas, prazeres e sofrimentos. A medida que a vida do autor foi se desenvolvendo, sua sensibilidade foi sendo construída com os legados recebidos dos “outros significativos”. Muitos pesquisadores que se dispuseram a estudar suas obras, apontam a relevância que elas têm, principalmente na área da educação.

No segundo capítulo procurar-se-á averiguar as bases sobre as quais Rubem Alves desenvolveu o seu pensamento sobre o ser humano, a religião e a educação. Apresentar-se-á alguns dos teólogos, filósofos, poetas e profetas que parecem ser sua fonte de inspiração, raízes sobre as quais, o escritor de Boa Esperança elaborou seu pensamento filosófico-pedagógico. Reconhece-se, entretanto, quão vastas e profundas são estas raízes, porém limitar-se-á encontrar e captar algumas dessas fontes, objetivando compreender o caminho traçado pelo filósofo para elaborar a sua proposta de educação.

No terceiro capítulo procurar-se-á averiguar o que pensa Rubem Alves sobre educação. Ao se aproximar-se de filósofos, educadores e professores o autor se apropriará de alguns conceitos que serão explicitados pois se constituirão em seu labor reflexivo sobre a educação. Na antropologia do pensador, o corpo ocupará o lugar central. É, pois, a partir do conceito de corpo que girará a reflexão filosófica, teológica e pedagógica de Rubem Alves. Para ele, é através do corpo que o homem é impulsionado a seguir adiante, e será através da educação dos sentidos que o aluno conseguirá compreender-se e compreender o mundo. Por isso é tão importante a escola atentar para a afetividade e a sensibilidade tanto de educandos como de educadores. A reeducação dos sentidos fará parte do seu legado pedagógico.

Outro conceito importantíssimo na reflexão do autor será a linguagem. O homem cria e é criado pela linguagem. Há um poder “enfeitiçante” na linguagem que é capaz de aprisionar e libertar. Na linguagem do autor “a palavra se torna carne” e por isso a linguagem cristalizada precisa ser criticada. Ao ressignificar a linguagem religiosa, o literato possibilitou que esta

fosse tomada como instrumento de aprendizagem. E nesse sentido “a atividade educativa implica sempre um processo de morte e ressurreição do corpo que se fez linguagem e linguagem que se fez corpo”.⁴

Ao definir seu próprio estilo de escrever Rubem Alves explicita que escreve de forma fragmentada e não sabe se isso é virtude ou defeito logo, ao pesquisar a sua proposta pedagógica, deve-se levar em consideração essa característica. Através da análise de algumas de suas obras sobre educação pretende-se descobrir as bases metodológicas, filosóficas, teológicas e antropológicas que as subsidiem.

Ao refletir sobre educação, Rubem Alves vai criticar duramente as pedagogias tradicionais, por estarem afastadas da vida do aluno, longe do desejo e do prazer. Talvez por ser um crítico da academia ele tenha preferido fazer uso das metáforas e das imagens para apontar alguns caminhos para uma educação prazerosa. Ao analisar alguns de seus textos buscar-se-á estabelecer uma aproximação entre a literatura e o Ensino Religioso e a relevância da poesia tanto para a teologia quanto para a pedagogia. Por fim serão delineadas possíveis contribuições do pensamento alvesiano para o Ensino Religioso. Nas palavras do autor a literatura, além de tornar o homem nobre, embonitece-o, diferentemente da ciência. A ciência também é um jogo de palavras. É o jogo da verdade. A poesia brinca com os sonhos. A literatura humaniza o ser humano, oportuniza a reflexão e a capacidade de colocar-se no lugar do outro. As religiões são sonhos da alma humana, como poemas. Ensinar religião é ensinar poema.

⁴ NUNES, Antônio Vidal. *Corpo, Linguagem e Educação dos Sentidos no Pensamento de Rubem Alves*, São Paulo: Paulus, 2008, p. 9.

1 A TRAJETÓRIA DE RUBEM AZEVEDO ALVES

Rubem Azevedo Alves (1933-2014), nasceu no sul de Minas Gerais, na pequena cidade de Boa Esperança, é considerado um dos maiores educadores do país. Escritor e poeta transitou por diversas áreas como educação, filosofia, religião, mas, de poesia.⁵

Pesquisar, conhecer e compartilhar de seu pensamento é primeiramente um autobenefício, posto à profundidade e à beleza de sua produção cultural e a possibilidade de crescimento pessoal e intelectual. Conhecer a vida de um autor propicia o conhecimento de seu pensamento, pois, a vida precede o pensar e tudo o mais que se produz, à medida que se experimentam dores e sofrimentos, alegria e prazer.

1.1 A vida em família

Quarto filho homem do casal Carmen e Herodiano, Rubem Alves nasceu em casa, na rua Sá Brito, no centro de Dorés da Boa Esperança, na manhã do dia 15 de setembro de 1933. A mãe sonhava com uma menina que viesse a ser sua companheira e enfermeira na sua velhice, observou Rubem Alves, muitos anos depois. Mas, ao ver que era um garoto bonito e robusto sua tristeza logo se desfez.⁶

Quando Rubem nasceu a vida econômica da família estava arrasada. O pai de Rubem Alves passou da condição de um dos homens mais ricos da região para um dos mais pobres. Por conta da crise de 1929, com a quebra dos mercados acionários do mundo, houve uma queda nos preços internacionais das *commodities* o que abalou a economia do Brasil. Com uma dívida enorme e sem seu maior mercado consumidor, seus créditos foram suspensos e a indústria cafeeira entrou em declínio levando consigo toda a economia do país.⁷

Nas palavras do autor foi longo o seu itinerário. A infância foi feliz, mas viveu anos de pobreza, após a falência da família, em decorrência da depressão econômica ocorrida, e o pai que exportava café, perdeu tudo o que havia construído.

Em 1934, a família chegou ao fundo do poço. Até a casa em que viviam eles perderam. Foram socorridos por um cunhado de seu pai que lhes cedeu a fazenda Marimbondo para eles

⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio. In: CERVANTES ORTIZ, Leopoldo. *A Teologia de Rubem Alves: Poesia, brincadeira e erotismo*. Trad. Eleonora Frenkel Barreto. Campinas: Papyrus, 2005. p. 15.

⁶ GONÇALO JUNIOR. *É uma pena não viver: uma biografia de Rubem Alves*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015, p. 39.

⁷ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 40.

morarem. Encontraram na fazenda uma casa antiga, caiada de branco com janelas azuis de madeira e que se encontrava abandonada com as tábuas do assoalho apodrecidas e, no telhado, telhas velhas. As noites eram iluminadas pela luz de lamparina e das estrelas. A mãe trazia água da mina numa lata, o pai passou a trabalhar com a enxada e o machado. Diferente de seus irmãos, Alves não usufruiu das benesses advindas da riqueza. Contudo viveu dias felizes a brincar pelos campos, nesta fazenda.⁸ É o próprio Rubem Alves que conta que:

[...] era uma criança feliz, mesmo com os problemas dos adultos. A infelicidade começa com a comparação. E eu não tinha com que comparar, [...] Ainda não havia aprendido com os adultos a arte maldita da comparação. Esperança é coisa de gente grande, que vive no tempo, o passado, o presente, o futuro. Esperança é uma fantasia do futuro que alegra o presente. Criança não tem esperança. Não precisa. Se alegra no presente. Criança está fora do tempo, mora na eternidade. Na eternidade não há tempo, não há passado, não há futuro, só o presente. Criança vive o momento. Eu só vivia o presente. Não tinha ansiedades.⁹

O período de infância foi marcado pelos brinquedos artesanais feitos pela mãe. Petecas de palha, corrupios com botões e barbantes, barquinhos e chapéus de papel, bonequinhos de mãos dadas recortados de jornal. Um livro, que havia sido de sua mãe quando criança, encantava Rubem Alves por suas gravuras e o fazia sonhar.¹⁰ Da mãe recebeu também a primeira lição de Teologia. A oração que fazia todas as noites antes de dormir.

Agora me deito para dormir. Guarda-me ó Deus, em teu amor. Se eu morrer sem acordar, recebe minha alma, ó Senhor, amém. Aprendi que a gente morre. Por isso é preciso Deus, por causa da morte. O sono é uma morte da qual se acorda. Toda noite eu repito a lição. E aprendi que, morrendo, a alma, uma coisa que mora no corpo, volta para Deus. Eu não queria voltar para Deus. Preferia a terra ao céu.¹¹

Parece que as preferências pelas coisas da Terra já se faziam presente no menino Rubem Alves. Nesta fase difícil, sumiram os muitos amigos que outrora frequentaram a casa da família. Segundo Rubem, “pobre que sempre foi pobre não se envergonha da pobreza. Mas pobre que já foi rico é um homem humilhado”¹². Além da dor da pobreza, soma-se a dor da humilhação de ser desprezado pelos amigos. Até o padre desapareceu.

Após a falência, apenas uma pessoa não se distanciou da família, um evangelista chamado Firmino, que sempre os visitava e os consolava. Este evangelista mediou a aproximação da família com a igreja presbiteriana. Foi, portanto, por necessidade e gratidão

⁸ ALVES, Rubem. *O Velho que acordou menino*. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2015. p. 99.

⁹ ALVES, 2015, p. 101.

¹⁰ ALVES, 2015, p. 106.

¹¹ ALVES, 2015, p. 106.

¹² GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 48.

que se deu a “conversão” da família. Numa situação de solidão, uma comunidade acolhedora faz toda a diferença. E, nesse momento, não importa muito o que a comunidade prega, mas sim o fato de ser acolhido e de se sentir pertencente. Qualquer ideia esquisita é assimilada. “Entre amigos o amargo torna-se doce”. Deste evangelista, Rubem Alves guardou a lembrança da bondade para com o próximo e a convicção de que se pode ajudar as pessoas a serem felizes aqui na Terra, antes de irem para o céu.¹³

Mesmo diante da situação de pobreza o pai de Rubem Alves não desanimou e nem se revoltou, mas enfrentou o desafio de recomeçar, sempre preocupado com a formação de seus filhos. Mediante a aquisição de bolsas os filhos mais velhos foram estudar em Lavras, no Colégio Americano. Nesse período começa uma aproximação da família, com a igreja presbiteriana.¹⁴

Não sendo um homem do campo, o pai de Rubem Alves resolveu ir para a cidade de Lambari. Em Lambari, Rubem conheceu a lâmpada elétrica. As lamparinas passaram a fazer parte do passado. Banheiro com vaso sanitário foi outra maravilha encontrada nesta cidade. As coisas começavam a melhorar e menos de um ano depois a família mudou-se para Três Corações e por fim foram para Varginha, onde Herodiano, o pai de Rubem Alves, trabalhou como representante comercial, viajando por todo estado de Minas.¹⁵

Foi em Varginha que Alves começou a frequentar a igreja, obrigado por seu pai, pois ele mesmo não gostava. Em Varginha, Rubem Alves estudou no Grupo Escolar Brasil, onde pela primeira vez ele se sentiu protestante.¹⁶

Num belo dia, sem aviso prévio, a professora entrou em classe acompanhada de padre com batina preta. ‘Quem é que vai para a confissão e para a comunhão?’ Perguntou ele com voz taquaral clerical. A menina toda levantou a mão. Menos eu e Estelino, que era espírita. Todo mundo olhou espantado para a gente enquanto o sangue subiu o rosto e os nossos olhos se enterravam no chão. Miseravelmente diferente, sem saber por que, enquanto os outros cochichavam riso contra minha singularidade. E o padre e sua batina foram crescendo, crescendo sem parar, e o menino indefeso foi sentindo a dor do estigma. Eu era diferente. Nunca me esqueci.¹⁷

Da primeira escola ficaram boas recordações, segundo Rubem, como o amor pelos livros, que veio a partir da leitura que a professora fazia para os alunos. Para ele aprende-se o prazer da leitura como se aprende o prazer da música, quer dizer, ouvindo. Para ele e para os

¹³ ALVES, 2015. p. 116-117.

¹⁴ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 49.

¹⁵ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 64-69.

¹⁶ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 88.

¹⁷ ALVES, 1982, apud NUNES, Antônio Vidal. *Corpo, Linguagem e Educação dos Sentidos no Pensamento de Rubem Alves*, São Paulo: Paulus, 2008. p. 19 - 20.

colegas a leitura da professora fazia-os sentir transportados para um mundo mágico. E foi assim o seu primeiro contato com as obras do Monteiro Lobato.¹⁸

Os anos passados em Varginha foram considerados felizes, para Rubem. Por ocasião do seu 10º aniversário ganhou de presente um livro: “Alice no País das Maravilhas” que leu e não gostou e um quebra-cabeça, que montado formava a oficina de Gepeto, o criador de Pinóquio, que ele amou e pelo qual se apaixonou.¹⁹

Tendo progredido, a família mudou-se para o Rio de Janeiro. A vinda e a vida no Rio de Janeiro fizeram com que Rubem Alves perdesse seus referenciais emocionais. As diferenças entre ele e seus colegas de escola, evidenciadas na fala, com sotaque mineiro, e no jeito de vestir-se, fizeram-no sentir-se ridículo e sem saber como agir diante das piadas e brincadeiras maldosas. Trazendo à memória esse tempo, Rubem Alves fala que pela primeira vez soube o que era ansiedade e de como do paraíso foi levado ao deserto.

Até então eu vivera numa pequena cidade. Tudo era familiar e amigo: ruas, árvores, riachos e pessoas. Tudo estava no seu próprio lugar. Olhava para os meus ‘outros relevantes’ – pai, mãe, irmãos e amigos – com calma e respeito. Eles eram parte do meu cosmo. Eu não tinha mesmo consciência de mim mesmo, porque eu e o meu mundo nos fundíamos num todo. Acordar pela manhã, brincar, ir à escola, ir para a cama à noite – eram parte de uma liturgia que se renovava a cada dia e que celebrava um mundo que fazia sentido.

Mas, sem o saber- e repentinamente- fui expulso do paraíso. Mudaram-me para uma grande cidade. Meus outros relevantes se dissolveram em meio a complexidade incompreensível da vida urbana, permaneceram como ‘outros’, mas não mais ‘relevantes’. Deixaram de ser o centro emocional do meu mundo, de onde eu retirava meu sentido de identidade e o meu senso de direção. Eles não podem ser responsabilizados pelo que aconteceu. Eles também estavam perdidos.²⁰

No Rio de Janeiro, Rubem foi matriculado no Colégio Andrews, no Humaitá. Apesar de ser de linha conservadora, a escola se apoiava em valores contemporâneos como cultura de paz, igualdade de direitos, respeito à diversidade e à singularidade, à sustentabilidade e à responsabilidade social. No dia a dia, porém esses valores não eram concretizados. Crianças e adolescentes trazem consigo preconceitos arraigados no convívio familiar. E foi aí que Rubem Alves experimentou a dor da comparação. Não tinha amigos. Vivia só. Descobriu-se pobre. Sua vida foi transformada. A comparação apodreceu sua felicidade.²¹

Em meio à tristeza e dor algumas boas recordações ficaram. Dentre elas a história do professor Leônidas Sobrinho Porto, que teria começado a primeira aula do ano esclarecendo que todos já teriam nota máxima e frequência integral, independentemente de qualquer coisa.

¹⁸ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 74-75.

¹⁹ ALVES, 2015. p. 242.

²⁰ ALVES, Rubem Azevedo. *O Enigma da Religião*. Campinas: Papyrus, 1984. p. 9 - 10.

²¹ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 111.

Não era obrigatório para ele a presença e nem relevante as provas e notas, pois essas coisas tiravam o prazer de aprender. O que realmente interessava para o professor era a literatura e ele se transformava em literatura. Ele representava os personagens, e os alunos ficavam enfeitados como num teatro. Para Rubem Alves, o professor Leônidas não ensinou literatura, mas ensinou os alunos a amarem a literatura, e por isso jamais o esqueceu. “Não discorria sobre escolas literárias. Não prescrevia leituras a serem feitas. Ele se transformava em literatura. Encarnava os personagens. Ria e sofria como um ator. E nós ficávamos em silêncio absoluto, enfeitados, como se estivéssemos num teatro”.²²

Consciente de ser diferente, descobriu-se só, sem amigos, sem cosmo, numa condição de anomia. Sua terra seca foi invadida pelas águas e o seu cosmo destruído pelas ondas. Como na cosmogonia primitiva que se refere sempre a um conflito entre a terra seca e as águas. Terra, lugar seguro, as águas símbolo da ameaça do vazio e sem-forma. A anomia não pode durar muito. É necessário acabar com a solidão e com a impotência. “A solidão abriu caminho para a leitura e a poesia”.²³

E a consciência lança mão de um artifício para atingir este resultado. Por um golpe de mágica, ela deseja que o real seja irreal. E organiza a sua percepção da realidade como se os seus desejos e aspirações fossem a realidade última. Eles são ontologizados e reificados. Através do poder mágico da ‘onipotência do pensamento’ o homem das profundezas de sua impotência e das alturas de suas paixões, tece um mundo verbal que afirma e confirma seus valores. E este mundo assim constituído passa a ser a ‘gratificação substitutiva’, o novo mundo de felicidade que compensa as frustrações e sofrimento contido na realidade. E frequentemente, mas não exclusivamente, esta ‘gratificação substitutiva’ é a religião.²⁴

Refúgio Rubem achou na religião, onde encontrou amor incondicional “um outro relevante que conhece e ama as pessoas como elas são”.²⁵ Fortalecido pelas crenças religiosas protestantes Rubem Alves foi assaltado pelo fundamentalismo, “atitude que atribui um caráter último às suas próprias crenças. O que importa na caracterização do fundamentalismo não são as ideias que ele afirma, mas é o espírito com que ele as afirma”.²⁶ Segundo o autor não tinha como não trocar palpites por visões de realidades, dúvidas por certezas, provisoriiedades por eternidade, inquietações e incompletude por paz e realização. O fundamentalismo é uma tentação. Ser como Deus, conhecer o bem e o mal.

Na igreja, Rubem sentiu-se acolhido, valorizado e reconhecido e nesta conjuntura a

²² ALVES, Rubem Azevedo. *Lições do Velho Professor*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2013. p. 40-41.

²³ NUNES, 2008. p. 22.

²⁴ ALVES, 1984, p. 10 e 11.

²⁵ ALVES, 1984, p. 11.

²⁶ ALVES, 1984, p. 11.

música também foi muito importante para Rubem Alves. Desde pequeno a música o fascinara. Queria ser pianista, mas desistiu ao perceber que não tinha o dom. Neste contexto de solidão e de solidariedade, Rubem Alves desejou ser pastor. O seu dom estava no manejo com as palavras. Na igreja, destacou-se pela capacidade de comunicação. Neste tempo já discursava com fluidez. Para Rubem, na igreja, tudo era simples e harmonioso. Lá ele era feliz. Era gostoso estar lá, participar dos passeios, das festas e das brincadeiras. Estar juntos era a coisa melhor. Percebendo que na igreja teria a possibilidade de ser pregador, anunciou para o pai a sua decisão de ir estudar em Campinas, no Seminário Presbiteriano, o que chocou o pai.²⁷ Encerrou-se dessa forma um período da vida de Rubem Alves em que ele conviveu mais diretamente com os pais, e o legado recebido foi assim sintetizado pelo autor:

Do meu pai, eu acho herdei o gosto pela palavra, o prazer em criar mundos pela escrita e pela fala. O mundo de meu pai se abre para fora, para uma comunhão fácil. Da minha mãe recebi as chaves que abrem as portas que levam ao mundo da música clássica. O mundo da minha mãe se abre para dentro, onde se encontram a alegria e uma comunhão difícil que beira à solidão.²⁸

1.2 A vida religiosa e a vida acadêmica de Rubem Alves

Em janeiro de 1953, com 19 anos, Rubem Alves ingressa no Seminário Teológico Presbiteriano, em Campinas. Cheio de certezas e perto do fanatismo o jovem que influenciava a sua família com as regras da religião se viu no meio de um furacão sem condições de voltar atrás. Paralelamente o seminário concluiu com louvor o curso no Centro de preparação de Oficiais da Reserva em São Paulo, chegando ao posto de segundo-tenente. Também voltou a estudar piano para obter uma fonte de renda extra e conseguiu habilitação para ensinar piano no Conservatório Carlos Gomes.²⁹

No seminário, Rubem Alves perdeu a ingenuidade perante as injustiças que até então não havia percebido. “Não fui para o seminário para aprender coisas diferentes das que eu já sabia. Fui para que as certezas que eu já tinha ficassem mais certezas do que já eram. Primeiro crer, depois pensar”.³⁰ Tendo já muitas certezas faltava-lhe apenas solidificá-las.

Os pressupostos do curso, apesar de serem simples acabaram por levá-lo a questioná-los, quanto à missão da igreja, por exemplo, de apenas se preocupar em salvar almas e nada se

²⁷ NUNES, 2008. p. 23-24.

²⁸ ALVES *apud* NUNES, 2008. p. 24.

²⁹ NUNES, 2008. p. 28-29.

³⁰ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 142.

envolver com a vida terrena. Que tudo que está no tempo seria provação e tentação e que todos os saberes necessários para salvação estavam na Bíblia, que o próprio Deus ditara palavra a palavra e que todas eram verdadeiras, não cabendo dúvidas. Tudo isso era visto por Rubem como incoerentes ao serem postos em prática na vida terrena.³¹

Na prática, era adesão intelectual ao texto bíblico que levava à salvação. O seminário era lugar de ensinar e aprender repetir teologia e textos eclesiásticos. Rubem Alves não demorou a perceber que o seminário, era para muitos que ali estavam, apenas um caminho para sair da pobreza. Não tinham sonhos metafísicos, desejavam pastorear alguma igreja, onde seriam importantes. Como sapos que desejavam ser príncipes. Havia poucos vocacionados, que assim como ele, provinham da classe média e poderiam ter cursado a universidade, mas alguma coisa os desviara. Uma busca de sentido, talvez.³² Como o ser humano precisa de um mundo ordenado quando lhe falta sentido, a religião se mostra como um modelo de ordem. Cada religião se apresenta como modelo salvador. O pensamento crítico desenvolvido no seminário, desde o início, não fez o jovem desistir da estrada, contudo, foi um período em que mais tarde ele reconheceu que se tornou um chato.³³

No seminário não se ensinava a pensar, mas, formavam-se pastores fiéis, que fossem capazes de cuidar das ovelhas para que não fossem perturbadas com ideias estranhas. Se já se tinham as respostas, as perguntas eram desnecessárias. A certeza era uma virtude, a aderência total do intelecto aos dogmas da fé. Pensar era desencorajado. Repetir sem dúvida era uma atividade intelectual. Duvidar era perigoso, sinal de uma fé vacilante. O sermão tinha o objetivo de apenas confirmar aquilo que já se sabia e jamais fazer pensar.³⁴

A biblioteca do seminário quase nunca era visitada pelos estudantes. Os livros não eram consultados. Os professores usavam uma apostila, e os alunos tinham que repetir o que ali estava. Rubem Alves então percebeu que a subserviência era mais importante que a inteligência, naquele lugar e que ele não tinha nada a ver com aquele mundo. Ficou desapontado e depressivo. Não poderia contar para ninguém, pois poderiam achar que o seu problema fosse espiritual e o remédio seria orar mais. Buscava refúgio na mata de eucalipto, que ficava nos fundos do seminário. Ali renovava as suas forças.³⁵

Ao ouvir a doutrina da eleição, Rubem reagiu com fúria. Odiou Deus, e se espantou ao perceber que os seus colegas não se sentiram ofendidos por tal doutrina. Mas eles estavam

³¹ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 143.

³² GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 144.

³³ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 145.

³⁴ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 146.

³⁵ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 149.

ali para serem pastores de igreja e não para pensar. Essa doutrina entrou como um espinho no coração e na cabeça de Rubem Alves e o levou a concluir que, se tudo foi predeterminado pelo poder de Deus, então tudo era farsa. Inclusive ele era uma farsa. Diante da premissa da onipotência de Deus outros questionamentos vieram e a angústia cresceu. Sem amigos para compartilhar suas dúvidas pensava estar só. Mas não estava. No segundo ano descobriu que colegas e até professores compartilhavam dos mesmos conflitos.³⁶

No período em que esteve no seminário, Rubem Alves presenciou uma recusa da Igreja Presbiteriana do Brasil em aceitar as novas ideias que surgiam em decorrência dos Movimentos da Mocidade Presbiteriana. Em 1944, o Jornal Mocidade exerceu grande influência nos jovens. Como órgão oficial da Confederação da Mocidade Presbiteriana, o jornal proclamava que Cristo exigia boas obras e ação social da igreja. Diversos problemas eram tratados no jornal. Os jovens se entusiasmavam com o movimento ecumênico. Os editores do jornal, redatores e articuladores, criticavam o que achavam de errado na igreja e na sociedade. Os congressos lutavam em prol de mudanças na igreja e do seu papel na sociedade, para além da preocupação espiritual. Mas, as reações contrárias surgiam. Rubem Alves acompanhava tudo e se identificava com aquele movimento. Não conseguia entender o desprezo da instituição pela vida terrena.³⁷

Em suas reflexões, Rubem Alves concluiu através da história da Igreja, que tudo o que a tradição dizia sobre a Bíblia fora dito por homens comuns, que disseram, repetiram e passou a ser verdade. As pessoas acreditaram. Ele sabia como as decisões dos concílios eram tomadas, através de regras da política, do poder e da politicagem.³⁸

De repente, o aplicado estudante que se tornaria pastor se sentiu flutuando no ar, sem um ponto firme onde pudesse se segurar. Por mais que pensasse em desistir, não podia recuar. Havia teimado demais em casa para impor sua vontade. ‘Sem ter onde me agarrar, o jeito foi aprender a voar, pois não podia recuar, voltar atrás, começar tudo de novo’. Ele tratou de bater suas asas só que como uma aranha, que precisa tecer uma teia com fios que tira de dentro de si mesma. E assim vivia, pendurada no abismo. ‘Eu teria que construir minha teia com fios que haveria de tirar de dentro de mim mesmo. Mais precisamente, de dentro do meu coração’.³⁹

Quando o professor Richard Shaull chegou ao seminário ninguém poderia imaginar o reboiço que causaria. Esse professor caminhava na direção oposta. Se o objetivo do seminário era alcançar o Céu, o novo professor queria melhorar a Terra, através da ação política da igreja.

³⁶ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 149-150.

³⁷ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 152.

³⁸ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 153.

³⁹ GONÇALO JUNIOR, 2015, p. 153.

Como articulista e conferencista para jovens protestantes, Shaull propagava suas ideias de revolução social e mostrava a necessidade da igreja de preparar os jovens para atuar na esfera pública. Rubem Alves logo se identificou com a Teologia, que anos mais tarde, seria conhecida como Teologia da Libertação.

O contato com a teologia de Shaull foi impactante. Por meio dela, descobria-se o mundo como lugar de desenvolvimento e aplicação das verdades de fé, não mais como uma série de abstrações, mas, sim, como um conjunto de elementos que urgia colocar em funcionamento nas vidas e experiências dos seres humanos. Era uma 'teologia encarnacional' em germe, que renovava a visão do mundo, da Igreja, da missão. Começava-se a abandonar o zelo pelas almas em benefício do interesse pelas pessoas concretas de carne e osso. Um dos primeiros passos nesse sentido era justamente a reavaliação do mundo como um lugar digno para viver e amar.⁴⁰

Foi através desse professor que a sua vida foi transformada e pela influência do professor Shaull, os seus olhos se voltaram para os problemas sociais e para a vida cotidiana. Através deste relato, percebe-se o poder de influência que um professor é capaz de exercer na vida de um aluno. A influência desse professor foi tão grande na vida de Rubem Alves que o levou a dizer que a sua vida foi uma antes do professor e outra depois de conhecer o mestre. Segundo Rubem, o professor Shaull o ensinou a pensar, a envolver-se com causas sociais e a ver o mundo como lugar da vocação. Rubem Alves comparou a vida a um barco. Ou você fica amarrado, seguro no cais, sujeito ao enfado ou se lança ao mar aberto, correndo o risco de naufragar. Durante o período que esteve no seminário, Rubem Alves se distanciou da ortodoxia protestante e tomou o caminho do ecumenismo. Seu compromisso com os oprimidos e o diálogo com os católicos foi marca do seu pastorado.⁴¹ Richard Shaull lançou sementes de uma teologia lúdica, erótica e poética em Rubem Alves.⁴² O ser humano então, passa a ser o centro de sua teologia.

Como o novo professor, Rubem Alves queria mudar o mundo terreno. Não como um conservador que pinta a casa velha com cores alegres para dar a impressão que é nova, mas como um revolucionário que prefere odres novos para vinho novo.

O professor Shaull transformou a vida dos alunos do seminário. Difundiu teologias modernas, revolucionou o ensino, ressuscitou a biblioteca e juntamente com outros professores progressistas seduziu o jovem seminarista. Naquela época, acontecia na França um movimento

⁴⁰ CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A Teologia de Rubem Alves: Poesia, brincadeira e erotismo*. Trad. Eleonora Frenkel Barreto. Campinas: Papirus, 2005, p. 56.

⁴¹ NUNES, 2008. p. 28.

⁴² REBLIN, Iuri Andréas. *Outros Cheiros, Outros Sabores...* O Pensamento Teológico de Rubem Alves. 2 ed. rev. atual. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 31.

dos padres operários, que iam para as fábricas com intuito de evangelizar e transformar o mundo num lugar mais justo. Os padres acreditavam que precisavam viver ao lado dos operários para poder falar com eles. Inspirado naquela experiência, o professor Shaul organizou projeto semelhante em São Paulo.⁴³

O seminário de Campinas se tornou centro de vanguarda da Teologia da Igreja Presbiteriana de Brasil, abordando questões como ecumenismo, cultura, participação cristã na universidade, comunismo e ação social. Ganhou projeção internacional e recebeu visitas ilustres do Seminário de Princeton.

Além das atividades no seminário, Rubem Alves levava uma vida social fora dali. Frequentava igreja e passeava com os amigos. Um deles, Antônio Lemos, lhe apresentou uma amiga, Lídia Nopper, com quem se casaria mais tarde.⁴⁴

Em 1958, o professor Shaul foi demitido do seminário de Campinas por causa do seu ensino, que trazia controvérsias para a igreja. Rubem Alves, porém, continuou a se encontrar com ele para conversar e refletir sobre o papel da igreja numa sociedade em transformação.⁴⁵

Ao mesmo tempo, ocorriam mudanças na igreja Presbiteriana, que resolveu ser mais severa e menos democrática. O movimento da Mocidade Presbiteriana foi dissolvido pela Confederação Nacional da Mocidade Presbiteriana. Os pastores que pregavam que a igreja precisava adequar-se aos novos tempos e se envolver com as questões sociais eram desprezados e perseguidos. As práticas ecumênicas foram proibidas. Em meio a este vendaval, em 1957, Rubem Alves foi diplomado pastor, “sem certezas, sem promessas de céu ou ameaças de inferno”.⁴⁶ O recém-formado pastor assumiu a igreja presbiteriana de Lavras, em Minas Gerais, como pastor assistente. Com a fé renovada, Rubem se via agora dividido entre “abandonar o zelo pelas almas em benefício do interesse pelas pessoas de carne e osso”.⁴⁷

Em 1959, Rubem e Lídia se casaram e foram morar numa casa perto da igreja. Neste mesmo ano nasceu o primeiro filho do casal, Sérgio. Como pastor assistente, a tarefa de Rubem era assistir aos fiéis que necessitassem de conforto espiritual. Virou pastor dos pobres. Passava os dias visitando as pessoas que frequentavam a igreja.⁴⁸

Em 1960, Rubem Alves tornou-se professor para reforçar o orçamento. Deu aulas de filosofia no Instituto Presbiteriano Gammon. Por causa de suas ideias progressistas, como achar

⁴³ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 156.

⁴⁴ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 157.

⁴⁵ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 160-161.

⁴⁶ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 163.

⁴⁷ CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 56.

⁴⁸ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 171.

que a religião não era para garantir o céu mas para tornar o mundo melhor, era visto com desconfiança pelos colegas. Logo tomou consciência da divergência que existia entre o seu pensamento e o pensamento teológico convencional, mas estava disposto a continuar. Estava feliz em morar em Lavras. O lugar lhe trazia boas recordações da infância. Suas pregações consistiam em tentativas de ampliar visões de mundo, queria romper com o “cânone sagrado da felicidade celestial”. Queria que as pessoas gozassem as maravilhas da natureza com responsabilidade e que se dedicassem em fazer o bem, em ajudar os pobres, pois esse era o ensino de Cristo.⁴⁹

Um ano depois, Rubem Alves foi promovido a pastor titular. A família mudou-se para a casa pastoral que era maior e tinha telefone. Por um lado, foi bom, pois poderia se comunicar com a família, mas às vezes era chamado para resolver os mais inusitados problemas. Com o tempo, Rubem percebeu que os fiéis não iam à igreja em busca de algo novo, mas queriam sim ouvir aquilo que já sabiam; queriam mensagens tranquilizadoras. “Coração bom bate firme sempre do mesmo jeito. Uma arritmia repentina estraga a tranquilidade da alma”.⁵⁰

Embora distante de Campinas, Rubem Alves mantinha contato com os colegas do seminário. Acompanhava assim a luta contra os reformadores, que assim como ele, desejavam uma nova igreja. Em 1962, teve a sua primeira experiência como escritor, participou de um livro coletivo, “O catolicismo romano- um simpósio protestante”, que foi lançado pela ASTE – Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, tendo como tema central as mudanças de diretrizes na Igreja Católica e as consequências para o Brasil, um país predominantemente católico, e o envolvimento a partir daí com os evangélicos. No evento de lançamento, representantes católicos falaram em nome do cardeal de São Paulo e isto não foi bem visto pela cúpula da Igreja Presbiteriana, contrária ao ecumenismo. No texto que escreveu, Rubem elogiava as mudanças iniciadas na igreja católica, uma vez que em 2000 anos de história, a igreja se voltava para as questões sociais e para ele, essas mudanças seriam fundamentais para o futuro da igreja.⁵¹

Neste ensaio, Rubem Alves já demonstrava sua capacidade de jogar com as palavras e encantar a plateia. Para ele, os movimentos que vinham acontecendo eram uma tentativa de aproximação da igreja com o mundo, apesar da dificuldade que havia nessa relação, devido à rigidez estrutural instaurada. E, lembra ainda que foi essa rigidez que motivou a separação entre

⁴⁹ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 173.

⁵⁰ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 181.

⁵¹ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 186-187.

católicos e protestantes. Rubem se mostra simpático ao movimento. Com este discurso, ele se coloca como modernista e por isso considerado subversivo.⁵²

A igreja Presbiteriana estava em guerra. Os formandos de 1963, do Seminário, não puderam discursar, pois havia o perigo de fugir do tradicional. O Jornal Mocidade foi fechado, e os jovens que o lideravam foram destituídos. Rubem Alves, que pregava o ecumenismo, ficou decepcionado com todo esse movimento contrário da Igreja Presbiteriana e com esse conservadorismo assumido por ela.⁵³

Diante da situação, animado por alguns colegas, Rubem Alves se candidatou a uma bolsa de estudo no *Program of Advanced Religious Studies*, no *Union Theological Seminary* em Nova York. No final de 1962, Rubem deixa a família em Campinas e embarca para América, cheio de sonhos de transformar o mundo num lugar melhor para se viver. O plano era ficar lá um ano, mas ele decidiu aproveitar e fazer o mestrado no *The Union Theological Seminary*, Instituto Superior da Igreja Presbiteriana.⁵⁴

Logo nas primeiras semanas, Rubem definiu a sua área de pesquisa: Ética e Religião. Pretendia fazer uma interpretação teológica do significado da revolução social no Brasil. A sua intenção era analisar como deveria ser a participação dos cristãos nas mudanças, que se faziam necessárias no país, diante das questões socioeconômicas que redundavam em atraso e desigualdades. O que ele não sabia era que um golpe de extrema direita, autodenominado Revolução Democrática, estava prestes a acontecer. O presidente seria deposto e se instauraria uma ditadura militar.⁵⁵

Para Rubem Alves, os cristãos tinham que se envolver em causas sociais, fazer do país um lugar bom para todos. Era preciso lutar por justiça social. Seu projeto, portanto, era

[...] criar uma nova linguagem para a comunidade cristã, por meio da qual os símbolos cristãos fossem articulados a uma nova compreensão da experiência cristã. Portanto, tinha o objetivo de estabelecer um novo projeto político e ético para a experiência de fé. Foi nesse período que descobriu a importância da linguagem na experiência humana, conceito que passará a ser fundamental em sua reflexão, inclusive na educativa.⁵⁶

Os cristãos não poderiam se eximir de sua responsabilidade, enquanto cidadãos, de lutar por um país mais justo em face a tanta desigualdade. Coisa que para a igreja soava como heresia. Como viver só em função do céu, sem se envolver com os problemas do mundo? Este

⁵² GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 191.

⁵³ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 191.

⁵⁴ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 192.

⁵⁵ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 194.

⁵⁶ NUNES, 2008, p. 35-36.

era o seu questionamento. Se o céu era tão bom, porque ninguém queria morrer para alcançar logo o céu? Será que era porque ninguém acreditava de fato nessa felicidade eterna? E assim ele guardava para si essas angústias, enquanto aproveitava para conhecer a nova cidade. Encantou-se com as plantas que só desabrochavam no frio, com os campos em neve e a luz do sol entre as árvores.⁵⁷

O estudante de Boa Esperança se admirou com o tamanho do seminário. Um prédio de estilo gótico, cheio de salas, escadas, corredores e túneis. Gostou do ambiente desde o início. Ali funcionava um Centro Mundial de Protestantismo Liberal, livre de certezas e dogmas, seguindo a razão e propagando o ecumenismo. Os católicos eram bem-vindos, não havia diferenciação. O princípio fundamental era que ninguém possuía a verdade. O que havia era uma busca comum. Era uma instituição livre, sem ligação confessional. Não havia controle e nem vigilância de pensamento. Isso fez muito bem a Rubem Alves, que se sentiu livre para expressar o seu pensamento e seguir em seus estudos. A ética social e política era a questão central do seminário o que possibilitou ao novo aluno conhecer outro protestantismo, rico, amante da beleza, com liberdade de pensamento e sem contar a permissão que havia para bebidas, fumos e danças. O contato com esse protestantismo deixou-o mais desconfortável ainda, quando voltou para o Brasil.⁵⁸

Rubem Alves chamava atenção no Programa *of Advanced Religious Studios* pela maneira de se expressar, sua segurança, eloquência, erudição bíblica e filosófica. A ideia do programa era criar um Vaticano Protestante. Não havia razões doutrinárias tão substantivas para que houvesse tantas igrejas e denominações e se fossem colocados líderes de diversas denominações juntos eles se tornariam amigos e as separações denominacionais e eclesiais se curariam pela amizade. Rubem Alves acreditava que isso era possível.⁵⁹

O mestrado em Nova York transformou o pastor Rubem Alves em teólogo, mas ele estava interessado na política. Sua tese era que

[...] as pegadas de Deus no mundo são éticas. Deus está presente em toda luta para fazer o mundo mais justo. A luta dos negros contra a segregação racial, a luta dos países pobres explorados contra os países ricos que se enriquecem cada vez mais à suas custas, a luta dos povos dominados por tiranias políticas: todas essas lutas políticas são pegadas que o Deus ético deixa no mundo.⁶⁰

⁵⁷ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 195-196.

⁵⁸ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 199.

⁵⁹ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 199.

⁶⁰ ALVES, *apud* GONÇALO JUNIOR, 2015, p. 205.

Enquanto Rubem Alves se debruçava na elaboração de sua dissertação, a situação no Brasil se agravava. E, então, ele fica sabendo pelo jornal, que os militares haviam tomado o poder. Seu corpo congelou e o medo invadiu sua alma. “E foi então que fiquei instantaneamente congelado, o medo circulando pelo corpo, o vidro liso estilhaçado por um golpe de pedra”.⁶¹

A situação estava difícil no Brasil. Tudo era perigoso, tudo era vigiado. Era um tempo de caça às bruxas. Em maio de 1964, Rubem Alves recebeu o título de Mestre em Teologia Sacra e no dia 26 de maio, apesar do medo, ele retornou ao Brasil sem saber que o seu nome estava na lista dos pastores mais perigosos da nova geração.⁶²

A Igreja Presbiteriana do Brasil, outrora tida como a mais importante pelo seu prestígio e crescimento, naquele momento “tomou atitudes medievais”.⁶³ Foi por pouco, que Rubem Alves não foi preso no ônibus, quando no caminho de Campinas para Lavras. Conseguiu escapar ao mostrar a carteira de identidade de militar. Ao chegar em casa, fez uma fogueira com os seus livros. Não poderia ter feito diferente. A perseguição era iminente. A Igreja Presbiteriana do Brasil, além de apoiar o novo regime, perseguia seus próprios pastores, presbíteros, professores e jovens estudantes sob a alegação de subversão. A comissão especial dos seminários expulsava professores e alunos que fossem contra a revolução dos militares e se envolvessem com os problemas sociais.⁶⁴

A vida de Rubem Alves se tornou um tormento nos meses seguintes à sua volta dos Estados Unidos. Tempo de isolamento e boicote ao seu trabalho. Foi um período que não se podia falar em política. Contudo, Rubem Alves não deixava de falar em seus sermões sobre a repressão que reinava em todo o país. Ao ter que prestar depoimento à polícia do exército, pediu ajuda ao prefeito da cidade, que solicitou a um advogado que o acompanhasse. Em depoimento, negou as acusações, contudo foi fichado e considerado subversivo e ficou sob a mira do Departamento Estadual de Ordem Política e Social. O fato de qualquer pessoa apoiar iniciativas para amenizar a miséria no país já era suficiente para a pessoa ser considerada subversiva e era isso que Rubem Alves apoiava. Somou-se ainda a essas acusações, o depoimento de um universitário militante da Ação Popular, que disse ter ido a Lavras organizar um grupo e ter sido informado que deveria procurar Rubem Alves. Com esses argumentos, Rubem foi enquadrado no Artigo 10 da Lei 1802 que previa a condenação de 1 a 4 anos de prisão, “por filiar-se ou ajudar com serviços ou donativos, ostensiva ou clandestinamente, mas de maneira

⁶¹ ALVES, 1987, p. 25.

⁶² GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 209.

⁶³ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 209.

⁶⁴ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 215.

inequívoca a qualquer das entidades reconstituídas ou em funcionamento”.⁶⁵

Sem apoio da igreja e dos amigos, Rubem Alves compreendeu que era inútil lutar. Quis ir embora para longe do medo. Poder viver sem sobressaltos, poder pensar. Decidiu se afastar do ministério da igreja Presbiteriana e escreveu uma carta falando sobre a sua insatisfação. “Triunfa o autoritarismo sobre a comunidade; as estruturas sobre as pessoas; o passado sobre o futuro; a lei sobre o amor. E em última instância, a morte sobre a vida. Por isso tomei hoje, 15 de setembro de 1970, a decisão de romper com ela”.⁶⁶ Abandonou assim o pastorado e a religião.

1.3 A vida no exílio e a volta para casa

Em meio a tristezas e decepções, Rubem foi convidado a fazer doutorado pela *United Presbyterian Church* – EUA, juntamente com o presidente do Seminário Teológico de Princeton, seu antigo professor Richard Shaull. Rubem Alves deixou o Brasil em junho de 1965 e foi com a família para Princeton. “Se na partida está a euforia da liberdade, na chegada está a tristeza do exílio. Aquele não era o meu mundo”.⁶⁷ Foi acolhido por um casal de amigos do Instituto Gammon, que também estavam em Princeton. “A solidão que fora obrigado a vivenciar no exílio, fez nascer no brasileiro, além de uma imensa mágoa contra a igreja, o sofrimento de carregar consigo todo o significado do que queria dizer ‘saudades’”.⁶⁸

Diferente dos colegas que lutavam por credenciais que lhes possibilitariam galgar degraus do conhecimento, Rubem Alves parodiava Cecília Meireles:

O corpo naquelas salas,
a alma por longe terra,
em cada vida exilada,
que surda perdida guerra...⁶⁹

Longe de casa, a faculdade em Princeton era a nova casa de Rubem Alves. Lá o clima era bem diferente. Não havia censura e nem patrulhamento a quem pensava diferente. Chamou-lhe atenção o fato dos colegas fumarem cachimbo. O cheiro da fumaça fazia-o lembrar das

⁶⁵ GONÇALO JUNIOR, 2015, p. 237.

⁶⁶ ALVES, *apud* NUNES, 2008 p. 38-39.

⁶⁷ ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Tradução João Francisco Duarte Jr. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1987. p. 31

⁶⁸ GONÇALO JUNIOR, 2015, p. 248.

⁶⁹ ALVES, 1987. p. 32.

cozinhas mineiras.⁷⁰

No Brasil, a situação só piorava. Muitas pessoas foram presas, inclusive pastores, acusados de serem elementos perigosos por atuação socialista. Rubem Alves, de longe tentava acompanhar o que sucedia no Brasil através de correspondência com amigos, pois, os embates dentro da igreja não eram exteriorizados. Seu desejo era voltar pois tinha consciência de que não cometera crime algum, a não ser no pensamento. E pensar não era crime, era um direito do qual ele não abria mão. Porém, aos olhos dos militares, ele era um fora da lei.⁷¹

O curso de doutorado exigia dos alunos o domínio de um campo do saber, mas Rubem estava voltado para o mundo que perdera. As discussões eram abstrações, nada de questões política ou da vida, mas simplesmente análises intelectivas sobre temas da ética e o que Rubem desejava era pensar seu destino.

Na condição de exilado, Rubem pensava a vida, aguardando a volta. E como o pensamento mora no lugar onde o corpo dói, ele queria na sua tese, falar não sobre os pensamentos dos outros, mas sobre seus próprios pensamentos. Uma forma de expurgar aquilo que o fazia sofrer e o seu sofrimento era suficiente, texto e contexto, pois para ele, somos nossos temas permanentes. Porém, o rigor acadêmico não permitia que Rubem Alves escrevesse como ele queria. Como estava em terra alheia, percebeu que teria que aprender as regras do jogo. Entretanto, sua “tristeza não deixava alternativas tinha que escrever como seu próprio sangue os pensamentos nascidos do seu próprio corpo. Faria análise sim, tomando a própria carne como texto”.⁷²

Contra as normas acadêmicas, Rubem prosseguiu pesquisando sobre a linguagem, pois ela é reveladora de desejos de um povo. Dedicou-se a investigar sobre “o obscuro objeto do desejo”, as variações do poder, para então chegar ao amor. Tendo, porém, a pesquisa sobre a linguagem se estendido muito, Rubem Alves pediu ao seu orientador para aceitar a sua introdução a uma eclesiologia futura como tese, o que ele concordou. Tratava-se de uma meditação sobre a possibilidade de libertação, tendo como título: “Por uma Teologia da Libertação”.⁷³

Naquela época, Rubem Alves já abandonara a ideia de que Teologia pudesse ser um conhecimento de Deus, pois para ele, Deus é um grande e inominável mistério, é O Totalmente Outro, de Rudolf Otto. Teologia é antropologia para Alves. É falar sobre si mesmo.⁷⁴ Para ele,

⁷⁰ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 249.

⁷¹ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 253.

⁷² ALVES, 1987, p. 38.

⁷³ ALVES, 1987, p. 39.

⁷⁴ ALVES, 1987, p. 40.

as Escrituras eram sagradas porque diziam em linguagem poética aquilo que o homem tinha dentro dele, como gemido inarticulado. Experiência de revelação. Assim o nome da coisa que escrevera não poderia se referir a Deus. Era coisa modesta, humana. A moda na época era falar da esperança, mas, para ele, era subjetivo demais. Ele queria mais do que esperança, queria ver possibilidade de realização na vida das pessoas. Não bastava sonhar jardins era preciso plantar. A esperança tinha que se manifestar na política.⁷⁵

Rubem Alves acreditava que a teologia cristã apontava um novo amanhã. A esperança não subjetivada, mas derramando-se sobre a terra. Os desertos se transformando em jardins. Um povo escravo caminhando pelo deserto, com esperança de um novo amanhã. Um profeta no cativeiro comprando um pedaço de terra, sem deixar de sonhar com a liberdade. Metáforas poéticas, esperança em movimento. “A (feto) que deseja sair mesmo diante do aperto”.⁷⁶ Anseio por libertação. Assim nasceu “Por uma Teologia da Libertação”, não sem dor, com muita batalha. Escreveu o que quis. Recusou-se a reescrever. Foi aprovada a sua tese com a nota mais baixa.⁷⁷ O texto interessou a um editor católico, mas, que não gostou do nome. Libertação não tinha respeitabilidade teológica, optou-se então por “A Teologia da Esperança Humana”.⁷⁸

A tese tratou de um tema bastante inovador, a esperança como concretização da liberdade. Abordou temas como a miséria dos países do terceiro mundo e a discriminação social. Apontava a possibilidade de o pobre ser sujeito da própria história, na contramão da história dos opressores. A opressão em todos os níveis deveria ser combatida. Não só a econômica ou étnica, mas também das instituições acadêmicas. A consciência de que é possível uma sociedade melhor é determinada pelo entendimento de que a sociedade é contraditória e de que o mundo não está concluído e de que há lugar para criatividade e experimentação. Somente a consciência pode criar um plano de liberdade. Não a partir do que lhe é dado e determinado, mas resultante de uma criação humana, consciente da contradição dos fatos. No final há de se ter um mundo mais humano. Só através do homem o mundo pode se tornar mais humano.⁷⁹

No tempo em que viveu em Princeton, Rubem se perguntava o que fizera para se tornar um exilado, se o que desejava era apenas construir um mundo melhor. O problema era pensar. Se o mundo é sustentado pelos pensamentos que se pensa, pensar outro mundo é pensar a

⁷⁵ ALVES, 1987. p. 40.

⁷⁶ ALVES, 1987. p. 41

⁷⁷ ALVES, 1987. p. 41.

⁷⁸ ALVES, 1987. p. 41.

⁷⁹ ALVES, 1987, p. 58-59.

inexistência deste, em que a vida acontece.⁸⁰

De volta ao Brasil, Rubem Alves passou a ser visto como um pastor desviado. Os conservadores não aceitavam as ideias modernistas de um

[...] democrata humanista que, acabaria por ajudar a forjar, o que se poderia chamar de uma ética social cristã, à luz do que futuramente seria chamada de Teologia da Libertação. Ele queria apenas pregar, numa interpretação moderna dos Evangelhos, o amor ao próximo, não uma revolução política e ideológica em sua essência.⁸¹

Segundo Rubem Alves, os profetas são poetas que sugerem um caminho. E ele estava mais para profeta do que para subversivo perigoso.

Recebido o título de doutor em Filosofia, pela *United Presbyterian Church*, em junho de 1968, Rubem Alves volta com a família para o Brasil, no início de 1969. Ainda bastante temeroso de ser levado como preso político para tortura, uma vez que havia pouco tempo que o AI 5 tinha sido instituído, suspendendo todos os direitos básicos do cidadão. Foram acolhidos pelos pais de Lídia, sua esposa, que moravam em Campinas. Ainda sem saber o que fazer, começou a procurar emprego. Conseguiu um emprego temporário com os missionários para fazer uma pesquisa que a igreja do Estados Unidos propôs. Experimentaria pela primeira vez a aflição do desemprego.⁸²

Em maio de 1969, Paul Singer conseguiu uma vaga para Rubem dar aulas de filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Voltou a dar aulas de piano. Também aceitava convites para pregar em diversas igrejas, mas suas pregações causavam espantos nas pessoas, que o viam como herege. Certa vez resolveu pregar sobre as crianças, mas também não foi compreendido ao falar que, como as crianças, os adultos deveriam ser crianças brincantes. Essas experiências negativas fizeram Rubem Alves bastante crítico das religiões. Para ele, as igrejas não passavam de produtoras de bens espirituais, que almejavam atingir novos clientes e como ele nunca quis converter ninguém, fracassou.⁸³

Nos primeiros anos depois da volta do exílio, Rubem Alves não era reconhecido no Brasil. Somente dez anos depois veio o reconhecimento, como um dos maiores teólogos Protestantes do Brasil e da América Latina.

⁸⁰ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 261.

⁸¹ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 261-262.

⁸² GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 265.

⁸³ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 266-268.

2 AS BASES DO PENSAMENTO DE RUBEM ALVES

Após traçado o itinerário percorrido por Rubem Alves na família, na igreja e na academia, achou-se por bem delinear as bases do pensamento do Autor. Rubem Alves desenvolveu um pensamento próprio sobre o ser humano, a religião e a educação aproximando-se de teólogos, filósofos, poetas e profetas, ora criticando, ora concordando com aquilo que cada um ao seu tempo preconizou. Como ele mesmo disse: “Tenho estado envolvido em conversa séria, questões de vida e morte, quase que exclusivamente, com pessoas que estão ausentes, que não mais existem: Jeremias, Jesus, Lutero, Nietzsche, Kierkegaard, Berdyaes, Martin Buber...”⁸⁴

Alguns dos pensadores citados são críticos da religião e anunciaram a morte de Deus e o fim da religião. Rubem Alves, num diálogo com eles, reinterpretará essa questão sob uma nova perspectiva. Para ele não seria o obituário de um ser eterno, mas, a constatação do colapso que as estruturas de pensamento e da linguagem oferecidas pelo teísmo sofreram. Como Martin Buber sugeriu, seria melhor falar do “eclipse de Deus”.⁸⁵ Assim, dialogando com os críticos da religião Rubem Alves vai construindo o seu próprio pensamento sobre a religião, sobre o ser humano e posteriormente sobre a educação.

Não caberia nessa pesquisa, detalhar o pensamento de cada um daqueles que inspiraram e influenciaram o pensador de Boa Esperança, mas tratando-se de uma pesquisa de caráter pedagógico, o que se propõe é identificar alguns pensadores que, através de suas críticas contribuíram para que Rubem Alves se tornasse um educador com reconhecimento não só no Brasil, mas em muitos outros países.⁸⁶

2. 1 Bases teológicas

Como foi mencionado no primeiro capítulo, o professor Richard Shaull provocou uma verdadeira revolução no seminário onde Rubem Alves estudava. Foi a partir da influência desse professor que Rubem Alves começou a pensar os problemas sociais como problemas teológicos.

⁸⁴ ALVES, 1988, p. 28.

⁸⁵ ALVES, 1988, p. 61.

⁸⁶ NUNES, 2008, p. 150.

[...] [Richard Shaull] nos perguntou se não nos dávamos conta de que o sagrado não podia crescer em jardins internos e protegidos, que ele é selvagem e indomável, vento que sai pelos desertos ressuscitando mortos e, pelas cidades, assobiando nos mercados, nas escolas, nos quarteis, nos palácios, nos bancos. Os teólogos dão o nome de secularização a este jeito de ver, porque já não mais fazem sentido as divisões que separam os espaços sagrados internos dos espaços seculares externos. Os muros caem por terra... Deus sai da cela onde o havíamos colocado. Alguns ficam horrorizados e dizem 'Deus morreu! O sagrado chegou ao fim!', mas não percebem que é justamente o oposto, que Deus escapuliu das estufas religiosas que construíamos, e invadiu o mundo. [...] A gente pensava em converter o mundo à igreja. O Shaull dizia que era preciso o contrário, que a Igreja se convertesse ao mundo: sair do jardim interno, protegido, e cavalgar o vento...⁸⁷

A teologia de Richard Shaull fez com que Rubem Alves percebesse a necessidade de entrelaçar Teologia e cotidiano. Essa nova maneira de pensar teologia vai refletir na sua dissertação de mestrado.

O seu título revelava o que nadava pela minha cabeça. Aqueles eram anos de fervilhamento político-social no Brasil, e a gente sabia, com uma convicção escatológica, que era inevitável que alguma transformação profunda acontecesse. E foi com estes pensamentos que escrevi *A Theological Interpretation of the Meaning of the Revolution in Brazil*.⁸⁸

Com o professor Shaull, Rubem Alves aprendeu que ser cristão era agir com fé e inteligência na sociedade. Era uma teologia diferente e por isso não foi compreendida pela igreja. Rubem Alves se afastou da igreja, mas aproximou-se de teólogos e pensadores do século XX. A lição que ficou do professor, foi de que mais do que assimilar conhecimento, é preciso questionar o conhecimento e integrá-lo à vida. Esse saber vai acompanhá-lo por toda a vida e será agregado à sua proposta de educação.

De volta ao Brasil, após concluir o mestrado e o doutorado, Rubem Alves vai lecionar Filosofia da Ciência e posteriormente Filosofia da Educação, tornando-se assim um pensador da educação. No entanto, Rubem Alves não deixou de pensar teologia. Com os teólogos do século XX e com os profetas do Antigo Testamento, Rubem Alves viu um caminho para compreender a vida, uma vez que estes pensaram a religião a partir da história e da existência real do ser. E foi assim que Rubem Alves descobriu que

Horizontes se tornam diferentes, de acordo com o ponto de vista do qual o contemplamos. A nova visão do nosso espaço, nosso tempo e nossas vidas revelou-nos uma Bíblia que estivera até então oculta aos nossos olhos. Que descoberta foi perceber que os homens da Bíblia se sentem em casa no mundo! Do seu princípio até o fim há uma celebração constante da vida e de sua bondade. É bom estar vivo, é bom ser carne e sangue, é bom estar no mundo.⁸⁹

⁸⁷ ALVES, 1985b apud REBLIN, 2014. p. 32.

⁸⁸ ALVES, 1987. p. 25

⁸⁹ ALVES, 1988. p. 13.

Para o pensador de Boa Esperança, os profetas fazem um chamamento para uma Teologia crítica e para um ensaio antropológico e educativo com finalidade de transformar o mundo. Para ele “[...] homem e mundo se pertencem. É antes na luta pela redenção do mundo que o homem conquista a sua totalidade pessoal”.⁹⁰ Um novo ser, uma nova sociedade e uma nova escola.

Foi aproximando-se de Lutero, que Rubem Alves descobriu que não existe esperança para o homem que tenta resolver suas contradições, sem sair de si mesmo. Somente em conversação com o Tu, o Eu se constitui. A única maneira de ampliar os limites estreitos da própria biografia é ampliar os outros relevantes com os quais se dialoga. Para Rubem Alves Teologia tem a ver com dialogar sobre a vida.⁹¹

Dialogando com o teólogo Dietrich Bonhoeffer, Alves vai perceber que a secularização foi uma reinterpretação, por parte do ser humano, da sua relação com a realidade. Bonhoeffer em cartas escritas da prisão a amigos, as quais continham pensamentos esparsos a respeito da secularização do mundo e da morte de Deus, vai exercer um profundo impacto tanto nos que se sentiam abandonados e sós num mundo sem Deus, como naqueles que buscavam um lugar para Deus num mundo que o havia exilado. Para Bonhoeffer, diferentemente da apologética religiosa tradicional, secularização era uma dádiva. O mundo amadureceu, não precisava mais de autoridades religiosas. Salvação e mundo metafísico não seriam mais preocupação.⁹²

[...] o mundo adulto aprendeu a resolver os seus problemas e a enfrentar suas derrotas sem apelar para Deus. Esta é uma fase histórica que nos está forçando a ‘abandonar um falso conceito de Deus’. O ídolo que as gerações passadas batizaram com o nome de Deus tem de ser esquecido e enterrado para que o homem possa encontrar-se com o Deus vivo. Para Bonhoeffer a morte de Deus – o fim do Deus da religião – foi provocado pelo próprio Deus. O Deus vivo assassina o ídolo usurpador. O que Deus nos ensina através da sua morte é ‘que podemos muito bem viver sem ele’. Assim se vamos criar uma nova linguagem para articular a nossa experiência de Deus, ela não terá lugar algum para o Deus que faz milagres, o que resolve os nossos problemas, ao contrário: ela falará do Deus que ‘é fraco e totalmente sem poder no mundo’, sendo esta a única forma da sua presença e seu auxílio. Assim, somos levados ao paradoxo de que *a ausência de Deus é a única forma de sua presença e sua morte, a única expressão da sua vida. Crer em Deus é viver como se Deus não existisse!*⁹³

Segundo Cervantes-Ortiz, a imagem bonhoefferiana da polifonia da vida é um dos temas da

⁹⁰ ALVES, 1988, p. 14.

⁹¹ ALVES, 1988, p. 28.

⁹² ALVES, 1988, p. 78-79.

⁹³ ALVES, 1988, p. 79-80.

nova teologia de Rubem Alves. “[...] a ideia de polifonia refere-se a um espaço inclusivo da consciência humana, capaz de incorporar todas as realidades da vida em um conjunto coerente. Abandona-se o esquema dualista e situa-se na possibilidade [...] de ser veículos de apreciação de todos os componentes da vida”.⁹⁴

Em sua tese de doutorado Rubem Alves vai dialogar com Karl Barth, teólogo suíço e protestante que viveu de 1886 a 1968, expoente da Teologia dialética, que diferente dos liberais, encontrou suporte filosófico no existencialismo. Para esse teólogo Deus é o “totalmente Outro” em si, desconhecido pelos homens.⁹⁵

Tudo o que o mundo e a história nos apresentam, ‘em última instância... não aponta para Deus, e sim para nós mesmos, para nossas almas Dele alienadas.’ (CD II/1, p. 76.) Não podemos conhecer nem Deus nem nós mesmos e nossos destinos a partir do mundo e da história. Deus não pode ser apreendido nem por meio de sentimentos piedosos (Schleiermacher), nem por meio da história (Hegel e Baur), nem pela consciência moral (Kant, Ritschl). Ele permanece oculto, além da história, como o ‘Totalmente Outro’. [...] Ele ‘deve ser visto como o invisível e expresso como o inexprimível.’ (CD II/1, p. 190.)⁹⁶

A teologia de Karl Barth era um protesto contra a teologia liberal pois para ele além de uma distância infinita entre o homem e Deus, havia também uma oposição substancial entre Deus e tudo aquilo que é humano, incluindo razão e cultura. Por isso Deus para Barth, passa a ser o “Totalmente Outro”.

Rubem Alves vai se identificar com Barth na crítica que este fez à teologia liberal, quanto à questão de a razão sustentar a fé e vai ressignificar o “Totalmente Outro” dizendo que “O Outro” é o próprio homem que não consegue se definir. É um desconhecido. O que se pode conhecer são algumas iniciativas e manifestações. É no interior do corpo, do “totalmente outro”, que se concebe o futuro, como uma possibilidade, através da imaginação. A imaginação é a condição para a transcendência do ser humano. Para Rubem Alves, transcender significa superar, ir além.⁹⁷ “[...] através da imaginação, o homem transcende a facticidade bruta da realidade que é imediatamente dada e afirma que, o que é, não deveria ser, e o que ainda não é deverá ser”.⁹⁸

Outro teólogo com quem Rubem Alves travou diálogo, foi Agostinho de Hipona, que viveu entre 354 a 430. Professor de retórica e profundo conhecedor dos clássicos, foi

⁹⁴ CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 67.

⁹⁵ NUNES, 2008, p. 69.

⁹⁶ ALVES, 1987, p. 92-93.

⁹⁷ NUNES, 2008, p. 70-71.

⁹⁸ ALVES, 1975 apud NUNES, 2008, p. 72.

desregrado, cético e maniqueu, até se converter ao cristianismo, tornando-se o mais influente pensador da cristandade.⁹⁹ Lendo “antropofagicamente” Santo Agostinho, Rubem Alves vai se apropriar daquilo que Santo Agostinho disse das coisas:

Entre as coisas, há algumas para serem fruídas, outras para serem utilizadas e outras ainda para os homens fruí-las e utilizá-las. As que são objeto de fruição, fazem-nos felizes. As de utilização ajudam-nos a tender a felicidade e servem de apoio para chegarmos às que nos tornam felizes e nos permitem aderir melhor a elas.¹⁰⁰

Rubem Alves vai dizer então que “a ordem do *uti* é o lugar do poder. Todos os utensílios, ferramentas são inventadas para aumentar o poder do corpo. A ordem do *frui*, ao contrário é a ordem do amor – coisas que não são servem para nada”.¹⁰¹ Utilizando-se desses conceitos agostiniano, Rubem Alves vai reelaborá-los e utilizá-los em várias obras ao se reportar à educação dos sentidos, à questão do prazer e ao valor das coisas inúteis.

Poetizando, Rubem Alves vai usar a metáfora da caixa de ferramenta e da caixa de brinquedo que, para ele, o corpo carrega. Na primeira, carregam-se coisas para darem poder ao corpo e na segunda coisas para darem prazer ao corpo. Ferramentas e brinquedos precisam ser aprendidos, pois são necessários à sobrevivência. As ferramentas não dão razões para se viver, mas, servem para abrir a caixa de brinquedos. Para Alves “Arte e brinquedo são a mesma coisa: atividades inúteis que dão prazer e alegria. Poesia, música, pintura, dança, teatro, culinária: são todas brincadeiras que inventamos para que o corpo encontre a felicidade”. Para o autor a educação deveria se ocupar em ensinar ferramentas que possibilitassem abrir a caixa de brinquedos e tornassem o ser humano mais feliz.¹⁰²

Rubem Alves vai dialogar também, com Martin Buber, que é mais pensador do que um filósofo acadêmico ou teólogo profissional e que viveu de 1878 a 1965.¹⁰³ Para Alves o que Buber disse do *mundo do isso* e o *mundo do tu* é semelhante ao que disse Agostinho. São duas as atitudes distintas do ser humano face ao mundo ou diante do ser. E o maior mérito do Martin Buber foi ter acentuado de modo claro, radical e definitivo essas duas atitudes. As palavras princípios Eu-Tu e Eu-Isso traduzem essas atitudes. “A primeira é um ato essencial do homem,

⁹⁹ CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos; uma história da igreja cristã*. Trad. Israel Belo de Azevedo, Valdemar Kroker. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 125.

¹⁰⁰ AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. São Paulo, Paulus, 2002. Livro I. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=UeO5DAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=patristica+a+doutrina+santo+agostinho&hl=ptBR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=patristica%20a%20doutrina%20santo%20agostinho&f=false>. Acesso em: 30 set. 2017.

¹⁰¹ ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* 10 ed. Campinas, SP: Verus editora. 2014. p. 14.

¹⁰² ALVES, 2014, p. 19-20.

¹⁰³ ZUBEN, Newton Aquiles Von. Introdução. In: BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001. p. 10-12.

atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua. A segunda é a experiência e a utilização, atitude objetivante. Uma é atitude cognoscitiva e a outra atitude ontológica”.¹⁰⁴

É através do corpo que o ser humano se descobre uma pessoa, uma individualidade, e através dele é possível criar-se o sentido da contradição e da singularidade. O que significa que a pré-condição para comunhão é o corpo. E através do corpo o ser humano toma consciência de si enquanto um “eu”, na experiência do encontro com outro corpo, o “tu”, sua contrapartida.¹⁰⁵

Influenciado por esses teólogos Rubem Alves percebeu que fora da cotidianidade, a teologia não passa de um discurso surrealista, pois para ele, as ideias são construídas a partir da linguagem estabelecida na relação do Eu-Tu e do Eu-Isso e a linguagem não é arte fotográfica, mas interpretação. A beleza, pois, da teologia, não está no fato de ser “ciência divina”, mas sim “saber humano, que tem a ver com a existência humana e sua relação com a vida e a morte que a circunda”.¹⁰⁶

Rubem Alves construirá o seu pensamento influenciado também por alguns filósofos como se verá a seguir.

2.2 Bases filosóficas

Aproximando-se de Ludwig Andreas Feuerbach, filósofo alemão, que viveu de 1804 a 1872 e que se ocupou em analisar o cristianismo, Rubem Alves foi fortemente influenciado ao pensar religião. Feuerbach foi um iluminista que de maneira veemente valorizou o ser humano que tem os pés no chão, que está em harmonia com a natureza e da qual sabe ser um produto. O ser humano que se conhece e critica a si mesmo, que combate as suas falhas e aperfeiçoa suas qualidades. Do ser que trabalha, ama, cria e transforma. Para ele o ser humano deveria acreditar mais em si mesmo, ao invés de acreditar nos deuses, pois certamente o mundo seria melhor.¹⁰⁷

Para Feuerbach, não se trata de reduzir a religião a nada, mas para ele a religião não é o que a teologia diz que é: Não é mistério estranho, mas mistério da natureza humana. Como

¹⁰⁴ ZUBEN, 2001, p. 30.

¹⁰⁵ ALVES, 1987, p. 203.

¹⁰⁶ REBLIN, 2014, p. 90.

¹⁰⁷ BRANDÃO, José da Silva. Apresentação do Tradutor. In: FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 10.

ele mesmo disse

[...] mostro apenas que a religião toma a essência aparente e superficial da natureza e da humanidade por sua essência verdadeira e interior e por isso imagina a essência verdadeira e esotérica da mesma estranha e especial, que, portanto, a religião, nas determinações que ela atribui a Deus, p. ex. à palavra de Deus [...], apenas define ou objetiva a verdadeira essência da palavra humana.¹⁰⁸

Profundamente influenciado por Feuerbach, Rubem Alves escreveu “O enigma da religião”, “O suspiro dos oprimidos” e “O que é religião”. Nessas obras discorrerá sobre religião apontando a diferença que existe entre o ser humano e os animais. Para Feuerbach o que diferencia um do outro é a consciência. O que para Freud é inconsciente para Feuerbach é essência. São funções que se encontram normalmente reprimidas. O ser humano nunca toma consciência de sua essência de forma direta. “O homem tem vida interna e vida externa”.¹⁰⁹

Diferente dos animais, que vivem imersos no seu mundo, sente-o, vive-o, aceita-o. A relação do ser humano com o mundo é de tensão entre a realidade e a exigência ética de superação. Diante dessa situação a imaginação cria mecanismos de fuga e consolo e por meio da fantasia tenta encontrar o prazer que lhe é negado pela realidade. Narcóticos e ilusões para amenizar a dureza do dia a dia. A religião, portanto, seria um desses mecanismos. Desejo que o ser humano tem de se defender do poder esmagador da natureza. Deus seria “esse coração fictício que o desejo inventou” na esperança de harmonizar-se com o universo.¹¹⁰

Para Feuerbach, “Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor”.¹¹¹

Baseando-se no pensamento do filósofo, Rubem Alves vai dizer que a religião é um fenômeno antropológico positivo, expressão da natureza humana, mas também é uma forma de corrupção como alienação. E para ser positiva a sua forma alienada deve ser destruída.¹¹²

Para Alves compreender a verdade da religião significa que não se está condenado à situação presente, existe uma possibilidade de transformação e que os seus símbolos podem esconder verdades que virão à tona. Sua proposição é que ao analisar só a face externa da religião, seu discurso, sua ideologia, as organizações, funções sociais, deixa-se de lado o projeto

¹⁰⁸ FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 24.

¹⁰⁹ ALVES, 1984, p. 43.

¹¹⁰ ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 91.

¹¹¹ FEUERBACH, 2013, p. 44.

¹¹² ALVES, 1984, p. 46-47.

de superação que ela contém, contribuindo-se assim para a própria alienação religiosa. A religião está enraizada no desejo. “É uma expressão de desejo (a essência humana que se rebela contra a repressão) e uma expressão de esperança da realização do desejo”. Para Rubem Alves se o discurso utópico desaparecesse, o protesto e a esperança seriam engolidos pela repressão e a ela se ajustariam.¹¹³

Para Feuerbach o problema da alienação seria resolvido pela crítica filosófica ou pela educação, como se fosse um equívoco involuntário, explicável pela psicologia. Rubem Alves vai se diferenciar de Feuerbach pelo fato de que ele descreve o fenômeno religioso em termos puramente psicológicos. Para Rubem Alves “a linguagem religiosa reflete uma relação entre o homem e o mundo”. Não é projeção de uma essência interior e inata ao homem, pois a consciência não é entidade autossuficiente, mas resultado de um relacionamento. E aí Rubem vai concordar com Buber quando ele fala que Deus não se refere nem ao Eu e nem ao Mundo, mas ao hífen, à relação invisível que os une. A palavra Deus nasce como expressão de uma relação.¹¹⁴

Indiferente às críticas recebidas pela obra “A essência do cristianismo”, Feuerbach escreve em “Preleções sobre a essência da religião”:

Só combato a religião enquanto ela não é poesia, mas sim uma prosa vulgar. Com isso chegamos agora a uma restrição essencial da frase: religião é poesia. Sim ela é, mas com a diferença da poesia, da arte em geral, que a arte não toma suas criações por coisas que não são, mas simplesmente por criações da arte; mas a religião considera suas entidades reais.¹¹⁵

Rubem Alves vai concordar com Feuerbach, teologia é poesia.

Entre Karl Marx e Feuerbach há uma enorme distância com relação à religião. Apesar de ambos concordarem que se trata de uma produção humana, Marx nega que a religião seja expressão de uma essência humana. “Na religião o homem não se conhece. Há um véu místico que o separa da realidade”. Para ele a sociedade é quem determina a consciência humana. “O homem não é um ser abstrato, agachado fora do mundo. O mundo é o mundo do homem, o estado, a sociedade. Este estado, esta sociedade produzem a religião, uma consciência invertida de mundo, por que eles são um mundo invertido”¹¹⁶, por isso é falsa. Diferente de Feuerbach que vê uma verdade escondida na ilusão, Marx só vê ilusão e por isso não deve ser interpretada.

¹¹³ ALVES, 1984, p. 49.

¹¹⁴ ALVES, 1988, p. 64-65.

¹¹⁵ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Trad. José da Silva Brandão. Campinas, SP; Papirus, 1989. p. 154

¹¹⁶ MARX & ENGELS, 1964 *apud* ALVES, 1984, p. 52.

Para Marx “a religião é a teoria geral deste mundo, o seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, a sua solene completude. É a sanção moral do mundo e o fundamento universal de consolo e justificação”.¹¹⁷

Em Feuerbach a religião exprime uma realidade reprimida. Em Marx é produzida por uma realidade repressora. “Ela é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração”. A função social da religião seria amortecer o sofrimento e reconciliar o homem com o mundo que o oprime. Enquanto Feuerbach vê a religião como uma confissão de amor, Marx a vê como um grito de dor, de um homem acorrentado. O que está presente no discurso religioso são as correntes sociais que o escraviza e ao mesmo tempo o reconcilia com o mundo. A religião para Marx é um sintoma de uma doença social.¹¹⁸

Marx acreditava que a religião deveria ser abolida, por ser uma felicidade ilusória, para que a verdadeira felicidade acontecesse e sendo a sociedade geradora da necessidade de religião, deveria ser criticada. A alienação religiosa deriva da alienação econômica, portanto não poderia ser abolida se a situação econômica não fosse alterada¹¹⁹. Mas como abolir a alienação do interior do sistema que a produz? Segundo Rubem Alves para abolir a alienação seria necessário que a consciência saísse do círculo fechado dos determinismos econômicos. Sair da realidade e ingressar na possibilidade. Mas o possível só pode ser pensado através da imaginação. E não há imaginação que não seja alimentada pelo amor e pelo desejo. O poder histórico do marxismo estaria não nas suas análises científicas, mas no seu poder para desencadear e expressar o desejo daqueles alienados que sofrem e sonham com a libertação.¹²⁰

Marx acreditava que havia uma necessidade de transformação revolucionária na sociedade capitalista e por isso seria necessário libertar o homem da religião para que livre, o homem pudesse compreender e criticar o seu mundo, não a partir de uma perspectiva metafísica, mas, a partir de uma análise histórica, horizontal, das condições objetivas que haviam criado a religião. Para Alves, no entanto, há um equívoco ao se pensar assim. O sagrado não é somente aquilo que ostenta nomes religiosos tradicionais. Para ele

Onde quer que imaginemos valores e os acrescentamos ao real, aí está o discurso do desejo, justamente o lugar onde nascem os deuses. E Marx fala sobre uma sociedade sem classes que ninguém nunca viu, e na visão transparente e conhecimento cristalino das coisas, e no triunfo da liberdade e no desaparecimento de opressores e oprimidos, enquanto o Estado murcha de velhice e inutilidade, ao mesmo tempo em que as pessoas brincam e riem enquanto trabalham, plantando jardins pela manhã, construindo casas à tarde, discutindo arte à noite... De fato, foram-se os símbolos

¹¹⁷ MARX & ENGELS, 1964 *apud* ALVES, 1984, p. 53.

¹¹⁸ MARX & ENGELS, 1964 *apud* ALVES, 1984, p. 54.

¹¹⁹ MARX & ENGELS, 1964 *apud* ALVES, 1984, p. 55.

¹²⁰ ALVES, 1984, p. 64.

sagrados, justamente aqueles ‘já avançados em anos ou já mortos...’ Mas eu me perguntaria se a razão por que o marxismo foi capaz de produzir ‘horas de efervescência criativa, nas quais ideias novas apareceram e novas fórmulas foram encontradas, que serviram, por um pouco, como guias para a humanidade’, sim, eu me perguntaria se tudo isso se deveu ao rigor de sua ciência ou à paixão de sua visão, se deveu aos detalhes de sua explicação ou às promessas e esperanças que ele foi capaz de fazer nascer...Se isso for verdade, então, à análise que o marxismo faz da religião como ópio do povo, outro capítulo deveria ser acrescentado sobre a religião, como arma dos oprimidos, e o marxismo, de direito, teria de ser incluído como uma delas...¹²¹

“Outro relevante” com o qual Rubem Alves irá travar profícuos diálogos será com o pai da psicanálise, que produziu ciência e conhecimento de forma inédita. Reinventou aquilo que se conhecia sobre a psique humana. Rompeu com a tradição ocidental de pensamento racional, consciente e cartesiano. Seus estudos sobre o inconsciente, referenciam a ciência e a filosofia contemporânea. Seu pensamento tem influenciado as diversas áreas do saber.¹²²

Como médico neurologista de formação, Sigmund Freud, que viveu de 1856 a 1939, percebeu que pacientes histéricas, que apresentavam sintomas físicos sem aparentarem causa, normalmente eram tratadas com indiferença pelos médicos e hospitais. Esses sintomas apresentados e a impotência dos médicos impressionavam o jovem neurologista que passou a buscar as raízes psíquicas do sofrimento histérico. Ele procurava ouvir o que as pacientes tinham a dizer, usando a princípio, a hipnose como terapia. “O paciente tem sempre razão. A doença não deve ser para ele um objeto de desprezo, mas ao contrário, um adversário respeitável, uma parte do seu ser que tem boas razões de existir e que lhe deve permitir obter ensinamentos preciosos para o futuro”.¹²³

Saber da existência do inconsciente não bastava. “Há o inconsciente, mas como ter acesso a ele?” Freud então escreve o texto mais importante da história da psicanálise. “A interpretação dos sonhos”, que revela uma investigação extensa e absolutamente inédita sobre o inconsciente. Tudo isso a partir da análise e do estudo dos sonhos, manifestação psíquica inconsciente por excelência.¹²⁴

Somente mais tarde o papel central da sexualidade na formação dos sintomas neuróticos seria abordado. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” Freud pode apresentar suas hipóteses sobre o papel da sexualidade na gênese da neurose. Exercícios de autoconhecimento e de autorreflexão psicológicos já eram realizados naquela época pela

¹²¹ ALVES, 2013, p. 81-82.

¹²² ENDO, Paulo; SOUSA, Edson. Itinerário para uma leitura de Freud. In: FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. p. 7.

¹²³ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. p. 11.

¹²⁴ FREUD, 2011. p. 12.

psicologia experimental. A questão da psicanálise era: “como podia a autoinvestigação esclarecer sobre o psiquismo profundo tendo sido o próprio psiquismo o que ocultou do sujeito suas dores e sofrimentos?” Por isso a proposta de Freud era que o sujeito falasse para que o psicanalista escutasse. Freud e seus seguidores reconheciam que “a teoria psicanalítica tinha um alcance capaz de iluminar dilemas de outras áreas do conhecimento, além daqueles observados na clínica”¹²⁵.

Em “O futuro de uma ilusão” Freud vai analisar a origem da necessidade do ser humano de ter uma crença religiosa. Conquanto, considerar o fenômeno religioso como cultura e demonstração de fé, Freud não vê a religião como forma de conhecimento do mundo, pois para ele a religião é origem da alienação, da superstição baseada na imaginação. Freud quer ajudar o ser humano a compreender e transformar os seus afetos a fim de libertá-lo das opressões reais e imaginários, dentro e fora de si.¹²⁶

Ao abordar a religião na sua obra, Freud esforça-se para afirmar a psicanálise como campo de saber que formula uma concepção de aparelho psíquico, base de terapia para o sofrimento mental humano, que para ele não é nem produto de forças exteriores como a religião dizia, nem produto de lesões corporais ou de herança familiar, como dizia a medicina. Para Freud, é na história singular de cada pessoa, juntamente com as forças pulsionais que habitam seu corpo e seu psiquismo, que se encontram as razões para o sofrimento psíquico que se expressam através do corpo e da alma. A saída para o sofrimento humano estaria dentro do próprio ser.¹²⁷

Diferente de Max Weber e Emile Durkheim, que analisaram a religião como fato social, Freud vai pensar a religião a partir do funcionamento da psique humana. Para ele, os sintomas obsessivos são a religião particular do neurótico e a religião seria o sintoma neurótico da humanidade. A religião seria, segundo ele, uma coerção precoce e nefasta para a inteligência da criança.¹²⁸

O argumento central que Freud tem contra a religião é “a necessidade, por parte do sentimento religioso de derivar suas crenças e suas práticas dos sentimentos de desproteção e vulnerabilidade presentes no indivíduo e na maneira de a criança, sempre viva no psiquismo de cada um, criar mecanismos psíquicos para se haver com tais sentimentos”. É na busca de proteção contra o desamparo, em situações as quais não se tem controle, e diante da finitude e

¹²⁵ FREUD, 2011. p. 14.

¹²⁶ FREUD, 2011. p. 21.

¹²⁷ FREUD, 2011. p. 23.

¹²⁸ FREUD, 2011. p. 28.

da fragilidade humana que se encontra a gênese da religião. A maior crítica de Freud à religião, “foi a de ter falhado em conciliar o ser humano com as renúncias pulsionais impostas pela civilização”. Ainda de acordo com Freud, a religião desvaloriza a vida terrena em favor de um outro mundo e impõe um modelo único de felicidade, além de inibir o intelecto.¹²⁹

Como terapeuta, Freud descobriu que o ser humano é governado pela busca do prazer, mas deve submeter-se à realidade. Desse conflito surgem as neuroses e os desajustes. “Os homens são muito pouco acessíveis a motivos racionais, e estão inteiramente dominados pelos seus desejos impulsivos.”¹³⁰

Para Rubem Alves, é justamente pelo fato de não compactuar com a realidade que o ser humano se torna capaz de criar. Para ele, o ser humano, diferentemente dos animais, é capaz de “gerar estrelas, imaginar utopias, dar à luz deuses”. O mundo é muito pequeno para o nosso corpo. O nosso desejo é grande demais para os nossos limites. Como se estivéssemos numa prisão e sentíssemos uma terrível claustrofobia, o desejo [...] procura novos espaços, horizontes diferentes.¹³¹

Para Rubem o corpo permanentemente e dialeticamente se autocria, numa dinâmica constante, na qual a imaginação é elemento fundamental. Na antropologia alvesiana é através da imaginação que o ser humano vai vislumbrar possibilidades de transcender a realidade, com a qual ele não compactua.¹³² É através da imaginação que o ser humano se move em busca de alternativas para o seu mundo, pois “[...] enquanto cada espécie animal é prisioneira de sua própria melodia, o homem tem capacidade de compor novas”.¹³³

Mas, como a sociedade prefere homens ajustados, a história humana é história de libertação e submissão, de poderes que a humanizam e desumanizam e é o corpo que se escraviza ou é escravizado. E, é através da imaginação e da criatividade que o corpo se liberta e cria novos símbolos. E assim, o corpo vive em meio à tensão. Entre o estabelecido e o vir a ser. Para Rubem, a imaginação faz parte da existência humana e é a dor que leva o corpo à imaginação. A insatisfação com a realidade o faz sonhar. Quando surgem a dor e o infortúnio, surge também a chance do ser humano se embevecer por outros mundos.¹³⁴

Para Freud, a magia é neurose, sinal de irracionalidade, mas para Alves é o contrário: “magia revela a intenção básica da personalidade. [...] O homem pratica magia porque dentro

¹²⁹ FREUD, 2011. p. 30-32.

¹³⁰ FREUD, 2011. p. 115.

¹³¹ ALVES, Rubem. *Poesia, profecia, magia: meditações*. Rio de Janeiro: CEDI, 1983. p. 36.

¹³² NUNES, 2008, p. 72.

¹³³ ALVES, 1984, p. 160.

¹³⁴ NUNES, 2008, p. 73-75.

de si possui uma intenção mágica: a de que as coisas como são têm de ser dissolvidas, de que um mundo novo, expressivo de amor, deve ocupar o seu lugar”.¹³⁵

A crítica que Rubem Alves fez a Freud é que apesar de ter descoberto que o ser humano não é racional, que age por motivos inconscientes, desejos impulsivos, não levou a cabo nenhuma positividade com relação ao inconsciente. Acatou o racionalismo e o princípio da realidade. Para ser normal o ser humano tem que se adequar pois “qualquer ordem social, para existir, exige a repressão dos instintos”.¹³⁶

Para Rubem Alves, existe uma contradição na teoria psicanalista. Freud descobriu que diferente do que o Iluminismo dizia, o ser humano não age com a razão. É o princípio do prazer que rege a vida. Mas, é a realidade que deve determinar o pensamento e o comportamento. Sendo assim, a psicanálise tão preocupada em libertar o ser humano, não estaria apregoando uma filosofia anti-humanista?¹³⁷

É a partir dessa crítica que Rubem Alves elaborará uma teoria positiva da imaginação e da capacidade criativa. A imaginação para o autor é essencial na formação da personalidade e do desenvolvimento da inteligência. Antônio Severino percebeu a importância da imaginação em Rubem Alves, pois para ele

Desta revalorização da imaginação, enquanto atividade central da consciência, é que Rubem Alves parte para analisar o conhecimento humano e para criticar os viesamentos epistemológicos tanto da ciência como da filosofia. [...] O verdadeiro e autêntico conhecimento muito tem a ver com a condição corporal do homem e de modo algum pode ignorar sua dimensão imaginativa.¹³⁸

Aquilo que Feurbach, Marx e Freud viram como uma tarefa, a “morte de Deus”, para Nietzsche tratava-se de uma boa notícia. Foi assim que ele se expressou:

Sentimos como se um novo dia estivesse raiando ao receber as boas novas de que o ‘velho Deus morreu’; nosso coração transborda com gratidão, assombro, antecipação e expectativa. Por fim o horizonte se apresenta novamente aberto a nós, muito embora ele não esteja muito claro: por fim nossos navios podem se aventurar pelo mar afora, para enfrentar qualquer perigo: toda a ousadia do amante do conhecimento é permitida novamente; o mar, o nosso mar, está aberto novamente.¹³⁹

Friedrich Wilhelm Nietzsche, alemão que viveu de 1844 a 1900, estudou teologia e filologia e deu aula de filologia na Universidade de Basileia, na Suíça. Como grande pensador

¹³⁵ ALVES, 1986. p. 91.

¹³⁶ ALVES, 1984. p. 79.

¹³⁷ ALVES, 1984. p. 87.

¹³⁸ SEVERINO, 1999 apud NUNES, 2008, p. 77.

¹³⁹ NIETZSCHE, 1965 apud ALVES, 1988, p. 77.

que foi, era dotado de um espírito irrequieto. Era romântico e poeta por natureza e cheio de imaginação. Era fascinado pela vida, emotivo e tinha sede de liberdade. Apesar de visionário era muito apegado ao mundo real e concreto. Religioso por criação e formação, contudo, um demolidor de religiões. Defendia a beleza da vida, mas criticava a fraqueza humana; conhecia a si mesmo, era seu próprio algoz. Lutava consigo mesmo e vivia em choque com a humanidade.¹⁴⁰

Para Rubem Alves, Nietzsche tinha a visão de profeta e como tal, percebia que a história da civilização Ocidental era uma história de repressão e uma vez originada de mecanismos neuróticos de repressão, usava o mesmo mecanismo. Para Nietzsche, o estilo apolíneo da ordem da racionalidade e da harmonia intelectual sobrepôs o estilo dionisíaco da vida, caracterizado pela vontade de viver espontaneamente, extasiadamente. Toda produção nietzschiana é uma repulsa à repressão e uma afirmação da vida. Rubem Alves vai se identificar profundamente com o pensamento de Nietzsche. Para ambos era preciso transformar a terra num local onde o ser humano pudesse ter liberdade e uma relação prazerosa com o mundo. Mundo de cores, sons, gostos e carícias.¹⁴¹

A crítica de Nietzsche à religião foi ao seu caráter repressor. A estrutura de repressão formadora da civilização Ocidental estava arraigada na estrutura religiosa. A obediência como ideal cristão foi comparada por Nietzsche ao camelo que não reclama da carga que lhe é imposta. Em nome de Deus o tempo era negado, pois o mais importante, era a eternidade. Também em nome de Deus ao ser humano não era dada liberdade para criar um futuro novo. Por tudo isso, Nietzsche proclamou o surgimento do super-homem, que teria coragem de romper com as estruturas de repressão criadas pela civilização e afirmar a sua vida em liberdade. Para ele, o ápice dessa estrutura de repressão era o nome de Deus. Mediante o nome de Deus, repressão era sagrada e ser oprimido tornava-se virtude. Portanto, para Nietzsche, a morte desse Deus trazia consigo a possibilidade de pôr fim às estruturas de repressão. As estruturas deixariam de ser sagradas e o ser humano na condição de camelo, poderia se transformar em leão e destruir o dragão opressor. Liberto da opressão, livre para a vida, para o mundo e para o futuro, o ser humano se reconciliaria com a terra e a fecundaria com o seu amor.¹⁴²

Segundo Rubem Alves, Nietzsche era poeta e profeta e a sua linguagem como uma lupa, tornava perceptível tudo aquilo de inumano, que havia na linguagem religiosa, que

¹⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012. p. 11.

¹⁴¹ ALVES, 1988, p. 77-78.

¹⁴² ALVES, 1988, p. 78.

normalmente não se percebia. Através da lupa era revelado, mostrando assim fealdade e distorção. A linguagem cristã negava o corpo, os sentidos, a liberdade e a criatividade e toda a sua validade e beleza, em nome de outro mundo.¹⁴³

Ao valorizar o além-mundo e a mortificação da vida terrena, a religião negava a vida, como se fosse algo sem valor. O que evidencia também o desprezo pelo corpo. Nietzsche queria chamar de volta, a mais pura dimensão do ser humano, o corpo, para ele, “uma grande razão”.

¹⁴⁴ Rubem Alves vai concordar com Nietzsche ao dizer que

Não existe valor algum mais alto que a vida, pois a vida é sempre um fim em si mesma, e nunca um simples meio para algo além dela. Todas as expressões da atividade humana, das mais triviais às mais fantásticas, são produtos de um ser de carne e ossos, um corpo que luta para permanecer vivo. [...]. Digamos, portanto, que não existe valor mais alto que o corpo. As coisas que o homem faz não podem ser entendidas em si mesmas, isoladamente, porque se trata de funções de uma exigência que as antecedeu e as criou: a exigência de viver, dada ao corpo. Esta é a razão por que o corpo tem prioridade axiológica sobre tudo o mais.¹⁴⁵

Para Alves, o corpo não é só realidade biológica. O corpo é construído, “é palavra que se fez carne”. “É lápide onde se escreve a cultura. O mármore onde se cinzela o sinal”.¹⁴⁶ Mas o corpo também tem uma linguagem que é poética ou metafórica, que é diferente da linguagem conceitual das generalizações, que normalmente se usa, mas não se consegue ir além do dizível e do visível. Para captar essa linguagem é preciso “[...] ser capaz de ouvir por entre as palavras e de ver por entre as coisas, habitando o silêncio do indizível e o fundo escuro de onde pode advir qualquer visibilidade possível”.¹⁴⁷ Por isso, Rubem Alves, assim como Nietzsche, vão falar dos limites da razão.

Para Rubem, as ideias do corpo diferem das ideias da consciência. “Todas as ideias que moram no meu ‘eu’ podem ser ditas diretamente. As entidades que moram no corpo, estas não podem ser ditas conceitualmente; a única forma de dizê-las é a poesia que na verdade não é um dizer, mas um sugerir”.¹⁴⁸

A base do pensamento alvesiano se constituiu a partir desses pensadores, ora criticando, ora se apropriando de suas ideias para então formar a sua compreensão sobre religião. De Feuerbach Rubem Alves incorporou a

¹⁴³ ALVES, 1987, p. 76.

¹⁴⁴ ALVES, 1984, p. 163.

¹⁴⁵ ALVES, 1984, p. 171-172.

¹⁴⁶ RESTREPO, 2000 apud NUNES, 2008, p. 84.

¹⁴⁷ NETO, 1992 apud NUNES, 2008, p. 87.

¹⁴⁸ ALVES, apud NUNES, 2001, p. 88.

[...] gênese terrena das grandes ideias, a força criativa da imaginação como um elemento constituinte do ser humano e seu poder histórico de recusa do mundo dado de protesto contra a realidade tal como se apresenta ao ser humano, de que a religião possui uma verdade oculta por causa da sua composição essencialmente simbólica, sendo que para compreender a religião é necessário entender o código que a rege.¹⁴⁹

Baseando-se em Marx, Rubem Alves vai se resguardar da solução psicológica dada por Feuerbach. Para Marx assim como para Alves o ser humano é um ser social concreto e suas produções intelectuais têm a marca do social. Para Rubem, a religião não é só antropologia ou projeção da essência humana. Rubem Alves vai se apropriar da compreensão de Marx da sociedade e da sua crítica às estruturas socioeconômicas e da “gênese social da religião; o materialismo histórico, isto é, as necessidades do corpo que antecedem suas ideias metafísicas, a religião como tomada de consciência, no sentido de protesto contra a realidade”.¹⁵⁰

De Freud, Alves “vai assimilar o princípio do prazer como o fator motor, decisivo na articulação do propósito da vida, i.e., a busca humana incessante pela felicidade, pela concretização do desejo, por um universo em que ele possa se sentir em casa e amado[...]”.¹⁵¹ Contudo, vai discordar do pai da psicanálise quando este diz que o ser humano tem que se adequar ao princípio da realidade e que religião é patologia.

De Nietzsche, pode-se dizer que Rubem assimilou a linguagem metafórica, a valorização do corpo e a ludicidade.

2. 3 Bases educacionais

Rubem Alves foi um crítico da chamada educação bancária, onde a elite investe no conhecimento do educando, na esperança de soterrar sua herança cultural,¹⁵² bem como da produção capitalista cobrada pela escola através dos exames vestibulares.¹⁵³ Na educação bancária as relações são narradoras, dissertadoras. Educar é depositar o saber dos sábios aos que nada sabem. Sua finalidade é manter a divisão entre os que sabem e os que não sabem. Entre oprimidos e opressores. Não existe dialogicidade.¹⁵⁴

¹⁴⁹ REBLIN, 2014, p. 130.

¹⁵⁰ REBLIN, 2014, p. 131.

¹⁵¹ REBLIN, 2014, p. 131.

¹⁵² ALVES, 1984, p. 133.

¹⁵³ ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 9.

¹⁵⁴ MOACIR GADOTTI, 2008, p. 35.

Rubem Alves vai dizer que a sua imagem de educação é a de um semeador. “Não busco discípulos para comunicar-lhes saber. Os saberes estão soltos por aí para quem quiser. Busco discípulos para neles plantar minhas esperanças”.¹⁵⁵

Segundo Gadotti não dá para classificar o pensamento pedagógico de Rubem Alves, mas, pode-se dizer que, ao dialogar com aqueles que ele costumava chamar de irmãos, ele teceu uma nova forma para reencantar a educação e ao fazê-lo conseguiu encantar os educadores cansados do tecnicismo oficial e pelo neo-tecnicismo progressista. Com isso, recuperou na sala de aula a beleza, o indivíduo, o pessoal e o poético, o inconsciente e a emoção.¹⁵⁶

Uma das pessoas que muito influenciou Rubem Alves, foi Roland Barthes, escritor francês que viveu de 1915 a 1980. Além de escritor, Barthes era sociólogo, filósofo, crítico literário e semiólogo. Barthes em discurso proferido na aula inaugural da cadeira de semiologia literária do *College de France* (Faculdade da França), em 1977, vai discorrer sobre o poder. Segundo ele é inocência falar de poder como se fosse um. Para ele o poder é plural, é uma legião. Combater o poder é difícil, pois ele vai germinar. É o parasita de um organismo transsocial, ligado à história do homem. O objeto em que se inscreve o poder é a linguagem. A língua é o código da linguagem. E ela não é reacionária e nem progressista. Ela é fascista. Obriga a dizer.¹⁵⁷

A língua está sempre a serviço do poder. Só resta para o ser humano trapaçar com a língua.

“Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura”.¹⁵⁸ Rubem Alves vai seguir o conselho de Barthes e escolher a literatura para revolucionar a linguagem, gerando significados novos, dando novos sabores, articulando saberes e sabores.

Outra proposta de Barthes e seguida por Alves foi a arte de desaprender.

Empreendo, pois, o deixar-me levar pela força de toda vida viva: o esquecimento. Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia:

¹⁵⁵ ALVES, 2012, p. 11.

¹⁵⁶ MOACIR GADOTTI, 2008, p. 62.

¹⁵⁷ BARTHES, Roland. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 11-16.

¹⁵⁸ BARTHES, 2013, p. 17.

sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.¹⁵⁹

Para Rubem Alves, desaprender não significa abrir mão de tudo o que se aprendeu, pois isso não seria possível. Mas seria uma forma diferente de ver o mundo porquanto,

As estruturas linguísticas tendem a nos colocar dentro de um círculo encantado que nos impede de ver o mundo a não ser sob a forma que ela o programou. Assim quando alguém ‘esquece’ uma linguagem é como se comesse a ver o mundo de uma forma totalmente diferente. É uma experiência de ‘maravilhar-se’ em frente a coisas que estiveram ali, todo o tempo, mas que estavam escondidas. E vem a pergunta: ‘Como é que eu fui incapaz de ver tantas coisas? Como é que ignorei tantas dimensões da realidade que estavam ali bem diante dos meus olhos?’¹⁶⁰

Desaprender, portanto, é condição para recuperação da vida, da afetividade, do encontro com o outro. O que acarreta também um risco, mas, que se faz necessário. “Compreender com intensidade com interesse real e tranquilidade, do que é feito – e para que fim – esse caleidoscópio que, de certo modo, somos nós mesmos. Desaprender é descondicionar pela via do conhecimento”.¹⁶¹

Fernando Pessoa, poeta constantemente citado por Alves, também achava que desaprender era preciso, para recuperar a visão infantil, que se vai perdendo com o passar dos anos. Para exemplificar a arte de desaprender, Rubem fez várias analogias. Como a do navio que por muito navegar e acumular detritos em seu casco, vez por outra precisa parar, a fim de que seja raspado, para então poder novamente deslizar sobre as águas. Tem também a analogia da casa, que recebeu muitas demãos de tinta. Como a casa o ser humano também é pintado com vários pincéis e tintas. Pais, avós, professores, pastores e padres são pintores que usam as suas tintas (palavras) até que o corpo desapareça.¹⁶²

Sobre a arte de desaprender, Rubem Alves muito aprendeu com os monges zenbudistas, que através de seus *koans* levavam os seus discípulos a refletirem.

Os mestres zen nada ensinavam. O seu objetivo era levar os seus discípulos a desaprender o que sabiam, a ficar livres de qualquer filosofia. Para isso eles se valiam de um artifício pedagógico a que davam o nome de *koan*. *Koans* são rasteiras que os mestres aplicavam na linguagem dos discípulos: é preciso que eles caiam nas rachaduras de seus próprios saberes.¹⁶³

¹⁵⁹ BARTHES, 2013, p. 48-49.

¹⁶⁰ ALVES, 1988, p. 13.

¹⁶¹ LISBOA, 1981 apud NUNES, 2008, p. 109.

¹⁶² NUNES, 2008, p. 109 - 110.

¹⁶³ ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 13 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 30.

Outro autor de quem Rubem Alves muito se aproximou foi Gaston Bachelard, filósofo, poeta, professor, epistemólogo e cientista. A vida de Bachelard foi marcada pela ruptura e descontinuidade. Viveu no século XIX e no século XX. Viveu no campo e na cidade. Foi filósofo e cientista. Em uma de suas obras “Poética do Espaço” ele afirma que “[...] tarde demais conheci a tranquilidade de consciência no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas tranquilidades de consciência que seriam a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma”.¹⁶⁴

A obra de Bachelard nomeada de diurna, é aquela que trata do saber científico, expresso na Epistemologia e na História das Ciências e a sua obra noturna se debruça na criação artística, leva à poesia, aos devaneios e aos sonhos.¹⁶⁵ Tanto uma quanto a outra coexistem e se complementam pois, assim como a ciência precisa do sonho e imaginação para construir novos conhecimentos, a arte também precisa da ciência para compreender a imaginação.¹⁶⁶

A produção “diurna” de Bachelard, racionalista e sistemática, traduzia as mudanças que ocorriam no campo da ciência. Para ele “o novo racionalismo admite o diálogo com a experiência. Era preciso compreender a reciprocidade das dialéticas, que vão interminavelmente do espírito às coisas e das coisas ao espírito”¹⁶⁷. “O método científico já não era direto, imediato, mas indireto, mediado pela razão. Assim sendo, o vetor epistemológico se desloca do racional para o real, diferentemente da epistemologia até então vigente”¹⁶⁸. O empirismo é superado pelo racionalismo.

Por outro lado, sua produção “noturna”, seu viés poético, embrenhava o universo da fantasia, dos sonhos e dos devaneios, propalando características do imaginário, até então desconhecidas. Para Bachelard, imaginação não é cópia do real, mas é uma produção independente, autoprodutora. A sua fenomenologia da imaginação se dá pelo encontro direto com a imagem.¹⁶⁹ Para ele não existe explicação psicológica para a imagem poética. Sua concepção de imaginação vai além dos elementos materiais que a originaram. Não é objeto a ser compreendido, mas só usufruído. A imagem “só pode ser usufruída através da recuperação

¹⁶⁴ BACHELARD, 1988 apud LIMA, Marcos Antonio Martins; MARINELLI, Marcos. A epistemologia de Gaston Bachelard: uma ruptura com as filosofias do imobilismo. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, v.45, n. 2, p. 393-406, 2011.

¹⁶⁵ BARBOSA & BULCÃO, 2004; JAAPIASSÚ, 1992; MARINELLI, 2007 apud LIMA; MARTINELLI, 2011, p. 395.

¹⁶⁶ SILVA DE SOUZA, 2007 apud LIMA; MARTINELLI, 2011, p. 396.

¹⁶⁷ BACHELARD, 1977; 2000 apud LIMA; MARTINELLI, 2011, p. 400.

¹⁶⁸ BACHELARD, 1972; 2000 apud LIMA; MARTINELLI, 2011, p. 400.

¹⁶⁹ SCOFANO, Reuber Gerbasi. *Estética e educação: uma aproximação entre Gaston Bachelard e Rubem Alves*. Revista Virtual En_Fil – UFF, Núcleo de Filosofia, Política e Educação, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, 2014.

Disponível em: <en-fil.net/ed4/conteudo/index_004_reuber.php>. Acesso em: 3 out. 2017.

de uma sabedoria que vem com a ingenuidade de ver as coisas como se fosse a primeira vez”.¹⁷⁰

Bachelard faz uma distinção entre imaginação formal e imaginação material. A imaginação formal tem a sua base na visão e se expressa através da abstração e do formalismo.

[...] a imaginação formal, que nutre a formalização, resulta de uma operação desmaterializada a, que intencionalmente ‘sutiliza’ a matéria ao torná-la apenas objeto de visão, ao vê-la apenas enquanto figuração, formas e feixes de relações entre formas e grandezas, como uma fantasmática incorpórea, clarificada, mas intangível. E é, na verdade, resultado da postura do homem como mero espectador do mundo-teatro, do mundo-espetáculo, do mundo panorama, exposto à contemplação ociosa e passiva.¹⁷¹

Patrícia Ribeiro de Almeida, em sua dissertação de mestrado, apresenta uma metáfora para explicar o que seria imaginação formal e a imaginação material:

[...] vamos começar imaginando que são pessoas e que ambas estão diante de uma grande montanha. Enquanto a senhora Imaginação Formal se assusta com a altura do morro e só de olhar para ele quase desiste de começar a escalada, a senhorita Imaginação Material aperta os laços dos sapatos e já se lança trilha acima. Neste momento a Imaginação Formal começa a pensar que a paisagem lá de cima deve ser mesmo encantadora e que seria ótimo se instalassem uma espécie de teleférico por ali. As duas começam a escalada. Enquanto a primeira repara nas cores e nas formas das árvores plantadas no lugar, a segunda já subiu em uma delas e saboreia os seus frutos. Quando alcançam o topo da montanha, a Imaginação formal não perde seu tempo e logo saca sua câmera fotográfica – é preciso registrar tamanha beleza de paisagem. Enquanto isso, a senhorita Imaginação Material só quer saber de abrir seus braços, mergulhá-los no infinito e inspirar bem fundo o ar puro que lá existe.

Quando retornam ao pé da montanha, encontram um senhor de barbas brancas incrivelmente parecido com o próprio Gaston. Ele pede para que elas lhe contem sobre o passeio. Enquanto a Imaginação Formal busca por meio da sua memória descrever com fidelidade as paisagens que viu, a outra mal pode falar, tamanho o estado de êxtase que toma conta de seu corpo todo depois de ter vivido tão magnífica experiência.

Diante das duas, o senhor de barbas brancas pensa que, em uma próxima oportunidade gostaria de repetir o mesmo passeio, segurando a mão de uma e de outra ao mesmo tempo. Pensa que bom seria se ele pudesse contemplar as formas da natureza sem deixar de entrega-se por inteiro àquele lugar, de sentir seus perfumes e saborear tudo o que encontrasse pelo caminho. Bom mesmo seria se ele pudesse não apenas assistir à escalada como um pagante assiste ao trabalho de atores em cena, mas que pudesse desafiar o espaço e a si mesmo, se apropriar da experiência e também assinar a autoria daquilo que viveu.¹⁷²

A imaginação material trabalha com outros sentidos, provoca uma interação, uma modificação criativa do ser humano. “Essas imagens da matéria terrestre oferecem-se a nós em

¹⁷⁰ SCOFANO, 2014.

¹⁷¹ BACHELARD, 1994. Introdução de José Américo Motta Pessanha *apud* SCOFANO, 2014.

¹⁷² ALMEIDA, Patrícia Ribeiro de. *O mundo é redondo como a rosa: imaginação poética e criação pedagógica*. Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2013. p. 45-46. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=11&Itemid=76&lang=ptbr&filtro=patricia%20ribeiro>. Acesso em: 04 out. 2017.

profusão num mundo de metal e de pedra, de madeira e de gomas; são estáveis e tranquilas; temo-la sob os olhos, sentimo-las nas mãos, despertam em nós alegrias musculares assim que tomamos o gosto de trabalhá-las”.¹⁷³

Esse tipo de imaginação não quer ser cópia nem signo da realidade como acreditava a psicanálise. Ao procurar a realidade na imagem, a psicanálise torna a imaginação secundária não considerando a sua vontade de poder, de criar, de trabalhar, de transformar. Segundo Bachelard “só compreenderemos bem a doutrina da Imaginação Material quanto tivermos restabelecido o equilíbrio entre as experiências e os espetáculos”.¹⁷⁴

Ao falar sobre a dimensão material da imaginação Bachelard faz um alerta sobre o poder da argumentação ocularista e intelectualista de inibir a capacidade criadora. Apesar do privilégio que sempre teve na Filosofia, para o autor, não existe supremacia da visão sobre os outros sentidos. O pensamento como extensão da visão, característica da sociedade grega escravagista, dividia os homens entre os que pensavam e os homens que trabalhavam, privilegiava a visão em detrimento dos outros sentidos, e essa supremacia do olhar perdura até hoje. Mas a Imaginação Material, prezada por Bachelard se dá por outro viés.¹⁷⁵ Não se dá pelo afastamento da visão nem pela ação contemplativa, mas se dá na mão que cria, que transforma, que trabalha.

A imaginação criadora independe da visão e tem função diferente da imaginação que reproduz. Para Bachelard, ela é tão útil quanto a função do real. A imaginação concebida por Bachelard sofre uma transformação à medida que se torna força que cria. Ela é independente e auto criadora. Não existe causa para a imagem poética. A sua proposta é uma fenomenologia da imaginação que se dá pela presença da imagem. Só pode ser desfrutada através de um olhar ingênuo, como se fosse pela primeira vez. Trata-se de aderir à imagem em sua manifestação. O valor está na apreensão do poético na hora que surge a imagem, a qual se revela pela mesma.¹⁷⁶

Rubem e Bachelard estão próximos tanto na área da produção científica, da epistemologia quanto no campo da estética. Nas primeiras obras de Rubem existe uma predominância da imaginação formal. Cervantes-Ortiz, em sua obra “A teologia de Rubem Alves”, propõe uma periodização do itinerário do autor mineiro. Segundo Ortiz, o que se levou em consideração nesse trabalho não foi a temática dos textos, mas o espírito deles, i. é., o que está por trás das palavras que possa mostrar algo além da ideologia clara ou implícita.¹⁷⁷

¹⁷³ BACHELARD, 1991 *apud* SCOFANO, 2014.

¹⁷⁴ PESSANHA, 1991 *apud* ALMEIDA, 2013, p. 46.

¹⁷⁵ PESSANHA, 1991 *apud* ALMEIDA, 2013, p. 47.

¹⁷⁶ SCOFANO, 2014.

¹⁷⁷ CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 43.

De acordo com Ortiz, a última fase de produção de Rubem, a partir da década de 1980, caracteriza-se como

[...] período das realizações, obras que a partir sobretudo de ‘Creio na ressurreição do corpo’ (1982), já manifestam uma clara definição do novo modo teológico de pensar. O que no período anterior era somente busca e intuição manifesta-se em concreções muito próximas da literatura, pela conjunção de elementos simbólicos, poéticos, religiosos e autobiográficos.¹⁷⁸

A partir dessa fase, suas obras serão marcadas pela imaginação material, evidenciando a influência de Bachelard. Usando o recurso das imagens Rubem Alves vai escrever parábolas, fábulas, diálogos, para criticar a educação tradicional. Inspirado em Bachelard, aproxima-se também de poetas brasileiros como Adélia Prado, Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros e usando saberes da psicanálise sugeriu uma pedagogia da inconsciência no seu livro “Variações sobre o prazer”. O pensamento por imagens, sonhos e devaneios, passou a caracterizar cada vez mais a sua criação literária. Esse novo estilo ficará evidenciado nas obras sobre educação como “Conversas com quem gosta de ensinar”, “Estórias de quem gosta de ensinar”, “A alegria de ensinar”, “Por uma educação romântica”, “A pedagogia dos caracóis”, nas quais pode-se perceber a influência bachelardiana. São textos repletos de imagens e metáforas chocantes, que fazem o leitor refletir. Imagens como “gaiolas ou asas”, “escorredor de macarrão”, “eucaliptos e jequitibás” são alguns dos recursos usados pelo autor, para chamar atenção sobre a educação que se faz no país.¹⁷⁹

¹⁷⁸ CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 47.

¹⁷⁹ SCOFANO, 2014.

3 NOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO

À luz do que esta pesquisa revelou até aqui, Rubem Alves construiu o seu pensamento em diálogo com vários pensadores, das mais diversas áreas. A interdisciplinaridade foi uma marca na vida do autor. Dialogou com teólogos, filósofos, cientistas e poetas. Desenvolveu ao longo de sua trajetória uma relação muito próxima e afetuosa com a educação. Seus textos que tratam sobre educação sugerem um novo olhar para a arte de educar.¹⁸⁰

Poder-se-ia vislumbrar, especialmente na fase poética de Rubem Alves, uma proposta pedagógica? Se positivo, haveria lugar para o Ensino Religioso nessa proposta? Que contribuições haveria para o Ensino Religioso? Com essas indagações, prossegue-se em busca das respostas.

3.1 A centralidade do corpo

A ideia de que o homem é formado por duas substâncias dá margem a vários questionamentos e fará parte das reflexões de Rubem Alves. Para ele, a consciência não é suprema, mas, parte do corpo. Não são diferentes, não são dualidade. Na concepção cartesiana, o pensamento é prioritário e será na contramão dessa concepção que Rubem Alves elaborará a sua concepção de corpo. Para o autor, consciência e corpo não são realidades diversas. Ele vai romper com essa dualidade.¹⁸¹

A questão do corpo sempre esteve presente no discurso da moral cristã, porém na maior parte das vezes como lugar de guerra, de forças contrárias à alma. Nem mesmo a Teologia da Libertação, preocupada com a libertação do homem todo, possibilitou uma nova compreensão com relação ao corpo. Para muitos, havia coisa mais importante para ser dita no discurso libertador. Para os que militavam por uma nova sociedade, o importante era o homem concreto e fazedor de história. Para os esquerdistas, corpo era preocupação da burguesia.¹⁸²

A antropologia de Rubem Alves vai romper com o dualismo entre corpo e alma e com a visão do homem como um ser a-histórico. Ele vai criticar a teologia que torna o homem um ser desconectado com o mundo, que rejeita a sua condição de cidadão terrestre, por se tratar de um mundo provisório e não aprazível.

¹⁸⁰ MOACIR GADOTTI, 2008, p. 61-63.

¹⁸¹ NUNES, 2008, p. 55.

¹⁸² NUNES, 2008, p. 56.

Para Rubem Alves, o corpo é o centro do mundo, o homem é criador de história, e, portanto, estarão no centro da sua reflexão. O homem enquanto ser histórico não só reage ao mundo, mas, como característica essencial ele responde a esse mundo vai além, cria, recria, reinventa, transcende para humanizar.¹⁸³

Para Alves, é através do corpo que o homem se relaciona com o mundo. É fundamental o intercâmbio entre corpo e natureza. O homem torna-se pessoa através do corpo. Não há como negar o corpo. Libertação não significa negação do corpo, mas libertação de opressão e libertação do homem para o mundo e do mundo para o homem. Para ele, uma religião materialista, num mundo material, da terra, de corpo, de sentido de expressão de liberdade é o único meio pelo qual a liberdade conduz a sua política. Os sentidos são os únicos locais de transcendência, única forma pela qual ela é encontrada. O divino invade o ser humano por meio das coisas criadas. Corpo e cosmos através dos sentidos transbordam vitalidade.¹⁸⁴

Para Alves, não existe nada aguardando o homem que não seja a sua criatividade. O homem é um ser criador, não precisa repetir e perpetuar o presente. Pode criar um novo mundo a partir dos seus desejos. Em Alves, história e liberdade se tornam conceitos claros e pertinentes junto com o conceito de corpo. Para ele, é o desejo que impulsiona a luta por um mundo melhor.¹⁸⁵

O corpo não é só biológico, existe uma dimensão social que humaniza ou desumaniza o corpo. A criatividade humana transforma o mundo à sua imagem e é transformado por ele. Liberdade e historicidade sem o corpo como mediador tornam-se impossíveis, sendo o corpo fonte dos desejos e força que move a história, numa dialética constante. Para Rubem Alves, não há como dissolver espírito e corpo. Ressurreição para ele é renascer aqui na Terra, na história e com a história, diferentemente da teologia tradicional, que vê o renascimento para além do mundo terreno, onde o corpo é apenas uma ferramenta para o espírito tomar consciência de seus limites e buscar um mundo além dos sentidos. Para Rubem Alves, a vida é para ser experimentada neste momento da história.¹⁸⁶

Para o autor, o corpo é socialmente criado pela linguagem. “É a lápide onde se escreve a cultura. O mármore onde se cinzela o sinal. (...). Não existe um corpo natural. É impossível a existência de um corpo fora do código”.¹⁸⁷ O corpo experiencia o mundo real e o mundo

¹⁸³ NUNES, 2008, p. 58.

¹⁸⁴ ALVES, 1987, p. 202-206.

¹⁸⁵ NUNES, 2008, p. 60.

¹⁸⁶ NUNES, 2008, p. 61.

¹⁸⁷ RESTREPO, *apud* NUNES, 2008, p. 84.

imaginário. É um lugar sagrado. Quando falta ao corpo segurança e domínio o corpo evoca a imaginação e a magia. “Como nos sonhos, também na magia a consciência revela seus próprios segredos. Onde quer que a realidade torne ao homem impossível criar com as próprias mãos o desejo de seu coração, ainda assim ele preserva e vive suas aspirações através da ação simbólica”.¹⁸⁸

Contrapondo Freud, que via na imaginação uma atitude irracional e infantil Alves vê a imaginação como essencial e que não deve ser subestimada. Concordando com Freud que descobriu que o homem é motivado pela busca do prazer, contrário ao iluminismo que preconizava que era a razão que guiava o homem, Rubem Alves afirmará que o homem é um ser de desejos. E é através da imaginação que o corpo agirá em busca de prazer e realização dos seus desejos¹⁸⁹

Brincar é uma atividade prazerosa na vida de uma criança. “O brincar, enquanto uma atividade que tem o seu fim em si mesma, é nada menos que a expressão dessa busca fundamental do prazer”.¹⁹⁰ O jogo faz parte da vida e é através do jogo que o homem construirá uma ordem que satisfará o seu desejo de alegria.

Para o autor, além do corpo ser socialmente criado pela linguagem, ele também fala, através de uma linguagem própria que seduz. A linguagem ocupará também as reflexões de Rubem Alves, uma vez que, criada pelo homem, dá origem a outras criações e reproduções. Ela define o próprio homem, enfeitiça e molda, aprisiona e liberta. Critica e cria.

3.2 O encontro com a literatura

Através do universo das palavras, o homem é capaz de expressar seus sentimentos, pensamentos e criar um universo autônomo, fictício ou real. Este universo pode ser ressignificado ou tomar novas dimensões. O jogo da linguagem na arte literária permite ouvir a língua fora do poder. A linguagem literária dá liberdade ao homem ao não exigir regras de estrutura linguística, pois o objetivo dessa linguagem é que o homem por meio das palavras, que assumem nessa modalidade novo significado e valor artístico, expresse ideias e

¹⁸⁸ ALVES, Rubem. A gestação do futuro. Tradução de João Francisco Duarte Junior. Campinas, SP. Papyrus, 1986, p. 91.

¹⁸⁹ NUNES, 2008, p. 75.

¹⁹⁰ ALVES, 1986, p. 96.

sentimentos.¹⁹¹

A literatura como campo de produção de bens simbólicos e culturais, expressa o universo histórico, pois é uma produção do homem situado no tempo e no espaço, e representa o cotidiano humano. A arte literária para a sociologia representa características da vida social. É um meio de representar e entender processos correntes na sociedade. “A literatura é a expressão da vida. É o homem de certo modo convertido numa obra. Nela, o interessante não é apenas quem se exprime e o que se exprime, mas como se exprime”.¹⁹²

Assim sendo a literatura pode construir e reconstruir, através da ficção, realidades. Na literatura o leitor é livre para romper com a realidade para viver uma experiência imaginária, paralelamente à vida real. A literatura se diferencia de outros textos pela liberdade e possibilidade que dá ao leitor de acessar um mundo cheio de informações.

Impossível falar de literatura e de condição humana sem mencionar os gregos. Nas suas discussões filosóficas e textos literários muito presentes no pensamento e na literatura ocidental contemporânea, encontra-se o primeiro conceito do poder da literatura para formação humana. É através da literatura que o ser humano toma consciência de sua própria condição humana. O ser humano instintivamente tende para a imitação. Na Grécia antiga a arte imitava a vida real através das histórias e tragédias gregas apresentadas nos imensos anfiteatros. Eles representavam o cotidiano. Autores criavam suas páginas de ficção a partir do que viviam, observavam e intuía. Para Aristóteles a ficção tinha o poder de purgar o homem de seus sentimentos. Ao experimentar o terror, a emoção e a compaixão e por fim o alívio final, o homem encontrava alívio para os seus dramas.¹⁹³

Observando o significado da palavra compaixão, deparamos com o prefixo que significa correlação. Na compaixão há um caminhar ao encontro do outro. Luzia de Maria diz que “é atributo da literatura ensinar o leitor a pôr-se no lugar do outro”.¹⁹⁴ Para Nancy Huston citada por Luzia de Maria, somos feitos de ficções desde o nosso nascimento. Nascemos num mundo cheio de ficções. Livros sagrados, textos culturais, Bíblias e Corões, mitos, epopeias e

¹⁹¹ Cristina Hinterlang. *Contribuições da Literatura de Monteiro Lobato: Um estudo sobre a formação de leitores na perspectiva de docentes do Ensino Fundamental, anos iniciais, da região Sudoeste do Paraná*. 2012.164 f. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/4/TDE-2012-07-10T152216Z-761/.../cristina.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2017.

¹⁹² TAVARES, apud Cristina Hinterlang. *Contribuições da Literatura de Monteiro Lobato: Um estudo sobre a formação de leitores na perspectiva de docentes do Ensino Fundamental, anos iniciais, da região Sudoeste do Paraná*. 2012.164 f. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/4/TDE-2012-07-10T152216Z-761/.../cristina.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2017.

¹⁹³ MARIA, Luzia de. *Amor Literário: dez instigantes roteiros para você viajar pela cultura letrada*. Rio de Janeiro: Ler e Cultivar, 2016, p. 358.

¹⁹⁴ MARIA, 2016, p. 359.

guerreiros vão construindo códigos de condutas, uma ética de base, que dão a noção do sentimento de que se pertence ao grupo.¹⁹⁵

Carlos Rodrigues Brandão nos conta que Gaston Bachelard dedicava suas manhãs e tardes para dar aulas, estudar e escrever sobre Filosofia da Ciência e de Epistemologia, mas, quando chegava o final da tarde e o começo da noite ele deixava a Ciência e se entregava à poesia. Durante o dia pensava com as palavras, coisa de cientista e à noite sonhava com as palavras, coisa de místico e poeta. Coisa semelhante fez Rubem Alves com os anos de sua vida. No início dedicou-se a escrever sobre a vida, um mistério com várias faces. Da teoria à poesia foi buscar respostas na beleza do dia a dia.¹⁹⁶ Brandão também nos lembra que “desde os primeiros tempos” – tempos que por muito tempo foram também os da ditadura militar- o seu melhor testemunho esteve na poética de seus gestos, tanto quanto na política de suas palavras. Talvez por isso ele tenha querido deixar de fazer teologia para viver e escrever poesia. E fazer poesia é uma das mais sábias maneiras de unir gestos e imagens a palavras, como nos haicais.¹⁹⁷

Após o nascimento da filha, Rubem Alves se transformou, assim como o milho que passa pelo fogo e vira pipoca. A menina nasceu com uma fenda na parte superior da boca chamada lábio leporino. Devido ao problema teve que submeter-se a diversas cirurgias. Por causa disso Rubem passou a dar atenção especial à filha, o que não havia feito com os filhos. Desejava protegê-la ao máximo, pois não queria vê-la sofrer. Com o intuito de levantar a autoestima da filha e fazê-la feliz começou a criar histórias para ela. Tornou-se um contador de histórias. Certa vez escreveu uma carta linda para a filha, apesar dela estar com penas 2 anos. Só quando ficou adulta, Raquel tomou conhecimento da carta. Nela, Rubem expressava o seu amor e admiração pela filha.¹⁹⁸

[...] Raquelzinha: as outras pessoas vivem.
Você merece viver.

A vida não foi um presente que você ganhou e pronto. Foi algo que você conquistou. Assim, você virou uma luzinha para seu pai. Aonde eu vou você vai comigo... Depois que você nasceu, a vida ficou diferente. Quando crescer, leia o Pequeno Príncipe e você entenderá o que estou dizendo, Estrelinha Falante...¹⁹⁹

A proporção que Raquel ia crescendo, seu pai imaginava outras histórias. “Como Nasceu a Alegria” foi para mostrar à filha que o sofrimento pelo qual ela passou fez todos

¹⁹⁵ MARIA, 2016, p. 359.

¹⁹⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio *In*: CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A Teologia de Rubem Alves: Poesia, brincadeira e erotismo*. Trad. Eleonora Frenkel Barreto. Campinas: Papirus, 2005. p.15.

¹⁹⁷ BRANDÃO apud CERVANTES-ORTIZ, 2005. p. 15.

¹⁹⁸ GONÇALO JUNIOR, 2015. P. 279-280.

¹⁹⁹ GONÇALO JUNIOR, 2015. P. 279-280.

chorarem por ela, pois se importavam com ela. “O Medo da Sementinha” foi para trabalhar a perda, aproximar temas de vida e morte. “A Montanha Encantada dos Gansos Selvagens”, aborda também a questão da vida, morte, saudade. “Os Morangos” fala sobre as oportunidades que a vida traz e que devem ser aproveitadas. “A Operação de Lili”, foi por causa da rotina de tratamentos e cirurgias que Raquel teve que enfrentar. Muitas outras histórias foram sendo escritas e editadas.²⁰⁰

Talvez se Raquel não existisse Rubem Alves não tivesse se tornado um contador de histórias. Buscando nas palavras e na fantasia aliviar a dor da filha, ele encontrou uma maneira de levar as pessoas a refletirem sobre diversos temas. Sua missão agora era encantar, seduzir através das histórias infantis, crônicas, contos e artigos. Desde o início, o desejo de Rubem Alves era transformar o mundo num lugar melhor e através da literatura ele conseguiu disseminar ideias e contagiar muita gente, não só no Brasil, mas, em vários lugares.²⁰¹

Para Rubem Alves a Literatura é um processo de transformações alquímicas. O escritor transubstancia sua carne e o seu sangue em palavras e diz aos seus leitores: leiam, comam, bebam. A experiência literária é um ritual antropofágico. É magia. A pessoa é o que é pelas palavras que devora.²⁰²

Rubem Alves não imaginou ser escritor. Não estudou para ser. Conhecia pouco sobre tradição literária. A Literatura chegou sem que ele se preparasse. Foram as experiências de sofrimento e solidão que o fizeram sensível. Desistiu de escrever academicamente. Decidiu escrever para pessoas comuns. Do fracasso em ser pianista descobriu-se músico de palavras e assim tocou a alma de muita gente.

Este é o mistério da literatura: a música que se faz ouvir, independentemente das intenções de quem escreve. É por isso que poesia, como bem lembrou Guimarães Rosa, é essa irmã tão próxima da magia... Poesia é magia, feitiçaria. O feiticeiro é aquele que diz uma palavra e, pelo poder dessa palavra, sem auxílio das mãos, o dito acontece. Deus é o feiticeiro mor: falou e o universo foi criado. Os poetas são aprendizes de feiticeiro. O desejo que move os poetas não é ensinar, esclarecer, interpretar. Essas são coisas da razão. O seu desejo é mágico: fazer soar de novo a melodia esquecida. Mas isso só acontece pelo poder do sangue do coração humano.²⁰³

O contato com a literatura proporciona várias experiências, dentre as quais, a de colocar-se no lugar do outro. De que vale conhecimento sem compaixão? É preciso ensinar compaixão, numa sociedade esvaziada de bondade e cheia de medos. Uma maneira de fazer

²⁰⁰ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 280-284.

²⁰¹ GONÇALO JUNIOR, 2015. p. 285.

²⁰² ALVES, *apud* CERVANTES-ORTIZ, 2005. p. 19.

²⁰³ ALVES, *apud* CERVANTES-ORTIZ, 2005. p. 23.

isso é lendo para o aluno. “Mas, para que as estórias façam milagres, é preciso que o ouvinte seja possuído pelas palavras e levado ao sabor da voz de quem lê”.²⁰⁴

Conhecimento sem compaixão tem pouco valor. A bondade advém do conhecimento com compaixão. Rubem nos conta que, Gandhi teve a vida transformada com a leitura de um livro. Ele quis ser como o herói da história, nobre e generoso. Ele sugere a leitura sem interpretações, por puro prazer. Um texto não interpretado permanece vivo. Entrar no mundo da Literatura propicia a vivência de experiências inéditas. É um remédio maravilhoso nos casos onde as crianças vivem experiências de perdas e sofrimentos.²⁰⁵

O fato de Rubem Alves ter mudado e seguido o caminho poético não o afastou de suas obsessões e fantasmas. A moderação alcançada não o fez desistir de um apelo poético no sentido de conseguir alguns conspiradores. Segundo ele a visão cartesiana impregnada nos homens impede a visão do valor das coisas inúteis. Visão é qualidade interior não tem a ver com os olhos. É ver o que não existe, o mesmo que sonhar. Para tocar as pessoas é preciso descobrir seus sonhos, aquilo que lhes dá prazer. Coisas que dão prazer sem nenhuma utilidade. Essa lógica não é bem compreendida pelos tecnocratas. A beleza é inútil, mas pode mudar o mundo.²⁰⁶

Em Isaías, o Livro Profético, a visão do bem fazia alusão ao fim das guerras, a harmonia entre os homens e a natureza e a primazia da brincadeira infantil.²⁰⁷ Visão utópica, contudo, levada a sério. Menos é claro, as crianças e as brincadeiras. Satanás sugeriu que Jesus se tornasse cozinheiro, mas Jesus preferiu ser poeta. Para Rubem, a felicidade só se alcança mediante a transformação através da ressurreição. E é a beleza que faz ressuscitar. Sua crítica ao cristianismo é justamente a ênfase que se dá ao ativismo em detrimento da poesia da beleza. Sofrimento, destruição e morte não mobilizam as pessoas. É a visão do paraíso, da beleza, do prazer que desperta o sonho das pessoas. Com isso ele percebeu que a felicidade não consiste somente na satisfação material, mas está também na satisfação existencial.²⁰⁸

Para o autor, a Literatura seria a mediadora de uma educação para humanização. Sua criatividade e uma proposta de educação mais humanizada, fizeram dele um dos mais respeitáveis educadores do país. Existe uma ideia de que literatura diz respeito ao professor de Português, não é verdade. Todos podem e devem valer-se da literatura. Não se trata de obrigação, de fazer cumprir programa, fazer fichamento ou avaliações. Trata-se de prazer pelo

²⁰⁴ ALVES, Rubem. *A Pedagogia dos Caracóis*. São Paulo: Verus Editora, 2010, p. 15.

²⁰⁵ ALVES, 2010. p. 15.

²⁰⁶ ALVES, 2012. p. 21.

²⁰⁷ ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares*. São Paulo: Papyrus, 2000. p. 106.

²⁰⁸ ALVES, 2000. p. 135.

prazer. Então Rubem sugere:

Que tal então, em vez de reciclagem sobre conteúdos e teorias, seminários de literatura e poesia para todos os professores? A poesia embonitece. Começar pelo Mario Quintana, passando pelo Manoel de Barros, Adélia...Assim vai se espalhando o vírus da 'gripe literária', que faz o milagre de transformar patos bamboleantes em passarinhos voantes.²⁰⁹

Rubem Alves chama a atenção para aquilo que as escolas ensinam, ao se organizarem em séries e em salas: Que a vida é cheia de compartimentos, grupos hierarquizados, o que propicia competição, violência e saberes estanques.

A prática da interdisciplinaridade na educação se constitui um grande desafio para educadores, mas Rubem Alves defende que, é a partir do todo que a inteligência se dirige às partes do objeto, para então entendê-lo. Para explicar que fragmentar não é o melhor caminho ele usa uma metáfora:

Imagine um pianista que resolva especializar-se (note bem esta palavra, um dos semideuses, mitos, ídolos da ciência!) na técnica dos trinados apenas. O que vai acontecer é que ele será capaz de fazer trinados como ninguém – só que ele não será capaz de executar nenhuma música. Cientistas são como pianistas que resolveram especializar-se numa técnica só. Imagine as várias divisões da ciência – física, química, biologia, psicologia, sociologia – como técnicas especializadas. No início pensava-se que tais especializações produziram, miraculosamente, uma sinfonia. Isso não ocorreu. O que ocorre, frequentemente, é que cada músico é surdo para o que os outros estão tocando. Físicos não entendem os sociólogos, que não sabem traduzir as afirmações dos biólogos, que por sua vez não compreendem a linguagem da economia, e assim por diante.²¹⁰

O que ocorre então, é a falta de diálogo e de respeito de uma ciência com a outra. Para Rubem Alves é na interação dos saberes que está a solução para sobrevivência humana.

A especialização pode transformar-se numa perigosa fraqueza. Um animal que só desenvolvesse e especializasse os olhos se tornaria um gênio no mundo das cores e das formas, mas se tornaria incapaz de perceber o mundo dos sons e dos odores. E isso pode ser fatal para a sobrevivência.²¹¹

Não se trata de se opor à especialização, mas ser capaz de reconhecer outros saberes, dialogar com eles e interligar os saberes. É na partilha e na interação que está a possibilidade de criação de um mundo novo e de preservação da vida.

²⁰⁹ ALVES, 2010, p. 57-58.

²¹⁰ ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*: introdução ao jogo e suas regras. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p. 11.

²¹¹ ALVES, 2015, p. 11-12

3.3 A educação dos sentidos

Para Rubem Alves a educação é o que de mais importância tem na vida de um povo. É ela que vai propiciar a democracia. Ensinar a pensar é a coisa mais importante, concordando com Gramsci que disse:

[...] o fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato ‘filosófico’ bem mais importante e original do que a descoberta, por parte de um ‘gênio filosófico’, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.²¹²

A educação propicia expandir a vida e a história. Liberta o homem para o mundo. A filosofia educacional de Rubem Alves romperá com a concepção iluminista que exalta e absolutiza a razão. Não se trata, segundo ele, de negar a racionalidade, mas reconhecer os seus limites.

Juntamente com outros pensadores, Rubem criticou duramente os modelos clássicos de educação devido aos seus aspectos intelectualistas, autoritário e reprodutor da sociedade. Na década de 1970, num momento de muita reflexão sobre a educação brasileira, devido aos novos modelos para pensar a causa da miséria do povo, vai acabar repercutindo na elaboração de novas propostas, o que não significa que fossem acatadas pelo sistema educacional. Rubem Alves entrará nessa discussão sem, contudo, coadunar com certas ideias iluministas.²¹³

Na década de 1990, houve muitos embates e conflitos dentro dos grupos que pensavam a educação. Dentre as concepções educacionais duas se destacaram: a tendência libertadora e a tendência crítico-social dos conteúdos. A crítica era contra a educação tradicional que primava pelo saber universal que propiciava ao cidadão viver em sociedade. Este saber rígido e autoritário que nada tem a ver com a vida e a experiência do aluno. O objetivo deste saber era reproduzir o sistema, mostrando assim, a ação política na prática da educação nas escolas. Apesar das duas tendências terem em comum a visão política da prática educativa e apontarem caminhos para o estabelecimento de uma nova sociedade, tinham visões e procedimentos diferentes.²¹⁴

O processo educacional esteve desde a antiguidade a serviço da realização de um modelo de homem perfeito e pleno. Na idade média, Deus era o modelo. A essência divina presente no homem possibilitaria a realização de suas potencialidades. À educação, portanto

²¹² GRAMSCI, 1986 *apud* NUNES, 2008, p. 151.

²¹³ NUNES, 2008, p. 152.

²¹⁴ NUNES, 2008, p. 153-154.

caberia instrumentalizar o homem para realizar sua essência. Durante a idade média, o essencialismo passa a ser denominado naturalismo. A ideia é que existe uma natureza humana que é boa, mas, que a vida em sociedade pode corromper esta natureza, colocando em perigo a sobrevivência humana. A educação, portanto, deveria desenvolver-se respeitando aquilo que é próprio do homem e deveria proteger as crianças dos malefícios que a sociedade poderia causar-lhes.²¹⁵

A ciência então se incumbiu de ditar as regras para uma educação exitosa: preparação e comparação; assimilação; generalização e aplicação.²¹⁶ Para o homem moderno, a ciência que foi capaz de subjugar o mundo, também poderia estender à educação a solidez e a eficácia que lhes eram peculiares. A metodologia de ensino passou então a adotar os passos da ciência, ou seja, a indução e a experimentação. A indução negativa e a construtiva. Negativa no sentido de negar preconceitos oriundos de tradições sociais e a construtiva mediante comprovação científica. O rigor científico, o uso da razão no dia a dia, o uso da indução e o pragmatismo constitui a chamada metodologia de ensino de Francis Bacon que hoje é chamada de tradicional.²¹⁷

O ensino religioso foi assim perdendo espaço para o ensino leigo. O estado assumiu a educação que passou a ser direito de todos e obrigação do poder público. Essa prática educativa se embasa numa visão essencialista do homem. Rubem Alves não se coadunará com este pensamento, já que para ele o homem é um ser histórico e social, concreto e não abstrato. A partir desses pressupostos Rubem Alves vai elaborando o seu pensar educativo.²¹⁸

Para Rubem, é através da educação que o corpo vai sendo construído. Assim como uma teia o corpo vai sendo tecido mediante os conhecimentos e experimentos do dia a dia e sempre mediados pela linguagem. Desse modo o homem vai se construindo e se reconstruindo à medida que é perpassado pelo feitiço da linguagem. De acordo com Alves:

Desde que nascemos, continuamente, palavras nos vão sendo ditas. Elas entram no nosso corpo, ele vai sendo transformado, virando uma outra coisa, diferente da que era. A educação é isto: processo pelo qual nosso corpo vai ficando igual às palavras que nos ensinam. Eu não sou eu: eu sou as palavras que os outros plantaram em mim.²¹⁹

Usando uma linguagem cristã “a palavra se torna carne”. A educação oportuniza o

²¹⁵ NUNES, 2008, p. 155.

²¹⁶ SAVIANI, 1983 *apud* NUNES, 2008, p.156.

²¹⁷ NUNES, 2008, p. 156-157.

²¹⁸ NUNES, 2008, p. 157.

²¹⁹ ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo. Ars Poetica, 1994. p. 33.

encontro do desejo com a linguagem e assim se constrói o corpo. Tanto na linguagem como no desejo a educação encontra-se presente. Os símbolos presentes na cultura prendem a linguagem ao desejo e sem eles não haveria continuação da espécie. Sem educação não haveria desenvolvimento e nem continuidade do homem.

O processo de aprendizagem do homem é contínuo e árduo, diferentemente dos animais que já nascem sabendo. Sendo o homem um ser histórico, não consegue se desvencilhar do seu passado, mas, através da educação, consegue preservar, reestruturar e redimensionar as conquistas e realizações resguardadas pela linguagem. Existe, portanto, para Rubem Alves, a necessidade de transmitir o conhecimento de uma geração para outra. Mas não é só isso, não é absolutizar uma determinada cultura e propagá-la de maneira rígida. A questão que se coloca é a necessidade que há de um pensar e avaliar o que se está propagando, frente a um novo contexto, uma nova realidade. Há conhecimentos que foram bastante úteis no passado, contudo, hoje deixaram de ser. Não tem sentido um saber desatualizado e descontextualizado da vida do aluno continuar sendo transmitido e cobrado pelos sistemas. Para Rubem Alves, o corpo não digere aquilo que não lhe é útil, mas, só aquilo que o corpo consegue integrar à própria dinâmica da vida.²²⁰

A capacidade de criticar, de fazer pensar é atribuição da educação, não podendo se limitar a transmitir saberes solidificados e determinados socialmente. A criatividade seria um bom exercício para a educação. A capacidade de criar, não apenas repetir o que está posto, possibilitando a reflexão constante e a descoberta de novas linguagens.

Para Alves, no processo educativo, as palavras têm poder de fazer brotar desejos adormecidos, despertar forças internas, sensibilizar o próprio corpo para o prazer, como quando alguém faz um prato saboroso e desperta, nos que estão próximo, aquele desejo de saboreá-lo. Afetividade articulada com a linguagem é capaz de mobilizar todo o corpo.

A este processo mágico pelo qual a palavra desperta os mundos adormecidos se dá o nome de educação. Educadores são todos aqueles que tem este poder. Por isso que a educação me fascina. Hoje o que fascina é o poder dos técnicos, que sabem o segredo das transformações da matéria em artefatos. Poucos se dão conta de que fascínio muito maior se encontra no poder das palavras para fazer as metamorfoses do corpo. É no lugar onde as palavras fazem amor com o corpo que começam os mundos.²²¹

Porém, não se pode esquecer, nos lembra Rubem, que as palavras também podem trazer à tona príncipes e sapos. A educação também pode enfeitiçar e transformar, fazer esquecer aquilo que se é, inibir, diminuir, impossibilitar. Nesse caso trata-se de uma educação

²²⁰ NUNES, 2008, p. 158-159.

²²¹ ALVES, 1994, p. 53.

que abate, enfraquece, debilita, não faz parte do universo do aluno, é fria, destituída de significado. O que não é assimilado o corpo rejeita. O autor compara a educação conteudista, que privilegia o conteúdo em detrimento do que seja significativo para o aluno, ao castigo outrora aplicado.

O método clássico de tortura escolar como a palmatória e a vara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e que nenhuma relação parece ter com a vida? Compreende-se que, com o passar do tempo a inteligência se encolha por medo e horror diante dos desafios intelectuais, e que o aluno passe a se considerar como um burro. Quando a verdade é outra: a sua inteligência foi intimidada pelos professores e, por isto, ficou paralisada.²²²

Rubem Alves não é contra a transmissão do saber socialmente construído, mas chama a atenção para a forma como este saber é transmitido. Ele também não ignora que a escola está inserida na sociedade e existe uma relação entre elas que não pode deixar de se levar em conta. A sua crítica é à forma como a estrutura escolar tende a manter a ordem estabelecida, pois ele também sabe que uma sociedade da produtividade e do consumo, de racionalidade e da eficiência, influenciará as práticas educativas, e nos lembra que: O que está em jogo não é a felicidade da pessoa, mas a sua utilidade, assim sendo, todo mundo está sendo levado pelas engrenagens dessa máquina chamada sociedade, que tudo ignora sobre a felicidade e vai moendo as pessoas em seus dentes.²²³

Rubem Alves vai perceber algumas perversões no sistema educacional e pedagógico. A formação humana foi colocada de lado. Os métodos usados não se preocupam em formar sujeitos criativos, nem em ensino significativo e prazeroso em consonância com a vida. A educação para ser prazerosa tem que estar vinculada à vida.²²⁴

A antropologia de Alves é caracterizada pelo *homo eroticus*. Sonhar, desejar, ser utópico é sempre perigoso. Reconhece-se o desejo, porém, o melhor é negá-lo. Erotismo está em lugar secundário, nunca é essencial ou positivo. O desejo dá vida e é só o homem que tem o poder de criar, e fazer do mundo um lugar de prazer. A vida é uma dádiva e deve ser vivida na plenitude do corpo. Falar de prazer em educação é pensar educação tendo a vida como princípio basilar. Não apenas o prazer como fim, mas durante o processo educativo.²²⁵

A educação para Rubem Alves tem a função de erotização da vida. Nisso Alves

²²² ALVES, 1994, p.16-17.

²²³ ALVES, 1995, *apud* NUNES, 2008. p. 164.

²²⁴ NUNES, 2008, p. 165-167.

²²⁵ NUNES, 2008, p. 168.

concorda com Freud, quando este diz que o homem é guiado pelo princípio do prazer, está dentro do homem. E o seu desejo é fugir da dor e buscar o prazer.²²⁶

Rubem Alves não separa a razão do coração. Para ele toda caminhada envolve a escolha de um lugar onde ir e os preparativos para a ida. Estes preparativos, dizem respeito à razão, já a escolha do lugar é o coração quem faz. A razão, portanto, agirá na preparação para realização do prazer, da alegria de tornar o corpo feliz. Desse modo razão e desejo se aliam para concretizar os sonhos. A razão então não pode ser absolutizada e nem encarcerar os impulsos vitais dos homens.²²⁷

A prática educativa prazerosa não quer dizer que não haja dificuldades, renúncias e disciplina. É preciso fazer escolhas, ter critérios. Tanto por parte dos/as educandos/as quanto por parte dos/as educadores/as. Tudo, porém, tem que redundar em vida. Para Rubem, até o sacrifício gera prazer quando faz sentido, e as dificuldades serão os desafios a serem transpostos, mas, com um objetivo, com significado e com prazer.

O princípio do prazer não significa facilidades e nem espontaneísmo, nas práticas educativas. Aquilo que Rubem Alves se opõe é o planejamento, a disciplina, o treinamento desarticulado da vida do aluno, sem significância e desmotivação. Rubem Alves também não nega a escrita convencional ao fazer uso das metáforas.²²⁸ É importante que o/a educando/a perceba que o processo educativo está em suas mãos e que é sua responsabilidade desenvolver as suas potencialidades e ser solidário com os outros.

Alves não nega o saber estabelecido, pois para se ir além do que já foram os antepassados é preciso conhecer muito bem a tradição. É preciso se apoiar em algo, a partir do qual se criará. Tradição e criação estão em relação contínua de negação. Uma resiste à outra e essa dialética se dá também na prática educativa. Para o autor, não se pode separar transmissão da criação. Só transmissão da cultura, impossibilita ao aluno o ato de criação. Criação esta, que deveria se dar no processo de aprendizagem, sempre articulando desejos e sonhos.²²⁹

Razão e emoção, tradição e criação dialeticamente, fazem parte do processo educativo na concepção alvesiana. Não só paixão, nem só razão, mas é no encontro das duas, no caminhar juntas que se dá o processo de aprendizagem. Postular uma educação a partir da visão de Rubem Alves é, portanto, articular razão e paixão para que haja um conhecimento afetivo. A base da educação deve estar na aliança entre o desejo e a inteligência. A história humana é história de

²²⁶ NUNES, 2008, p. 169.

²²⁷ NUNES, 2008, p. 170.

²²⁸ NUNES, 2008, p. 171.

²²⁹ NUNES, 2008, p. 174-175.

superação. Superação motivada pela força do desejo, pela força do amor. As forças que subvertem o corpo, amor e desejo fazem o homem ultrapassar seus limites. Fazer despertar essas forças é tarefa do/a educador/a. A capacidade de transformar-se a si mesmo e o mundo está no desenvolvimento dessas forças. São elas que fazem o ser humano ser diferente.²³⁰

Para Rubem Alves, educador é diferente de professor. Educar é vocação. Professor é profissão. O professor apenas doutrina. Está a serviço da eficiência e da objetividade. É utilitário. Seu saber e transmissão estão a serviço da sociedade. A formação do ser, não é levada em conta, pelo professor. A pedagogia tradicional com sua tendência tecnicista e seu artificialismo não se atenta nem para a vida do professor/a nem do aluno/a. O saber transmitido é desvinculado da vida. Afetividade não conta.²³¹ Professores/as e alunos/as não são partícipes nesse modelo pedagógico. Subjetividade e afetividade não fazem parte de uma educação tecnicista. Nesse modelo o professor tem a função de tornar os alunos sujeitos produtivos, úteis à sociedade.

Educador é bem diferente. Fala do que ainda não é. Habitam um outro mundo. Tem uma história. Tem um discurso que parte da realidade, mas, não se estabelece nele, vislumbra outras possibilidades. E é na subjetividade, na interioridade que moram os sonhos, os desejos. O educador/a tem importante papel de renovar a educação. Para Alves essa transformação terá que passar pela transformação afetiva do professor.²³²

Como Freud afirma “são os atos de amor e paixão que se encontram nos momentos fundadores do mundo, momentos em que se encontram os revolucionários, os poetas, os profetas, os videntes”²³³, também Rubem Alves diz que os educadores são visionários, como aqueles que vislumbram outros mundos, tendo como ferramenta a linguagem, a palavra. Palavra que se renova, que não se estagna, capaz de despertar nos/as alunos/as, seus sonhos e desejos.²³⁴

Como criação do corpo, a linguagem capacita a expansão e a dominação do mundo e existem dois tipos de linguagem. Uma que dá origem e uma que foi cristalizada, que pode ou não estar atualizada e pertinente, mas que continua na cultura construindo corpos. A educação socializa o ser humano a partir da linguagem cristalizada, pois é através dela que o mesmo toma conhecimento do legado cultural deixado pela tradição. Mas isso não é tudo. A educação deveria propiciar o desenvolvimento da capacidade criadora do educando, ajudando-o a recriar

²³⁰ NUNES, 2008, p. 176.

²³¹ NUNES, 2008, p. 177.

²³² NUNES, 2008, p. 178.

²³³ ALVES, 1984a *apud* NUNES, 2008, p. 179.

²³⁴ NUNES, 2008, p. 179-180.

o mundo. Somente mediante uma ação que articule o novo com o velho, a vida com o ensino, enfim, que tenha significado e traga prazer, o professor estará de fato colaborando com o desenvolvimento de um cidadão capaz de recriar, de inventar um mundo novo. E nesse processo o/a professor/a será fundamental para dar aquela segurança para o/a aluno/a aventurar-se rumo ao desconhecido. A afetividade e não a técnica torna o conhecimento erótico.²³⁵

No processo educativo o importante é a dialética na qual o/a aluno/a e professor/a estão se recriando, se reinventando, numa aventura dialogal, ambos testemunhando o valor maior que é a vida. Amor e afeto, para Rubem Alves, mobilizam o ser humano para ultrapassar seus limites. E a educação deve ser mobilizadora dessas forças a fim de que novas realidades sejam construídas.²³⁶

O/A educador/a é um construtor/a de mundos, desperta desejos e sonhos, é um revelador de caminhos pelos quais os/as alunos/as se constroem. Para Alves o que importa é o mundo concreto, é o sujeito concreto e imediato e a educação é, portanto, educação dos sentidos. Cognitivo e afetivo não podem se dissociar. Para o autor, o pensamento sente e o sentimento pensa. A educação tem a tarefa de provocar o desejo, despertar a inteligência, educar a sensibilidade. Possibilitar o corpo a se alegrar em saber, em ver, em ouvir, tocar. Para Alves existe um pensamento que sente, chamado de sexto sentido, que possibilita o prazer com aquilo que não existe.²³⁷ A educação dos sentidos deve ser entendida como arte, deve basear-se nos princípios dos artistas: ver além das aparências; enxergar com a imaginação e desconfiar que existe algo escondido.

Marginalizados desde a modernidade, os sentidos recuperam a sua dignidade em Rubem Alves. Ele sonhava com uma escola que desenvolvesse os sentidos das crianças no lugar de enfraquecê-los e lamenta o descaso com que os sentidos são tratados. A sabedoria está na capacidade de perceber a situação. Para Alves, a educação deve despertar desejo, desconfiança e ser agradável. Mas ele sabe que beleza e capacidade de ver além, significa disciplina e conhecimento. É preciso pensar, refletir. Os artistas trabalham duro.²³⁸

Para Alves, existe uma beleza dentro de cada pessoa que precisa ser despertada para que o processo educativo seja mais fácil. O saber para a sobrevivência é muito pouco diante do saber que dá motivo para vida. Qual o sentido de saber, que motivação há para o conhecimento? Para o autor, a arte proporciona alegria em viver e capacidade criadora.

²³⁵ NUNES, 2008, p. 181.

²³⁶ NUNES, 2008, p. 182.

²³⁷ NUNES, 2008, p. 182-183.

²³⁸ NUNES, 2008, p. 186-187.

É no confronto entre o limitado e o ilimitado entre o finito e o infinito, o subjetivo e o objetivo que a ação educativa deve estar objetivando, sobretudo a superação de limites, numa dinâmica corporal. O educador, portanto, tem que ser um sedutor. A educação que focaliza apenas o pensamento, acaba por atrofiar a sensibilidade. O intelecto domina e o coração não cresce. Não possibilita a pessoa lidar com o mundo ao seu redor. A força propulsora se torna fraca. Intelecto e coração devem estar juntos, sem oposição. Há de se ter emoção na razão e razão na emoção. Olhar para fora significa ver aquilo que é passageiro, olhar para dentro significa ver o que não existe, mas seria bom que existisse. É preciso que haja um diálogo dos olhares para que não falte sentido. O que existe precisa do que não existe. São face de um mesmo ser. O visível e o invisível. Os olhares para dentro e para fora se desejam. Desejam comunhão. Apenas um é insuportável. Viver apenas o que não existe torna a pessoa alienada, no sentido de não participar do aqui e do agora. É preciso olhar com os próprios olhos.²³⁹

Em várias obras, Rubem Alves expressa a sua preocupação e crítica à educação tecnicista interessada apenas em reproduzir o saber estabelecido. Para ele, a escola, principal instituição responsável pelo ensino, deveria proporcionar e propagar mais alegria e menos tortura. O educador Rubem Alves privilegiava muito mais a relação e o diálogo com os alunos, o que fica explícito no texto “a pedagogia dos caracóis”.

‘A pedagogia dos caracóis’. Caracol tem pedagogia a ensinar? O autor conta o sucedido com uma menininha que ao voltar para casa, se queixou à mãe: ‘Mamãe, os professores dizem: É preciso andar rápido, nada de vagareza, para frente, para frente!’ ‘Mamãe onde é a frente?’ E aí ele passa a falar sobre a virtude pedagógica da vagareza. Pode ser que ‘chegar na frente’ não seja tão importante assim! Quem sabe o ‘estar indo’ é mais educativo que o chegar? No estar indo aprende-se um jeito do ser. Nietzsche se ria dos turistas que subiam as montanhas como animais, estúpidos e suados. Não haviam aprendido que há vistas maravilhosas no caminho que sobe. Riobaldo, do *Grande sertão: veredas*, concordaria e acrescentaria: ‘O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia’.²⁴⁰

Em uma carta escrita para o amigo Leopoldo Cervantis-Ortiz, Rubem Alves afirma que “[...]tenho escrito de forma fragmentada. Não sei se isso é virtude ou defeito. Os alemães dirão que é um defeito imperdoável. Já Nietzsche dirá que construir um sistema é falta de integridade. O fato é que não consigo compor sinfonias. Mantenho-me dentro de pequenas peças”.²⁴¹ Levando em consideração essa característica do autor, seria possível dizer que a sua proposta pedagógica se encontra diluída em suas obras sobre educação. Talvez por ter sido um

²³⁹ SANTOS, Ademar Ferreira. Prefácio. In: Alves, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 13 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 8-11.

²⁴⁰ ALVES, 2010, p. 78-80.

²⁴¹ ALVES, 1997 *apud* CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 28.

crítico da academia, tenha preferido falar sobre educação de forma poética. Isso pode-se constatar pelo uso de metáforas e aforismos, pois o seu desejo era que seus “textos produzissem felicidade e não teses acadêmicas”.²⁴²

Ao refletir sobre educação Rubem Alves já se encontrava na fase poética. Segundo Nunes, “Os nomes dos livros já revelam uma nova linguagem literária, ou seja, uma forma poética de expressar, que rompia com os esquemas de uma linguagem acadêmica mais rígida e rigorosa”.²⁴³ O diálogo com a religião, com a ciência e com a poesia terá reflexo e elas estarão entrelaçadas na formulação de seus pensamentos sobre a educação.

Em sua primeira obra sobre educação “Conversas com quem gosta de ensinar”, ele mesmo adverte que se tratam de conversas. Filosofia e ciência são discurso sem resposta. Nessa conversa, entretanto percebe-se uma intenção. Ao conversar e contando estória ele expõe seu modo de pensar a educação. O livro composto de quatro partes vai falar sobre o amor, o acordar, o libertar e o agir.²⁴⁴ Usando o recurso da metáfora Rubem Alves vai contrapor a figura do professor àquela do educador, comparando a jequitibás e a eucaliptos. “Professores, há os milhares, mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”²⁴⁵. Jequitibás são árvores com personalidade, têm cidadania no mundo do mistério. Já os eucaliptos, são raça sem vergonha que cresce depressa. Têm cidadania no mundo das organizações, das instituições, das finanças. São idênticas, podem ser substituídas sem problema.

Educadores são como velhas árvores. Possuem uma face, uma estória a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma entidade *sui generis*, portador de um nome, também de uma estória, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que estabelece a dois. Espaço artesanal.²⁴⁶

Professores são entidades descartáveis. Em um mundo burocratizado e utilitarista o que se precisa é de “entidade gerenciada e administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema”.²⁴⁷ Rubem Alves então ressalta o encanto que a ciência causou no mundo com suas promessas de objetividade, bem como o impacto do racionalismo iluminista, a repressão do desejo, do amor, das paixões e da

²⁴² ALVES, 1997 apud CERVANTES-ORTIZ, 2005, p. 29.

²⁴³ NUNES, 2008, p. 148-149.

²⁴⁴ ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1980. p. 3

²⁴⁵ ALVES, 1980, p. 11

²⁴⁶ ALVES, 1980, p. 13.

²⁴⁷ ALVES, 1980, p. 15.

esperança, extinguiu os educadores e fez surgir os professores. Nesse mundo, o educador é um mau funcionário, pois não segue o ritmo da instituição. O educador não se contenta em reproduzir o mundo, mas substitui o discurso realista pelo imaginário. O educador terá, portanto, um papel importantíssimo numa educação renovadora. Contudo, não é possível formar um educador, mas é possível acordá-lo.²⁴⁸

Em outro texto, Rubem Alves vai falar sobre “escolas gaiolas” e “escolas asas”. Escolas gaiolas fazem com que os pássaros parem de voar, fiquem sob controle. Deixem de ser pássaros, pois sua essência é o voo. Escolas asas amam os pássaros em voo. Apesar de não ensinar o voo, pois isso eles já sabem, encorajam o voo. O que os burocratas pressupõem é que os conteúdos dos programas oficiais garantem uma boa educação. Para Rubem Alves, isso não é verdade. É no corpo que está a vida, portanto o sujeito da educação é o corpo. A função da inteligência é ajudar o corpo a viver. É ferramenta e brinquedo do corpo. O programa do corpo, portanto é aprender ferramentas e aprender brinquedos, com as ferramentas resolvem-se os problemas do dia a dia. Com os brinquedos, coisas totalmente inúteis, como a música e a poesia, fica-se feliz. Nisso se resume a educação.²⁴⁹

Usando outra metáfora Rubem Alves compara o professor ao cozinheiro e a educação à comida. Para ele ensinar é igual a cozinhar, o professor prepara e serve palavras aos seus alunos. Para ele a educação não se faz com teoria, mas com o paladar. Assim como a comida para alimentar tem que dar prazer ao corpo e alegria à alma, o saber tem que ter sabor e alimentar a ambos. O cozinheiro professor tem que conhecer os segredos do sabor. “A educação é uma arte. O educador é um artista”.²⁵⁰

A imagem de naus e navegação tem ocupado a mente de poetas e sábios. C. Wright Mills comparou a civilização contemporânea a uma galera que navega pelos mares. Os remadores remam cada vez com mais precisão e rapidez. Mas ignoram o destino. “O porto não nos importa. O que importa é a velocidade com que navegamos”. Os meios técnicos e científicos à disposição permitem mudança cada vez mais rápida, mas não se tem ideia para onde. Somente um louco navegaria a ermo, sem saber para onde. A escola, como a nau, navega veloz, sem rumo. Para Alves, “É necessário ensinar os precisos caminhos da navegação, ciência. Mas é necessário apontar com imprecisos sinais para os destinos da navegação [...]. Na verdade, a ordem verdadeira é a inversa. Primeiro os homens sonham com navegar. Depois aprendem a

²⁴⁸ ALVES, 1980, p. 19.

²⁴⁹ ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. São Paulo: Papirus, 2002. p. 29-32.

²⁵⁰ ALVES, 2012, p. 38-39.

ciência da navegação”.²⁵¹

O sonho de Rubem Alves para a educação foi dito por Bachelard: “O universo tem um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o paraíso. Paraíso é jardim, lugar de felicidade, prazeres e alegrias para homens e mulheres”. A sugestão do poeta aos educadores é que eles “pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias e tratem de sonhar com seus alunos sonhos de um paraíso”.²⁵²



²⁵¹ ALVES, 2012, p. 75-77.

²⁵² ALVES, 2012. P. 77.

4 A APLICABILIDADE DA TEOPOÉTICA DE RUBEM ALVES NO ENSINO RELIGIOSO

Destacados os aspectos do discurso literário-filosófico de Rubem Alves, bem como sua legitimidade epistemológica, achou-se por bem considerar a possibilidade de aplicação da linguagem poética como catalisadora do ensino religioso na escola. Sendo Rubem Alves educador e sabendo-se de sua atuação e de sua produção literária direcionada a um labor pedagógico, o que se pretende é utilizar o conteúdo abordado efetivando-o no labor educativo. A busca é por uma metodologia pedagógica fundamentada na proposta implícita do autor.

Segundo Paulo Freire “O saber pressupõe uma intencionalidade. [...] o método é sempre ferramenta para execução dessa intencionalidade. O melhor método é aquele que propuser a melhor aproximação com o objeto, i. e, aquele que propiciar a mais completa consecução da finalidade”.²⁵³

Em se tratando de educação o método direciona o processo de ensino-aprendizagem. É um meio de direcionar a apropriação do saber. Contudo não há garantia de exatidão, só de rigorosidade pois

A aproximação com a verdade depende da intencionalidade e esta é sempre social e histórica; assim, a exatidão não se coloca nunca como absoluta, eterna e universal, pois a intencionalidade também não o é. A intencionalidade está inserida no processo de as mulheres e os homens produzirem o mundo e serem por ele produzidas e produzidos, com seus corpos e consciências e nos seus corpos e consciências.²⁵⁴

O ser humano é um ser de ação. E se age é com uma finalidade. Supõe atingir um fim. A educação por ser uma atividade humana, também se realiza com propósitos e metas. Portanto, no processo educativo educadores e educandos atuam em direção à consecução de objetivos. Aristóteles já dizia que “o mais importante em todos os nossos atos é um fim definido que almejamos conseguir... à maneira dos arqueiros que apontam para um alvo bem assinalado”. E Montaigne nos seus ensaios lembrava que “nenhum vento ajuda a quem não sabe a que porto deverá velejar”.²⁵⁵

A vida em sociedade é regida pela filosofia do grupo. Os objetivos da educação derivam dessa filosofia pois dela é que se delineiam o perfil do ser humano que se pretende

²⁵³ FREIRE, Paulo, 1993 apud CORTELLA, Mario Sergio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 92.

²⁵⁴ FREIRE, Paulo, 1993 apud CORTELLA, Mario Sergio, p. 92.

²⁵⁵ HAIDT, Regina Célia Cazaux. *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2011, p. 82.

formar. O objetivo último da ação educativa é preparar o/a jovem, para a vida plena da cidadania. O que supõe formar um cidadão consciente, crítico e participativo, capaz de compreender a realidade em que vive e nela intervir participando do processo de construção da sociedade.²⁵⁶

Segundo Haidt, os procedimentos de ensino “devem colocar o aluno em contato direto com coisas, fatos ou fenômenos que lhes possibilitem modificar sua conduta, em função e objetivos previstos”.²⁵⁷ Esse procedimento deve contribuir para que o aluno interaja, relacione e deduza. Para isso o professor deve considerar “a natureza do conteúdo a ser ensinado e o tipo de aprendizagem a efetivar-se”.²⁵⁸ Ao analisar esses critérios o/a educador/a definirá a metodologia que melhor se adequa ao conteúdo e a linguagem própria à condição cognitiva de seus educandos e educandas. Será observando esses aspectos que se estabelecerá o “como” ensinar i. é, que se definirão “as formas de intervenção na sala de aula para ajudar o/a aluno/a no processo de reconstrução do conhecimento”.²⁵⁹ De acordo com Vera Candau, “toda proposta didática está impregnada, implícita ou explicitamente de uma concepção do processo ensino-aprendizagem”. E por isso o processo precisa articular as dimensões humana, técnica e político-social, pois o ensino-aprendizagem deve envolver a relação humana.²⁶⁰

Sendo a proposta deste trabalho descobrir possíveis contribuições do pensador Rubem Alves para o Ensino Religioso, buscar-se-ão elementos na teopoética do autor como metodologia para alcançar objetivos pedagógicos.

4.1 O objeto e o objetivo do ensino religioso

Para um possível entrelaçamento entre o pensamento de Rubem Alves e o Ensino Religioso, necessário se faz revisar a situação desta disciplina no país. O princípio da laicidade adotado nos estados modernos, colocam o ensino religioso no centro de acalorados e polêmicos debates acadêmicos e intelectuais. O problema reside na relação entre ensino público e liberdade religiosa.²⁶¹

²⁵⁶ HAIDT, 2011, p. 83.

²⁵⁷ HAIDT, 2011, p. 106.

²⁵⁸ HAIDT, 2011, p. 107.

²⁵⁹ HAIDT, 2011, p. 107.

²⁶⁰ CANDAU, Vera Maria. A didática e a formação de educadores – da exaltação à negação: a busca da relevância. In *A didática em questão*, 2012 apud HAIDT, 2011, p. 111.

²⁶¹ PASSOS, 2007, p. 89.

Para a Constituição Federal de 1988, a religião é direito individual e a educação é direito social. O artigo 210, parágrafo primeiro, situa o ensino religioso no espaço público, escola e no espaço privado e na liberdade de consciência, instaurando aí um dilema.²⁶² A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional número 9394/96, no artigo 33,²⁶³ alterado pela Lei 9475/97, ao proibir o proselitismo, ao facultar a frequência e conceder aos sistemas de ensino a escuta de representantes das religiões, tenta superar o dilema.²⁶⁴ Contudo o dilema persiste, pois, o ensino republicano pressupõe separação entre igreja e estado.

Ainda de acordo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, o Ensino Religioso é uma das áreas de conhecimento.²⁶⁵ Contudo, não existem ainda parâmetros curriculares para a disciplina, que tenham sido elaborados pelo Ministério da Educação. A elaboração dos Parâmetros Curriculares do Ensino Religioso, pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, foi considerada um avanço, contudo o dilema permanece, ao se colocar o Transcendente como objeto de estudo do ensino religioso.²⁶⁶ Segundo Pauly, a transcendência não é elemento cognoscível. O estado laico não coaduna com interesses privados das religiões. Somente as experiências humanas com o Transcendente poderiam ser objeto do diálogo cognoscível.²⁶⁷

De igual modo a formação moral também não justificaria o Ensino Religioso por se transformar em religião civil, segundo a qual “os princípios transcendentais teriam a função precípua de consolidar a solidariedade social”.²⁶⁸ Segundo Passos, o convencimento a ser feito é demonstrar que o estudo da religião como área de conhecimento, goza de autonomia teórica e metodológica e como tal é capaz de subsidiar a prática de ensino religioso sem ferir a laicidade do estado laico. Como ciência tem finalidade pedagógica.²⁶⁹ O conhecimento da religião faz parte da educação geral e deve estar sob a responsabilidade dos sistemas de ensino.²⁷⁰

²⁶² BRASIL. Constituição 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1?concurso=CFS%202%202018>. Acesso em: 29 out. 2017.

²⁶³ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil, 1996.

²⁶⁴ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil, 1997.

²⁶⁵ BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 29 out. 2017.

²⁶⁶ FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

²⁶⁷ PAULY, Evaldo Luis. *O dilema epistemológico do ensino religioso*. Rev. Bras. Educ. [online], 2004, n. 27, p. 172-182. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782004000300012>>. Acesso em: 19 out. 2017.

²⁶⁸ AZEVEDO, 1981 *apud* PAULY, 2004, p. 174.

²⁶⁹ PASSOS, João Décio. Ensino Religioso: mediações epistemológicas e finalidades pedagógicas. In: SENA, Luzia (org.) *Ensino religioso e formação docente: ciências da religião e ensino religioso em diálogo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 23-45.

²⁷⁰ PASSOS, 2007, p. 26.

As Ciências das Religiões, seriam a base teórica e metodológica para abordagem da religião, o que não significa pretensão de educar dentro de determinados valores, mas de incluir a religião no universo dos objetos abordados na escola. Como fato social e antropológico a religião permeia a vida dos cidadãos que compõem o Estado plural e laico.²⁷¹ Para Passos

Ensina-se religião para ter maior consciência de seu significado na vida do indivíduo e sua função na sociedade. Discernir o dado religioso e assumir posturas cidadãs perante suas manifestações e relações com as dimensões da vida humana é uma habilidade indispensável para a educação dos cidadãos oriundos de qualquer credo, ou mesmo sem nenhum credo.²⁷²

Não se trata de transformar a escola em espaço de divulgação de conceitos e valores religiosos, alheios aos propósitos da escola, pois a escola é espaço de democratização do saber acumulado pela sociedade. Dessa forma, o Ensino Religioso deve ser

[...]espaço de empoderamento crítico do cidadão e cidadã ali encaminhados [...] e que se dá a medida em que é informado – sempre criticamente – sobre os processos materiais e sociais de criação, nesse caso dos valores, sobre os quais, portanto, coloca-se a sociedade na sua negociação e transformação histórica.²⁷³

A formação para a cidadania deve se fundamentar nos valores expressos na Constituição tais como cidadania, soberania, dignidade da pessoa humana. Um projeto político pedagógico deve ser estruturado sobre esses valores que norteiam todas as áreas do conhecimento, inclusive do Ensino Religioso. Ao estado republicano cabe definir os valores universais concernentes à vida pública, baseados na vontade e na soberania popular e é a submissão a ela que o estado democrático e de direito, a todos exige. A crença na soberania divina é privativa da consciência de cada cidadão.²⁷⁴

Aproximar-se do fenômeno religioso exige formação multifacetada, dada a complexidade do objeto de estudo. A princípio as Ciências das Religiões se orientaram pelas normas das Ciências Sociais e com isso veio o ateísmo metodológico. Hoje, os trabalhos recentes apontam para a dinâmica da interdisciplinaridade. Otávio Velho assinala a importância do “ouvido musical para a religião”. Pedro Ribeiro de Oliveira aborda a questão da neutralidade,

²⁷¹ PASSOS, 2007, p. 32-36.

²⁷² PASSOS, 2007, p. 37.

²⁷³ RIBEIRO, Osvaldo Luiz. “Não se justifica moralmente” – uma crítica ao modelo de ensino religioso como educação moral. In: SANTOS, Francisco de Assis Souza; GONÇALVES, José Mario; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (Orgs). *Ciências das religiões aplicadas: interfaces de uma ciência-profissão*. Vitória: Editora Unida, 2014. p. 185-201.

²⁷⁴ PAULY, 2004, p. 178.

que pode levar ao reducionismo.²⁷⁵ Luiz Felipe Pondé adverte que o “horror do invisível”, produz não neutralidade objetiva, mas, militância antirreligiosa.²⁷⁶ Para esse filósofo “o ‘ateísmo metodológico’ tem pavor de adentrar uma região da experiência interna humana que simplesmente desconhece, ainda que se diga especialista nela. Não seria a não-experiência do ‘tato religioso’ um caso particular e culturalmente recente de uma ‘miséria’ da cognição?”²⁷⁷

Na área da Fenomenologia, numa abordagem integralizadora, há uma tendência a recuperar e revalorizar “outras dimensões da razão que não conseguem ser apreendidas ou reconhecidas pelos aportes de uma restrita racionalidade ‘científica’”.²⁷⁸ Para Oliveira é necessário refletir no processo epistemológico e pedagógico do Ensino Religioso “a dimensão de sua natureza que transcende as culturas, tradições, denominações e confissões”. A busca por uma educação voltada para o humano em sua transcendência e unicidade, num contexto de diversidade, deve levar o educador a pesquisar e ampliar a sua área de cognição, para então trabalhar com a complexidade que é o Ensino Religioso.²⁷⁹

Para Faustino Teixeira,

Há aqui uma responsabilidade muito grande do educador em sua tarefa de apresentar o fenômeno religioso. Dele se exige não apenas um aprimoramento de conhecimentos teóricos sobre as religiões, mas um aperfeiçoamento de sua sensibilidade face ao enigma das religiões.²⁸⁰

Dessa forma o Ensino Religioso trata com a sensibilidade para com o “enigma da religião”, “o mistério e a alteridade”.²⁸¹ Parece instaurar-se aí um dilema. Por um lado, o Ensino Religioso requer cientificidade e por outro não pode negar-se transcendente. Haveria alguma possibilidade de complementaridade dessas dimensões? A tarefa que se impõe é, à luz do exposto procurar articular a linguagem religiosa que “por natureza é simbólico-evocativa, celebrativa, comunitária e narrativa”²⁸² com o discurso poético de Rubem Alves.

²⁷⁵ TEIXEIRA, Faustino. Ciências da Religião e “ensino do religioso”. In: SENA, Luzia (org.) *Ensino religioso e formação docente: ciências da religião e ensino religioso em diálogo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 63-77.

²⁷⁶ TEIXEIRA, 2007, p. 67-68.

²⁷⁷ PONDÉ, Luiz Felipe. Em busca de uma cultura epistemológica. In: TEIXEIRA, Faustino (org.) *A(s) Ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*. 2. ed. São Paulo: 2008. p. 57.

²⁷⁸ TEIXEIRA, 2007, p. 69.

²⁷⁹ OLIVEIRA, Lilian Blanck de et al. *Ensino Religioso: fundamentos e métodos*. São Paulo: 2007. p. 161.

²⁸⁰ TEIXEIRA, 2007, p. 74.

²⁸¹ OLIVEIRA, 2007, p. 105.

²⁸² OLIVEIRA, 2007, p. 118.

4.2 A religião como linguagem poética

Segundo Antonio Magalhães, Rubem Alves foi pioneiro em articular poesia e teologia. Na sua obra “Deus no espelho das palavras” ele deixa claro que apesar de não se preocupar em discutir teoria nem método, foi o primeiro a se apropriar de uma forma de fazer teológico que pode ser incluído dentro da teopoética, [...] Rubem Alves foi assumindo de maneira crescente uma fala sobre Deus, que tem nos poetas e outros autores da literatura os principais interlocutores na apresentação de suas imagens sobre Deus.²⁸³

Para Rubem Alves,

[...] temas teológicos não são novos objetos de racionalização e conceituação, mas antes de tudo, residem nos corpos das pessoas [...] a consciência é uma extensão do corpo, que apreende o mundo em dimensões sensitivas e emocionais. Consciência não nega, portanto, as dimensões consideradas inferiores por uma visão de mundo comprometida com a dicotomia que separa razão da emoção e reflexão da experiência.²⁸⁴

Para Alves, a religião dialoga com a cultura e com os desejos posto que religião é “teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza”.²⁸⁵ A religião relaciona-se com a imaginação, com desejos, com vontade de poder, de dignidade. E a maneira de fortalecer e manter a beleza da religião é através da linguagem. Rubem Alves afirmou que “queria reinventar as palavras [...] Porque as palavras de tantas repetições, vão ficando gastas e, de repente, nada mais são que cascas de cigarra, vazias, agarradas aos troncos rugosos das árvores, testemunhos de um espaço onde esteve a vida”.²⁸⁶

Através da poesia questões da vida e da morte se desvelam. O diálogo entre poetas e autores da literatura é capaz de dar sabor de vida à teologia. Para Alves

Teologia é um brinquedo que faço.
É possível plantar jardins,
pintar quadros,
escrever poemas,
jogar xadrez,
cozinhar, fazer teologia...
Claro que um jogo não exclui o outro.²⁸⁷

²⁸³ MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 144.

²⁸⁴ MAGALHÃES, 2000, p. 145.

²⁸⁵ ALVES, 2013, p. 24.

²⁸⁶ ALVES, 1987, p. 35.

²⁸⁷ ALVES, 1987, p. 19.

A igreja e a tradição mantêm a fé e a experiência religiosa cativas num mundo conceitual, mas para Rubem Alves a poética é o melhor meio de resgatar as verdades da fé. A religião tem uma maneira de expressar as verdades das coisas, diferente da ciência.²⁸⁸

Ela não pode descrever ou explicar presenças. Deus não é um objeto dado entre outros. Religião é imaginação, voo do amor para a terra da fantasia, onde habitam o possível e o impossível, e o milagre que torna possíveis os impossíveis, a gravidez das estereis e das virgens, a ressurreição dos mortos, projeto utópico, horizonte de uma nostalgia, luz sobre um rosto que caminha, saudade de uma presença que se busca. Seu lugar são os gelos glaciais ou os desertos tórridos – longe dos oásis. Nos oásis estão os ídolos (Nietzsche), os patos domesticados, a obesidade, o muito comer, a saciedade, a flacidez, a vontade morta (...). Nos gelos e nos desertos estão os projetos, o desejo de partir, a nostalgia pelo calor do sol e pelo frescor da sombra, o inclinar-se para o ausente e distante(...)²⁸⁹

A literatura na teopoética de Rubem Alves está cheia de teologia. Na poesia existem traços característicos da reflexão teológica. A teopoética de Rubem Alves contrapõe ao discurso racional que um dia foi narrativa poética da fé. É através dessa linguagem que é possível o saber teológico reemergir da racionalidade à qual foi subjugada. Segundo Rubem, na teopoética, o fazer teológico não aprisiona Deus e não se racionalizam práticas morais e éticas. Voa em outra direção fazendo arte com a linguagem e com as palavras, deixando-se levar pela criatividade, unindo beleza e verdade. Através da poesia acredita-se ser possível incitar pessoas à sensibilidade e à transcendência muito antes que à conscientização histórica.²⁹⁰

4.3 A teopoética de Rubem Alves como aporte para o Ensino Religioso

Com Santo Agostinho, Rubem Alves aprendeu que existem coisas para serem utilizadas e coisas para serem usufruídas. A poesia o fez sensível às belezas que há no mundo e que devem ser gozadas. A filosofia o fez olhar criticamente a realidade, o mundo, o ser humano, a vida e as várias dimensões adjacentes. A ciência mostrou-lhe que para conhecer o mundo humano, “é necessário silenciar sobre os homens. Antes de tudo é necessário um anti-humanismo metodológico”²⁹¹

²⁸⁸ MAGALHÃES, 2000, p. 146.

²⁸⁹ ALVES, 1982 apud MAGALHÃES, 2000, p. 147.

²⁹⁰ MAGALHÃES, 2000, p. 148.

²⁹¹ ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 17.

A psicanálise mostrou-lhe que “o discurso sobre as ausências, discursos dos sonhos, das esperanças, tem o seu lugar na interioridade de nós mesmos, explodindo, emergindo, irrompendo sem permissão, para invadir e embaraçar o mundo tranquilo, racional e estabelecido de nossas rotinas institucionais”.²⁹² Mostrou-lhe também o corpo com seus símbolos e linguagens. A linguagem poética ou metafórica, a principal. A linguagem poética é a linguagem do desejo. Diferente da compreensão metafórica de Aristóteles, que via a linguagem figurada como desvio ilustrativo para se chegar à abstração dos conceitos. Para Rubem Alves, é a linguagem poética a linguagem essencial do corpo.²⁹³

De acordo com Nunes, existe uma “linguagem tecida pela consciência que não é capaz de nomear senão o que é mais superficial e medíocre da nossa experiência e uma linguagem que é capaz de apreender o singular, o raro, o devir”. Para Rubem, a razão é limitada para apreender toda a realidade, “o essencial não se encontra na consciência, mas em algo que a antecede. Ele se volta para aquele território do indizível, o inconsciente primordial, ou como ele prefere, o corpo, mas que não são a mesma coisa. As ideias do corpo não são as mesmas da consciência”.²⁹⁴

A maneira como Rubem Alves pensa e escreve sobre a educação, através de contos, fábulas, histórias e crônicas,²⁹⁵ revela a sua proposta de educação e ao mesmo tempo a sua capacidade imaginativa. Para ele “a educação deve ser erótica, herética e estética”. Os princípios educacionais devem basear-se nos princípios dos artistas, que mexem com a imaginação, revelam o escondido. E por isso afirma:

[...] o artista é aquela pessoa que o tempo todo está desconfiado de que alguma coisa está escondida. Ele não se contenta com os frutos do jardim da natureza, tão bela! O artista ouve o som da natureza, mas não se contenta. Ele quer surpreender uma beleza surpreendente, que a natureza não produziu. Nós não nos contentamos com os sons dos pássaros, dos rios. Então temos Vivaldi, Milton Nascimento, Bach. Temos as cores das árvores e das flores, mas não nos contentamos. Queremos Picasso, Monet, Van Gogh.²⁹⁶

Sabe-se que a imaginação fundamenta tanto a ciência quanto a poesia²⁹⁷. A crítica que Rubem Alves faz à educação tradicional é o pouco valor que ela dá à formação humana. Usando o artifício da analogia Rubem Alves vai falar que o seu sonho para a educação é que o ser

²⁹² ALVES, 1989, p. 19.

²⁹³ NUNES, 2008, p. 84.

²⁹⁴ NUNES, 2008, p. 88.

²⁹⁵ NUNES, 2008, p. 171.

²⁹⁶ ALVES, 1995 *apud* NUNES, 2008, 189.

²⁹⁷ ALVES, 2015, p. 181

humano possa reencontrar o paraíso, lugar de felicidade.

Para Rubem, o educador/a é aquele/a que junto com o educando/a sonha, constrói. A analogia é essencial para o pensamento pois esclarece o desconhecido. “Um bom professor tem que ser mestre de analogias”²⁹⁸. A arte literária é, portanto, um jogo. Joga-se com coisas ausentes. Brinca-se com as palavras e ao brincar com coisas ausentes, que não existem, aprende-se a brincar.²⁹⁹

No seu primeiro livro sobre educação “Conversas com quem gosta de ensinar”, Rubem Alves faz um contraponto entre educador e professor. Ele fala sobre o professor que se deixou aprisionar pela instituição, “trabalho forçado, trabalho para o outro, trabalho sem investimento erótico” e por fim ele pergunta “se a nossa domesticação não começou justamente quando nos deixamos hipnotizar pelas canções de amor que a ciência nos cantou [...]”. O poder enfeitiçante da linguagem. “Deixados para trás os anos de paixão religiosa, para que textos sagrados nos voltamos? De onde retiramos a inspiração para nossa meditação?”³⁰⁰

E assim as escolas sucumbiram ao “feitiço” da ciência. Só se importam com o intelecto. Não se deve, portanto, estranhar o silêncio diante das questões da vida. Mas, se “a palavra tem poder” e o educador trabalha com a palavra, há esperança. E então Rubem convida aquele que só tem nas mãos a palavra a um ato de exorcizar e quebrar o feitiço. Para ele o educador/a é um fundador/a de mundos, mediador/a de esperanças, pastor/a de projetos.³⁰¹

A experiência religiosa também trabalha com “horizontes utópicos que olhos não viram e que só podem ser contemplados pela magia da imaginação”.³⁰² O fascínio pela ciência levou o ser humano a reprimir o desejo, o amor, a paixão e a esperança. Embora a ciência tenha rejeitado a imaginação como erro e falsidade é ela que se constitui como ferramenta da literatura e para romper com paradigmas, a imaginação é fundamental.

O Ensino Religioso que quer contribuir para o “desenvolvimento de relações comprometidas do ser humano consigo mesmo, com os outros, com o mundo, com o que lhe é incompreensível, [...] e a formação integral da pessoa, de forma intuitiva, consciente, crítica [...]”³⁰³ não pode abrir mão da literatura como aporte para o ensino.

Uma das críticas à presença do Ensino Religioso nas escolas, decorre da maneira como a religião é vista e ensinada, pelos “burocratas da religião”. “Toda religião que pretenda ter

²⁹⁸ ALVES, 2012, p. 88.

²⁹⁹ ALVES, 1994, p. 77-79.

³⁰⁰ ALVES, 1989, p. 23-25.

³⁰¹ ALVES, 1989, p. 28-29.

³⁰² ALVES, 2013, p. 125.

³⁰³ OLIVEIRA, 2007, p. 162.

conhecimento científico do mundo é ridícula”.³⁰⁴ Citando o filósofo Ludwig Wittgenstein, que criou a expressão “jogos de linguagem” para descrever aquilo que se faz ao falar, Rubem vai falar dos vários jogos de linguagem. Piada é um jogo, ciência é um jogo, poesia é um jogo. Poesia é brincar com as palavras, brincar com os sonhos. E não “é no mundo encantado de sonhos que nascem as fantasias religiosas”?³⁰⁵

Ainda falando sobre os sonhos ele diz:

[...]as religiões, caleidoscópios de absurdos, se configuram agora como símbolos oníricos dos segredos da alma, incluindo a nossa. Por trás dos mitos e ritos, cerimônias mágicas e benzeções, procissões e promessas, podemos perceber os contornos, ainda que tênues, do homem que espera uma nova terra, um novo corpo. E seus sonhos religiosos se transformam em fragmentos utópicos de uma nova ordem a ser construída.³⁰⁶

O estudo da religião pressupõe a percepção de como o discurso religioso transforma coisas brutas e vazias em portadoras de sentido, a ponto de fazerem parte do mundo humano, como se fossem expressões do ser humano. É estranha a mágica do discurso religioso. É que para a religião, não importam os fatos. Para Rubem Alves a religião “tem o poder, o amor e a dignidade do imaginário”.³⁰⁷

Segundo Oliveira, “o Ensino Religioso deve caracterizar-se, ainda, como agente incentivador de práticas que favoreçam relações interpessoais mais humanas e fraternas para cultivar a esperança de um mundo melhor aqui e agora”.³⁰⁸ A educação dos sentidos, conforme sugerido por Rubem Alves, vai ao encontro desse objetivo. Era tão importante para ele educar os sentidos que ele escreveu um livro com este tema. E essa forma de educar vai depender de um educador, aquele “jequitibá” que Rubem Alves mencionou em “Conversas com quem gosta de ensinar”. Um educador que “habita um mundo em que a interioridade faz uma grande diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos”.³⁰⁹

Uma citação de Norman O. Brown mostra a consequência de uma educação onde se perdeu a sensibilidade. “[...] estabelecemos como valor supremo, o cultivo da inteligência pura [...] é uma consequência de perda de sensibilidade, expressão de uma morte precoce e, em última instância, loucura racionalizada”.³¹⁰

³⁰⁴ ALVES, Rubem. *Lições do velho professor*. São Paulo: Papirus, 2013. p. 175.

³⁰⁵ ALVES, 2013, p. 174.

³⁰⁶ ALVES, 2013, p. 97.

³⁰⁷ ALVES, 2013, p. 29-31.

³⁰⁸ OLIVEIRA, p. 162.

³⁰⁹ ALVES, 1989, p. 15.

³¹⁰ BROWN, 1974 *apud* ALVES, 1989, p. 41.

Como Nietzsche, Rubem via o corpo como a grande razão. Para ele é no corpo que está a condição de aprendizagem pois, “a sabedoria do corpo o impede de sentir, apreender, processar, entender, resolver problemas que não estejam diretamente ligados às suas condições concretas”. Por isso o corpo só preserva aquilo que lhe for útil ou que lhe dá prazer. E é a psicanálise que diz: “não é o *insight* intelectual que decide a batalha terapêutica, mas antes o amor. A ‘verdade’ não tem o poder para moldar o comportamento: o comportamento emerge de emoções, e somente as ideias que sejam representantes de emoções podem de alguma forma influenciar a ação”.³¹¹

A primeira tarefa da educação é ensinar a ver, pois ver não é coisa natural. Os poetas sabem bem disso. “Temos dois olhos. Com um contemplamos as coisas do tempo, efêmeras, que desaparecem. Com outro contemplamos as coisas da alma, eternas, que permanecem”.³¹² Para aprender a amar e viver junto, o mais importante é aprender a ouvir. “Temos dois ouvidos. Com um escutamos os ruídos do tempo, passageiros, que desaparecem. Com outro ouvimos a música da alma, eterna, que permanece”.³¹³ “A magia do poema não está nas palavras do poeta, está nos interstícios silenciosos que há entre as suas palavras”.³¹⁴ O educador sabe ouvir. É preciso ouvir as crianças. É preciso ouvir os sons da natureza. Poesia é música. É preciso acordar os ouvidos.

Talvez, uma das principais contribuições de Rubem Alves às Ciências da Religiões, em especial ao Ensino Religioso, seja o fato do autor utilizar-se da literatura, da linguagem metafórica e das estórias para de maneira implícita esboçar uma proposta de educação não massificadora e nem domesticadora do corpo. A ênfase que ele dá ao corpo e ao ato de contar estórias como dinamizadoras do ato de aprender seria o viés capaz de articular o Ensino Religioso às outras disciplinas. O Ensino Religioso como parte integrante da formação básica do cidadão, não pode se concretizar alijado da educação como um todo. Se o objetivo geral da educação é a formação do cidadão, o Ensino Religioso deve caminhar junto.

As disciplinas ensinadas no Ensino Fundamental objetivam muito mais que o ensino de suas teorias. A História, além de conscientizar sobre o passado, intenciona uma postura do aluno e da aluna, no presente. Assim também a Biologia, que além da lógica da vida, conclama uma postura diante da vida. “Ensina-se religião para se ter maior consciência do seu significado na vida do indivíduo e também a sua função na sociedade”.³¹⁵

³¹¹ ALVES, 1989, p. 95.

³¹² SILESIUS *apud* ALVES, Rubem. Educação dos sentidos e mais... 10 ed. São Paulo: Verus, 2014. p. 33.

³¹³ ALVES, 2014. p. 33.

³¹⁴ ALVES, 2014. p. 26.

³¹⁵ PASSOS, 2007, p. 78.

As diferenças culturais e religiosas existentes num mundo globalizado, impõem aos cidadãos uma visão crítica, tolerância e relacionamentos com alteridades. Passos, citando Morin diz que “É preciso rever as cegueiras do próprio conhecimento fragmentado e absolutizado, resgatar uma visão global do ser humano inserido na natureza e na sociedade e preparar as gerações para a sobrevivência e convivência planetária”.³¹⁶

A crítica que Rubem Alves faz ao Ensino Religioso na Escola é quando se quer transformar textos religiosos em teoria científica, pois para ele

[...] religião é uma linguagem[...]
Um jeito de falar sobre o mundo...
Em tudo, a presença da esperança e do sentido...
Religião é tapeçaria que a esperança constrói com palavras.
E sobre estas redes as pessoas se deitam.
É. Deitam-se sobre palavras amarradas umas nas outras.
Como é que as palavras se amarram?
É simples.
Com o desejo.
Só que, às vezes, as redes de amor viram mortalhas de medo.
Redes que podem falar de vida e podem falar de morte.
E tudo se faz com as palavras e o desejo.
Por isso, para se entender a religião, é necessário entender o caminho da linguagem.³¹⁷

Mediante o exposto, acredita-se que educação e religião no pensamento de Rubem Alves pode contribuir para reencantar o Ensino Religioso através da ressignificação da religião, das histórias e da poesia pois uma educação plena e de qualidade não abre mão da afetividade, da sensibilidade e nem da alteridade.

³¹⁶ PASSOS, 2007, p. 79.

³¹⁷ ALVES, 1984, p. 5.

CONCLUSÃO

Ao pesquisar acerca do pensamento de Rubem Alves sobre Religião e Educação, percebe-se que sua concepção crítica advém muito da sua experiência tanto na academia quanto na vida eclesiástica. Ele se coloca contra a postura de uma instituição religiosa que se mostra alheia às demandas de uma sociedade carente de transformações e que se considera detentora do conhecimento do sagrado. O seu argumento é que o sagrado não se deixa aprisionar por instituições e nem por palavras. Como pássaro engaiolado, perde o canto.

A crítica que Rubem faz à Teologia, como suposta ciência do divino, não encontra eco num contexto de fundamentalismo teológico, onde o poder institucional é usado como legitimador teológico. Para Rubem Alves, não é possível falar sobre Deus. A Teologia não é ciência de Deus. Não pode analisar, descrever e nem sacramentar verdades absolutas. O máximo que se pode fazer é dar palpites. Teologia é poesia, é sapiência, é saber com sabor. Tem a ver com o ser humano, com a sua história.

A teologia de Rubem Alves, por ser poesia, é subversiva. É crítica da realidade. Diz o que não pode ser dito, usando metáforas. Usa elementos da imaginação, da magia, do lúdico, do erótico e do poético. Ao usar esses elementos consegue denunciar ausências e ao mesmo tempo fazer sonhar com elas. A linguagem poética é simbólica, desperta sonhos, desejos e esperanças.

Quando a beleza invade o discurso teológico, contagia, faz surgir amantes ao contrário das convicções que só constroem inquisidores. O seu desejo era conseguir conspiradores para transformar vale de ossos secos em crianças felizes. A sua forma de fazer teologia contribuiu para ampliar os limites do sagrado, e também, enriqueceu o cotidiano humano, numa sociedade tão fragmentada.

Rubem Alves desenvolveu seu pensamento aproximando-se de vários pensadores, das mais diversas áreas. A interdisciplinaridade marcou a vida do autor. Bebeu em muitas fontes. Dialogou com profetas, teólogos, poetas e filósofos. Ora concordando, ora criticando, ora resignificando as ideias de vários pensadores, ele construiu sua própria filosofia.

O fato de Rubem Alves escrever de forma fragmentada, impõe ao pesquisador cautela e sensibilidade, torna-se, portanto, um desafio. Por não ter sistematizado uma proposta pedagógica, não significa que a sua obra não contenha tal proposta. É possível perceber, desde as suas primeiras obras, “nas conversas e nas histórias com quem e de quem gosta de ensinar” uma proposta de educação. Depois dessas, vieram muitas outras. Sempre chamando atenção para a dialética entre razão e emoção. Para ele somente articulando razão e paixão é que se dá

a aprendizagem. Somente a força do amor e do desejo movem o ser humano.

Rubem Alves foi um apaixonado pela educação, mas não nos moldes tradicionais. Foi um crítico da educação desvinculada da vida, educação tecnicista. Rompeu com a concepção iluminista que exaltava e absolutizava a razão ao mesmo tempo que desprezava a dimensão estética e erótica. Conhecimento para ele é coisa de corpo inteiro. Ele não coadunava com uma visão essencialista do ser humano, que para ele, trata-se de um ser histórico e social. É a partir desses pressupostos que ele desenvolverá a sua proposta de educação. Educação dos sentidos, educação com prazer. O educador como um “pastor de sonhos”, contador de histórias. Construtor de mundos.

A religião como fato social e antropológico permeia a vida dos cidadãos que compõem o estado plural e laico. O Ensino Religioso, como subárea das Ciências das Religiões, goza de autonomia teórica e metodológica para estar na escola sem ferir o princípio do estado laico. O conhecimento da religião faz parte da educação geral e deve ser estruturado com base nos valores expressos na Constituição, como as outras áreas do conhecimento. Deve contribuir para o desenvolvimento de relações mais humanas e fraternas e cultivar a esperança de um mundo melhor.

As contribuições de Rubem Alves ao estudo da religião, como a ênfase na antropologia, a contação de histórias, o uso de metáforas e poesia articulam-se com o Ensino Religioso. Educação e religião no pensamento de Rubem Alves estão entrelaçadas. Seu sonho para a educação é que houvesse prazer, alegria e felicidade tanto para educandos/as quanto para educadores e educadoras, como num paraíso. Sua proposta é de “uma escola viva em que a vida da escola não se encontre separada da escola da vida”.³¹⁸

Uma proposta de Ensino Religioso que busque aporte nas contribuições do pensamento de Rubem Alves deve observar o que o próprio autor escreveu sobre o tema: “Eu concordaria com o ensino das religiões nas escolas se elas fossem ensinadas da mesma forma como se ensina poesia. [...]. Eu concordaria se os mestres fossem poetas [...]”.³¹⁹

Abordar educação, e em especial o Ensino Religioso, em meio a diversidade cultural e religiosa existente no país, constitui uma tarefa que não se encerra jamais. O desafio anima à continuidade e ao empenho na busca por novos caminhos. Contudo, algumas considerações se apresentam na busca por um ensino que faça sentido num contexto de autonomia e liberdade.

O Ensino Religioso não pode ser simplesmente transmissão de conhecimentos religiosos e nem pode se deter em verbalismos abstratos. O Ensino Religioso deve buscar o

³¹⁸ NUNES, 2008, p. 203.

³¹⁹ ALVES, 2013, p. 175.

desenvolvimento e a formação integral do ser humano de forma intuitiva, consciente, crítica, comunitária, participativa e levar o aluno e a aluna a comprometer-se com a realidade social, política e econômica, como um agente transformador. Deve ainda favorecer relações interpessoais humanas e fraternas e cultivar a esperança de um mundo melhor.

A proposta de uma educação que leve em conta não apenas a ciência, mas a sabedoria do corpo e dos sentidos, que proporcione aquisição de conhecimentos, mas também afetividade, é, pois, a maior contribuição de Rubem Alves à Educação e por extensão ao Ensino Religioso. O uso que Rubem Alves faz da linguagem poética para explicitar a sua proposta pedagógica pode não ser compreendida por muitos, mas aponta pistas e caminhos para uma educação onde prazer e conhecimento se interpenetrem.



REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. São Paulo, Paulus, 2002. Livro I. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=UeO5DAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=patristica+a+doutrina+santo+agostinho&hl=ptBR&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=patristica%20a%20doutrina%20santo%20agostinho&f=false>. Acesso em: 30 set. 2017.
- ALMEIDA, Patrícia Ribeiro de. *O mundo é redondo como a rosa: imaginação poética e criação pedagógica*. Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2013. p.45-46. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=11&Itemid=76&lang=ptbr&filtro=patricia%20ribeiro>. Acesso em: 04 out. 2017.
- ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais...* 10 ed. Campinas, SP: Verus editora. 2014.
- _____. *A alegria de ensinar*. São Paulo. Ars Poetica, 1994.
- _____. *A gestação do futuro*. Tradução de João Francisco Duarte Junior. Campinas, SP. Papyrus, 1986.
- _____. *A pedagogia dos caracóis*. São Paulo: Verus Editora, 2010.
- _____. *Da esperança*. Tradução João Francisco Duarte Jr. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1987.
- _____. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- _____. *Lições do velho professor*. Campinas: Papyrus, 2013.
- _____. *O enigma da religião*. Campinas: Papyrus, 1988.
- _____. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 13 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- _____. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- _____. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- _____. *O que é religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- _____. *O velho que acordou menino*. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2015.
- _____. *Poesia, profecia, magia: meditações*. Rio de Janeiro: CEDI, 1983.
- _____. *Por uma educação romântica*. São Paulo: Papyrus, 2002.

BARTHES, Roland. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 29 out, 2017.

BRASIL. Constituição 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1?curso=CFS%202%202018>. Acesso em: 29 out. 2017.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos; uma história da igreja cristã*. Trad. Israel Belo de Azevedo, Valdemar Kroker. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CERVANTES ORTIZ, Leopoldo. *A Teologia de Rubem Alves: Poesia, brincadeira e erotismo*. Trad. Eleonora Frenkel Barreto. Campinas: Papirus, 2005.

CORTELLA, Mario Sergio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso*. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

GONÇALO JUNIOR. *É uma pena não viver: uma biografia de Rubem Alves*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

HAIDT, Regina Célia Cazaux. *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2011.

HINTERLANG, Cristina. *Contribuições da literatura de Monteiro Lobato: Um estudo sobre a formação de leitores na perspectiva de docentes do Ensino Fundamental, anos iniciais, da região Sudoeste do Paraná*. 2012.164 f. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/4/TDE-2012-07-10T152216Z-761/.../cristina.pdf> Acesso em: 27 mar. 2017.

LIMA, Marcos Antonio Martins; MARINELLI, Marcos. *A epistemologia de Gaston Bachelard: uma ruptura com as filosofias do imobilismo*. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis, v.45, n. 2, p.393-406, 2011.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MARIA, Luzia de. *Amor literário: dez instigantes roteiros para você viajar pela cultura letrada*. Rio de Janeiro: Ler e Cultivar, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012.

NUNES, Antônio Vidal. *Corpo, linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves*, São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, Lilian Blanck de et al. *Ensino religioso: fundamentos e métodos*. São Paulo: 2007.

PASSOS, João Décio. *Ensino religioso: construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAULY, Evaldo Luis. *O dilema epistemológico do ensino religioso*. Rev. Bras. Educ. [online], 2004, n.27, pp.172-182. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782004000300012>>. Acesso em: 19 out. 2017.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 28 jul. 2017.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 28 jul. 2017

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores... o pensamento teológico de Rubem Alves*. 2 ed. rev. atual. São Leopoldo: Oikos, 2014.

SANTOS, Francisco de Assis Souza; GONÇALVES, José Mario; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (Orgs). *Ciências das religiões aplicadas: interfaces de uma ciência-profissão*. Vitória: Editora Unida, 2014.

SCOFANO, Reuber Gerbasi. *Estética e educação: uma aproximação entre Gaston Bachelard e Rubem Alves*. Revista Virtual En_Fil – UFF, Núcleo de Filosofia, Política e Educação, Rio de Janeiro, ano 2, n.4, 2014. Disponível em: <en-fil.net/ed4/conteudo/index_004_reuber.php>. Acesso em: 3 out. 2017.

SENA, Luzia (org.) *Ensino religioso e formação docente: ciências da religião e ensino religioso em diálogo*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *A (s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*. 2. ed. São Paulo: 2008.

USARSKI, Frank (org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.